# IMPERIO

E

# REPUBLICA

## DICTATORIAL

POR

ALBERTO DE CARVALHO

"A verdade só"

CAPITAL FEDERAL
Imprensa Mont'Alverne, Uruguayana 43
1891

# INTRODUCÇAO

Não tenho a pretenção de ter escripto um livro.

Esta obra constitue simplesmente uma serie de esboços descriptivos e de estudos criticos á respeito dos homens, dos assumptos e dos acontecimentos mais importantes da nossa politica contemporanea.

Assim reduzida ás suas modestas e reaes proporções, devo comtudo dizer que foi escripta fóra do influxo das paixões politicas, e com o espirito estreme de preconceitos e de odios.

Ella constitue os lineamentos de um livro que, se tivesse lazer e forças, quizera eu escrever, marginando os tempos mais proximos e abrangendo em estudos desenvolvidos todas as questões modernas da politica brasileira.

O tumulto da minha vida de trabalhos forenses, não me tem até hoje consentido tal emprehendimento.

Nas paginas que se seguem procurei só a verdade.

Poderei, á primeira vista, parecer ter sido contradictorio em diversos pontos do meu trabalho.

Será isso devido á que converti minha palavra em echo das acções que descrevi, e quando ellas se me afigurárão grandes e elevadas, não pude deixar de soltar o grito de admiração que arrancárão á minha consciencia.

Amante ideal da liberdade, detive-me diante de todas as grandezas que encontrei, e deplorei e condemnei todas as miserias que vieram confranger-me a alma.

Assim, penso que irmanei a minha, á alma contemporanea brasileira que vive dividida entre enthusiasmos e desalentos.

Como ella, fui arrastado pelos acontecimentos nas desencontradas e oppostas impressões que elles produzîrão.

Acompanhei o imperio na contemplação das suas derradeiras pompas, e acerquei-me do berço da Republica, rodeado de soldados e ensombrado pelas armas.

A historia dos outros povos e a tradição do ideal republicano no Brasil, nos haviam habituado á esperar ver um dia esse berço surgir aureolado em meio de uma victoria popular, amparado pelo braço plebeu.

Entre essa esperança, e a realidade, collocou-se a desillusão.

Não póde haver crime em dizel-o.

Só confio nas conquistas da democracia genuinamente popular, e afigura-se-me que aquilato a extensão de todos os desfallecimentos e tibieza da geração politica coeva.

Essa geração, que, aliás, assistiu á grandes acontecimentos humanos, e sobre a qual paira o reflexo do nosso seculo, um dos mais illustres da historia, não possue virtudes fortes nem inflexiveis principios; vacillante e incerta viajora da estrada dos tempos, como Paulo não foi deslumbrada pelo fulgor da verdade, como Pedro, não se offereceu á morrer por ella, como Leonidas, não quiz perecer pela Patria e pela Liberdade; Magdalena da Politica, não será no seu tumulo que o porvir escreverá o epitaphio da antiguidade: «Arreda, viandante, calcas uma cinza heroica.»

Viveu escrava da força e exerceu o despotismo dos preconceitos contra os fracos.

Outra inscripção lapidaria lhe não abrirá a Historia, na pedra dos sepulcros, quando um atomo em seguida a outro atomo, individuo após individuo, fileira por fileira, camada por camada, idade depois de idade, ella se for deitando no pó dos cemiterios em toda a vasta e opulenta superficie que lhe foi berço.

Assim, com o espirito dividido entre a admiração e a reprovação, aqui levado de enthusiasmo, alli conturbado e desilludido, tive diante dos olhos, na successão dos factos que analysei e no cortejo dos homens que encontrei, numerosos exemplos de grandeza de alma, de heroicos esforços, de nobre coragem, assim como de lamentaveis fragilidades, e de toda a especie de traições á Justiça, á Verdade e á Historia.

Não vacillei em reconhecer as elevadas virtudes privadas que nobilitam a pessoa de D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brasil, assim como não trepido em affirmar que os defeitos do seu caracter de soberano, inutilisam essas suas qualidades individuaes.

Registrei as causas que parecêrão-me ter posto fim á Escravidão.

Deplorei a instituição da Dictadura.

Conservei-me fiel á minha consciencia e á verdade.

Não pretendi agradar nem offender.

Só procurei, em todos os tempos, combater o despotismo.

Lamentei o espectaculo e pungente exemplo de homens dedicados á liberdade fóra do governo, e no poder partidarios do absolutismo.

Não conheço mais fundo infortunio politico, nem mais cruel expiação.

Em meio, pois, dessas vacillações dos homens, só pode-se acreditar e confiar na força vital da Patria, e na invencibilidade do principio da liberdade no seculo em que vivemos.

ALBERTO DE CARVALHO.

## DECADENCIA E EXTINCÇÃO DA ESCRAVIDÃO

---

Entramos n'estas paginas por um portico sombrio: uma das suas faces dá para o passado ensombrado de densas trevas e lugubres horrores, em meio dos quaes ergue-se o echo doloroso dos lamentos do escravo: a outra voltada para o futuro banha-se na luz da moderna civilisação.

Sobre este monumento campeia a Monarchia.

O crepusculo do passado amortalhou-lhe a pujança—e no mar de luz do futuro vai baquear o que ainda lhe resta de vida.

Sobre ella passa rijo o sopro da fatalidade no correr do tempo, o grande destruidor.

A escravidão era uma das instituições secundarias componentes da propria instituição da monarchia.

Bronzeo e secular laço que ligava-lhe os destinos ao das classes influentes e poderosas da sociedade brasileira, sem que o pudessem siquer oxydar ou abrandar as lagrimas, tambem seculares, das victimas, que passárão sobre o nosso sólo no cortejo de muitas gerações.

Em 1848 o fremito da revolução da França havia despertado nas suas colonias o grande instincto da liberdade.

Doze annos levara elle para impregnar o grande organismo social dos Estados-Unidos da America do Norte.

Em 1860 o grito da liberdade dos escravos echoou em toda a União, e dispertou a guerra de secessão.

Nos campos fecundos desse nobre paiz, eis alçado o brandão da guerra civil, disputando aqui a escravidão, alli a liberdade !

Como immensos gigantes, filhos da America, levantão-se á pelejar numerosissimos exerçitos.

Prosperas e populosas cidades, profundas mattas, as margens dos maiores rios do mundo, são os campos de batalha onde se degladião e pelejão os defensores dos oppostos e irreconciliaveis principios da escravidão e da liberdade.

Cada qual destes principios tem a sua capital.
A escravidão—Richmond.
A liberdade—Washington.

Pequeno ainda era esse immenso e variado campo de batalha.

Tomando o mar alto, as marinhas do norte e do sul, forão até ás aguas da Europa ferirem combates navaes—para que nenhum genero de lucta faltasse á esse duelo gigantesco, e que no seu delirio de sangue e mortandade nenhuma arma ficasse em olvido, e todos os climas e todos os mares testemunhassem essa implacavel e mutua perseguição de odios, que só se pudêrão reconciliar nos grandes tumulos cavados nos campos de batalha encharcados de sangue, e nos abysmos do oceano.

Essa lucta prolongada e titanica abalou com seus repetidos choques, o mundo da escravidão.

Em 1865, o incendio de Richmond firmou a victoria da libertação dos escravos da America do norte.

Doze annos, como dissemos, levára o exemplo das colonias francesas, á côar a sua influencia no cerebro e na consciencia da nação norte-americana.

Outro, porêm, muito mais intenso e fecundo, pelas tragicas e historicas circunstancias em que se desenvolvêra, fôra o exemplo que a bem da liberdade dos escravos, dêram á sua vez os Estados-Unidos.

A vibração desse espirito de liberdade, trazida na narrativa dos immensos sacrificios que inspirára e dos heroismos que produzira — repercutida nos estrondos das batalhas, e como que fluctuante nas cristas dessas ondas onde ferira muitos dos seus combates, veiu dentro do espaço de cinco annos victoriosamente bater ás nossas praias onde outr'ora tinhão aportado tantos navios negreiros!

O seu embate feriu a escravidão brasileira, e a Regencia sentindo pulsar-lhe o coração, levou ás camaras e promulgou a lei do ventre livre.

Senão morta, pelo menos a escravidão sahiu infamada desse debate.

Não lhe valeu o exemplo da tradição antiga, a recordação dos mercados de escravos da Grecia, o confronto da escravidão romana, dura, crudelissima, sanguinaria, cheia de torturas e agonias.

A eloquencia de Torres-Homem, Visconde de Inhomerim, arremeçou-lhe como flammejante vituperio, a celebre phrase que ficará como um dos mais bellos modelos da eloquencia brasileira:

« Os seres de que se trata não existem ainda: a poeira de que seus corpos serão organisados, ainda fluctua dispersa sobre a terra, a alma immortal, que os tem de animar, ainda repousa no seio do poder creador serena e livre, e já o impio escravagista os reclama como sua propriedade, já os reivindica do dominio de Deus para o inferno da escravidão ! »

Nesse grito de sublime indignação o orador brasileiro pôz em relevo o mercantilismo que fôra a caracteristica dos ultimos annos da escravidão.

Desses grandes e historicos debates sahiu ella para todo sempre mutilada, e ferida no seu principio de propagação, pela libertação do ventre das escravas.

Assim, no organismo historico da monarchia imperial, herdeira no Brazil das tradições da realesa de Portugal, o tempo produsiu a sua primeira mutilação.

Muito embora queirão uns attribuir a lei do ventre-livre á espontaneidade do ex-imperador, outros ao coração da Condessa d' Eu, e á influen-

cia do Visconde do Rio-Branco, ninguem será capaz de, historica e politicamente, querer isolal-a do grande exemplo da America do Norte e expungil-a desse reflexo glorioso que ella trouxe em si, porque, si os labios immortaes dessa lei brazileira deixavam alegremente expandirem-se os vagidos dos recem-nascidos á vida e á liberdade, a lei americana, dos seus labios sanguinolentos que haviam bramido em muitas batalhas, proclamara á uma vez, a liberdade do berço e a liberdade do tumulo para o qual já se encaminhava então a coeva geração de escravos, e não é permittido desconhecer o echo profundo que dispertára na consciencia do mundo, o grito victorioso da lei americana.

De facto a solidariedade de defeza e de mutua conservação, entre a dynastia de D. Pedro II, e as classes prosperas e poderosas do Brazil, ficou abalada.

A torrente do seculo arremessou então uma das suas ondas nas frestas dos alicerces do edificio imperial.

Foi uma violencia que soffreu o imperialismo, imposta pela fatalidade do espirito do seculo e pela propria decadencia de uma instituição gasta.

O nosso seculo dispensa a escravidão que foi instrumento poderoso do trabalho em epocas atrazadas, que nos seus esforços precizavão do sangue, dos ossos e da vida dos escrav[illegible] [illegible]antarem

os colossaes edificios do Egypto e de Roma, e prepararem, no decurso de muitos seculos, a nossa actual civilização que á ella tambem recorreu para luctar com a primitiva natureza americana.

Hoje, porem, a força e a fecundidade do homem, estão na liberdade.

A monarchia segregou-se assim, pela primeira vez, de um dos seus elementos componentes.

A desconfiança, o rancor, quasi o odio, entranhárão-se no seu organismo.

A classe dos ricos e dos poderosos, sentiu-se ferida, diminuida nos seus direitos quasi que feudaes.

A sua dedicação ao imperio até ali extrema principiou á divorciar-se delle.

Phenomeno fatal e historico.

Os elementos humanos que nas sociedades a sorte e o tempo ferem e desagregam uns dos outros, ainda mais apressam a morte commum pelas desforras e represalias de que pretendem uzar reciprocamente.

D. Pedro II, rodeado das pompas da realeza, orgulhoso dcs faceis elogios que a imprensa européa, por mera cortezia, lhe dispensára pela tardia libertação dos ingenuos, e tranquillo por que a sua cegueira occultava-lhe os perigos que corria sua politica, proseguiu no governo, despresando todas

as opposições e a má vontade dos escravocratas, cujo odio, aliás, requintava e o ia esperar do outro lado do oceano, no seu leito de agonia, em Milão, depois de tel-o qualificado, no parlamento, de principe conspirador.

E' esta uma phase decisiva.

Chegamos à hora marcada pela fatalidade e esperada pelo destino.

A geração contemporanea dividida pelas paixões, poderá divergir nas opiniões.

A historia, porêm, só terá um modo de pensar.

E certamente quando nessa hora dolorosa o ex-imperador voltando o espirito para sua patria, della dispediu-se, acreditando na eterna separação da morte que antevia proxima, era o Brazil que delle para todo sempre, se apartava e despedia.

O adeus supremo não foi do ex-imperador — foi do Brazil.

Paralellamente tinha caminhado a opinião publica para a emancipação e para a republica.

Faziam frente á tormenta do espirito nacional, a dynastia e o já frouxo concurso dos interesses e das fortunas.

Em uma sociedade não é pequena essa força.

As riquezas entre nós possuiam, immoveis e escravos.

A agonia do ex-imperador lhes ia tirar a propriedade escrava e com ella o ultimo affecto e a ultima dedicação á monarchia.

Fatalidade das cousas humanas : ou a monarchia tinha de contrapôr-se ás tendencias do seculo e á acção do seu principio vital mais poderoso, isto é, á liberdade, ou tinha de perder seus ultimos defensores, seus ultimos amigos, os que defendiam-lhe a corôa como penhor dos seus proprios privilegios !

Perdoem-nos o que acreditamos ser a verdade historica.

A opinião publica em o nosso paiz é atonica, inerte, quasi que pusillanime, lenta e demorada em mover-se como as aguas de um lago cobertas por pezada ramagem ; sobre ellas reflecte-se a luz poetica das estrellas, mas raro é que as venha bater o sopro rijo das procellas.

Eloquente e elevada havia sido a propaganda do illustre orador do abolicionismo, o Dr. Joaquim Nabuco, que procurára despertar no coração do povo a fibra sensivel em favor do infortunio do escravo, e ardente havia n'esse coração cahido a palavra de José do Patrocinio contando-lhe a secular elegia da escravidão.

Poderia ter movido essas aguas o sopro alentado do orador que antes de todos levára ao parlamento os reclamos do abolicionismo, e teria

conseguido fazel-as transpôr a repreza da lei do ventre livre, e inundar até submergil-os os ultimos mas poderosos vestigios da escravidão?

Em outro paiz, em outra sociedade, a eloquencia do tribuno pernambucano, contando as miserias da escravidão, affrontando a puresa e a serenidade do seculo com esse opprobrio social, tel-o-ia conseguido, tomando como ponto de apoio a consciencia do povo, o enthusiasmo da plebe, e a força das classes medias.

Entre nós, porém, a pobreza dessas classes as inutilisava na politica, como na vida social e na representação parlamentar.

E tão verdadeiro é esse conceito, que depois de passageiros triumphos, a propaganda abolicionista encontrou demorada barreira, em um ministerio reaccionario, cuja formação e existencia demonstrárão o predominio da vontade da corôa, dubia e vacillante na questão do elmento servil.

Com effeito ella que formára o gabinete abolicionista Dantas — formou depois o ministerio escravagista ou regressista Cotégipe, que cahiu não na questão da abolição, e sim devido ao incidente da prisão de um official de marinha em estado de alienação mental, que foi recolhido á uma estação policial.

Portanto pode-se acreditar que a propaganda do abolicionismo poderia ter-se demorado ain-

da muitos annos n'essas alternativas de vantagens e desvantagens, victorias e insuccessos, triumphos ephemeros e passageiras derrotas, 'por entre as luctas das paixões, dos interesses, das aspirações da liberdade contra os rancores do privilegio sacrilego dos possuidores de escravos.

Não havia ainda muito que se executára na cidade da Parahyba do Sul, uma execranda sentença que fizéra morrer entre horrorosos gemidos, alguns escravos condemnados á pena de açoutes !

Para a opinião do historiador todos esses elementos de ponderação terão grande valor.

O escravagismo luctava com audacia igual ao denodo com que se batia a propaganda abolicionista, e aquelle conseguia ainda profanar o sanctuario da lei á quem pedia a força do seu braço para as proprias cruesas e implacabilidades.

E para esmagar essa hydra cujas fauces, pode-se diser com verdade, que deixavão escorrer o sangue das victimas, não bastavão nem o denodo nem a indignação humana, nem a eloquencia vibrante, nem os brados ardentes da propaganda.

Agachada e já ferida, mas fazendo parte integrante da sociedade e das leis, continuava a viver, tenebrosa e gigantesca parasita do direito tradicional.

No entretanto, o ex-imperador vai morrer em Milão.

Annuncia-o, o telegrapho.

E uma grande magoa, de certo, assoberba o coração da sua filha, então regente do imperio, separada d'elle por milhares de leguas, e por essas mesmas ondas, ás quaes n'esse instante supremo ella arremessa os seus gritos de dôr, e que durante seculos ouvîrão sahir do bojo dos navios, os lamentos e os prantos d'esses escravos, cuja sorte miseranda e trîste como uma agonia tambem, ha tanto se debate na patria, e tantas vezes foi trazida á sua presença e á sua deliberação soberana para ser decidida !

E então, permitta-se-nos que digamos: a liberdade irrompeu pelo coração da Condessa d'Eu, e avassalou a sua vontade o pensamento sublime da libertação immediata, espontanea e inesperada de uma geração inteira, cujas lagrimas de alegria quiz ella que fossem aljofrar o crucifixo collocado sobre o peito agonisante de seu pai, e cujas benções pediu á Deus que lhe dessem nova vida, como os ervalhos fazem reviver as hastes pendidas e moribundas.

Ablução solemne das lagrimas de um povo inteiro lançadas á um leito de agonia.

O' justiça da historia, supremo resgate de muitas culpas seculares, gerações de reis de

que foi descendente a mulher que fez derramar essas lagrimas quasi que divinas, por mais numerosas que forão as victimas que levastes aos cadafalsos, maior o sulco de sangue que cavastes nos seculos, e mais larga a nodoa purpurea que lançastes ao estadio da historia, — esse supremo orvalho veio dilluir e resgatar todo esse sangue, e esses longos martyrios que, havia tantos seculos, gemião na consciencia humana.

Aquillo que não havião conseguido, nem a politica, nem os partidos, nem o esforço do ultimo ministerio abolicionista formado pelo Sr. Dantas, nem a propaganda tenaz, lenta, valorosa, ardente, eloquente e quasi que genial, fel-o em menos de alguns dias a vontade da Regente, inspirada desta vez pelos nobilissimos sentimentos que acabavão de despertar em seu coração.

E recebendo em Milão noticia de que em sua Patria não havia mais escravos, o agonisante imperador alegrou-se e acenou como para saudar seu paiz antes de morrer, e nessa ancia suprema em que devia ter-se agitado nelle até o mais intimo e recondito principio de vida que ainda o alentava, elle conseguio reviver para tornar á ver libertada a terra natal.

A' partir de então nada mais ligou ao imperialismo as classes poderosas e ricas.

Nenhum motivo tinhão para amal-o.

Elle não constituia nem uma tradição gloriosa, nem uma instituição nacional, nem a personificação da Patria.

Instrumento de que servira-se Deus na lenta successão dos acontecimentos humanos, ficou isolado no seu interesse dynastico — desacompanhado em meio das poucas ou nenhumas sympathias pessoaes que dispertava—inutilisado como força reguladora do interesse odiento da escravidão, e collocado frente á frente com o outro principio de liberdade que o combatia, e que era o principio republicano.

Eis, imparcialmente, em largos e rapidos traços esboçado o caminho que nos ultimos annos percorreu a idéa abolicionista, e descriptos os obstaculos e vicissitudes que nelle encontrou, até que lhe foi dado deparar com o tumulo que se entre'abria para receber o corpo de D. Pedro II, e que, por inesperado favor da providencia, converteu-se no altar da libertação dos escravos, em cuja pedra a Historia lerá eternamente a data de 13 de Maio de 1888.

## AS FESTAS DA ABOLIÇÃO E A CHEGADA DO IMPERADOR

---

Mudára-se em festiva, uma data que parecêra dever ser mortuaria, e o Brazil cobriu-se de galas para solemnisar a lei chamada aurea por isso que sobre a geração até ali amaldiçoada dos escravos, derramára o inestimavel dom da liberdade, superior ao ouro mais precioso.

A capital cobriu-se de flores, engrinaldáram-se as frontarias das casas, os escriptorios dos jornaes adornáram-se pomposamente, e das saccadas dos predios, das esquinas das ruas, os oradores improvisavam enthusiasticos dis-

cursos, ruidosa e sinceramente applaudidos pelo povo.

Uma multidão immensa transitava pelas ruas do Rio de Janeiro.

As escolas militares formadas em prestitos e em commissões percorriam a cidade, saudando os combatentes a favor do abolicionismo, e promoviam manifestações aos mais illustres dos propagandistas.

A mocidade de todas as outras escolas não deixou que lhe levassem vantagem, e foi uma ruidosa e sincera emulação de jubilo e de enthusiasmo, que corria parelhas com a alegria popular.

Si é licito acreditar que a infinita multiplicidade dos enthusiasmos, do arrastamento, e das expansões mais gratas do coração humano, podem ser tidas como a evocação dos sentimentos da propria alma de um povo, pode-se dizer que a alma do Brazil dilatava-se nessa quente e gloriosa atmosphera em que fluctuava radiante e immortalmente bello, o amor da liberdade.

A unanimidade era absoluta, nos versos dos poetas, nos artigos da imprensa, nos mutuos comprimentos com que amistozamente muitas pessoas saudavam-se entre si em ho-

menagem á lei da abolição, nos abraços em que a todo momento via-se os amigos e parentes estreitarem-se mutuamente como em ingenuas e sinceras manifestações de verdadeira alegria nacional.

Esgotaram-se todos os meios decorativos das festas publicas: hymnos, illuminações, arcos triumphaes, representações theatraes, todos os faustos e pompas compativeis com o acontecimento.

A alegria dos libertos dominava as festas com a irradiação da alma até então abatida dos escravos e que resurgia naquelles dias, como novo Lazaro levantado de um sepulcro muitas vezes secular.

E quando o ex-imperador regressou, assistimos tambem á pomposos festejos, e tornámos á ver replectas as ruas, adornadas as fachadas; juncadas de flores e folhas verdes que tão cedo haviam de fenecer, todas as calçadas. A cidade illuminou-se em festa e accendeu-se toda nesses flammejantes arcos de gaz com que o nosso seculo substitue os arcos triumphaes de marmore e bronze da antiguidade, como para significar que muito rapidos e ephemeros são todos esses triumphos promovidos pelo enthusiasmo e

illusão do momento e que basta o sopro de uma madrugada para apagal-os na alma do povo assim como no perimetro das maiores cidades.

E no entanto todos esses que se alegravam tão ruidosamente pela libertação dos escravos feita por uma lei do estado, não havião feito essa abolição por si proprios, formando nas manumissões essa inteira unanimidade que manifestavám no enthusiasmo.

Haviam esperado para serem freneticamente abolicionistas, que o estado, o governo, o ministerio e as camaras tivessem decidido sel-o.

Sinceros nesse enthusiasmo — comtudo não brotára elle espontaneo, potente e livre; só o dispertára o reflexo da lei libertadora batendo naquelles corações.

O observador e o psychologo não podem desprezar esse symptoma que os hade instruir e preparar para comprehender outros phenomenos da historia contemporanea.

Si naquellas almas delirantes tivesse existido uma convicção do direito de liberdade correspondente ao enthusiasmo que manifestavão — ter-se-ia essa convicção affirmado desde muito antes com potente e desassombrado esforço como succedèra na America do Norte em que a liberdade dos escravos atravessou os campos de batalha, antes de chegar

Estas reflexões devião ter permittido ao imperador e aos estadistas do imperio, comprehender quão frivola era a alegria que o acolhia, e ephemero o regosijo de um povo com o qual nem elle nem pessoa alguma de sua familia jamais se identificára no soffrimento, na luta ou na gloria.

No entanto a côrte, a princeza Isabel, e o proprio imperador acreditàrão nos entrelinhados pagos, no enthusiasmo alentado pelo estipendio, e na rhetorica dos oradores que em arroubos de encomiastica eloquencia lhes promettião uma immortalidade de amor, e os seus corpos para defeza contra a revolução ou o infortunio.

Palvaras !

Sombras que logo se esvairam.

Tragico e sombrio desafio á adversidade que ahi vinha preparada pela mão dos amigos, aninhada no coração dos mais aconchegados e mais protegidos !

## O IMPERADOR D. PEDRO II

---

Mixto de grandeza de alma, e de pequenez de espirito.

Destitüido de amor ao fausto imponente da realeza que deslumbra e fascina, e apegado á detalhes em que salientavão-se sua omnipotencia e jerarchia.

De uma familiaridade deprimente e indifferente.

Altamente intelligente em certos assumptos, mas completamente estranho ao real conhecimento dos homens, não soube escolher amigos, nem formar um pessoal politico que o defendesse.

Queria dominar os homens sómente pelo interesse, e só lhes fallava baseado nelle, ou affagando-lhes a vaidade.

Não sabia cultivar nos outros o nobre sentimento da honra, si bem que fosse elle proprio profundamente honrado.

Desinteressado quanto á dinheiro — não sabia auxiliar nem recompensar as outras pessoas.

Faltava-lhe o que os mais celebres escriptores reconhecião em Luiz XIV, a arte difficil de saber recompensar.

Não foi amado, assim como não se affeiçoou á pessoa alguma.

Tinha familiares, mas não teve amigos.

Não teve um sargento que desembainhasse a espada para defendel-o.

Um amigo que se lhe devotasse na hora amargurada do infortunio.

Um fanatico que quizesse morrer por elle em uma impossivel tentativa de defeza

Dos labios dos seus mais intimos ouviu o tristissimo conselho, sempre profundamente acerbo ao coração do exilado : Parti, senhor, disse-lhe o barão de Jaceguay.

Palavras d'ora avante historicas !

E teve então sua alma dorida um grande grito patriotico e generoso : Não sou um foragido, e não partirei de noite !

Cruel abatimento da sorte.

Lancinante magôa.

A historia registrará esse protesto pungente e doloroso.

E partiu quando já a madrugada chorava as suas primeiras lagrimas sobre tantas miserias humanas adormecidas nesta cidade, e que elle nunca comprehendêra senão quando o infortunio irmanou-lhe a sorte á dos mais infelizes.

Filho de um proscripto — faltára á sua infancia o afago paternal.

Na sua alma não coára-se esse suave amor que aureola a existencia.

Rodeado de pompas, não teve essa suprema alegria.

O coração devia ter-se-lhe ressecado nesse palacio onde prematuramente succedeu ao pai, desterrado por muitos daquelles que o rodeavão.

Logo proximo ao berço, o infortunio poz-lhe a mão sobre o peito, como cincoenta annos depois pôl-a sobre seus cabellos embranquecidos pela idade.

No apparente amor com que rodêarão sua meninice, facil lhe era descobrir constantemente o odio contra seu pai.

Triste provação superior ás forças de uma criança.

A sua coroação proviera da descoroação de seu pai.

A sua exaltação do exilio deste.

E preparara-lhe o caminho do throno, o odio que tinhão votado ao homem de quem era filho!

Não póde haver mais tragica infancia, mais triste inicio da vida, logo entenebrecida pela orphandade.

O coração de Pedro II, orphanou-se tambem do sentimento profundo do amor dos homens.

Partîrão-se-lhe as fibras da sensibilidade e viveu no nosso paiz tropical, sem paixões, sem affectos, frio e glacial como um homem do norte.

Só teve a sensibilidade do espirito, e em pequena escala.

A impressão subita do coração, a commoção profunda e rapida que convulsiona todo o organismo humano — elle as desconheceu.

Ouviu os lamentos de diversas gerações que o forão supplicar: nunca deixou cahir uma lagrima sentida sobre o infortunio alheio.

Nunca repelliu ninguem, justiça se lhe faça.

Nunca aconchegou ao coração a adversidade do amigo.

Tranquillo e sereno acolheu a que o veio ferir no fim da vida; e essa serenidade que o honra, explica o que parecia ter de glacial aquella com que assistira a tantos alheios infortunios.

O respeito devido ao seu, exige que se escreva e profira a verdade sem injuria e sem affronta.

Homem — quem poderá querel-o encontrar sem defeitos?

Desterrado e sem patria, viuvo no exilio como foi orphão na infancia, quem se atreverá a offender-lhe as cans aureoladas pela desgraça, ennobrecidas pela resignação?

Ao deixar o Brazil nobilissimo exemplo deu do seu desinteresse pessoal.

Exilado — não quiz o obolo munificente que que lhe offerecêrão.

Teve uma inspiração antiga, digna da sua alma alevantada, e dos ensinamentos a que acostumára sua nobre intelligencia.

Perdendo na patria, o lar, não quiz levar-lhe a fortuna.

Onde quererá Deus collocar-lhe o tumulo?

Homem incompleto, tem grandes qualidades, e defeitos que as deprimem e obscurecem.

Despreza os homens.

Procurou conculcar todos com que tratou.

Não soube reconhecer nem recompensar o merito.

O Brazil teve só um grande romancista nacional, eloquente, meigo, suave e profuso, dedicado ás descripções brasileiras, pintor da nossa natureza, narrador da nossa vida, muitas veses historiador poetico das scenas intimas da nossa existencia colonial; o imperador manifestou-lhe decidida antipathia, e constantemente desajudou José de Alencar.

Affagava e animava os homens mediocres e nullos.

Parecia fazel-o em beneficio da segurança da sua dynastia, e essa convicção foi-se aprofundando e enraizando no animo publico de modo á impopularisal-o.

A indifferença d'elle foi-se transmittindo á todos os da sua geração, e ninguem foi para com elle mais sensivel do que elle proprio para com os outros homens do seu tempo.

Assim foi-se preparando o isolamento absoluto em que o achou a adversidade.

Soberano que reinára cincoenta annos, que creára duas ou trez gerações de ministros, senadores, conselheiros de estado, funccionarios de todas as especies e graduações, magistrados de todas as instancias, cortezãos de todas as classes e jerarchias, officiaes de todas as patentes no exercito e

na armada, não viu em nenhuma d'aquellas consciencias formar-se o projecto de defendel-o, como todas o havião jurado, e não teve á seu favor nem um regimento e nem um official, nem mesmo quem suggerisse a idea de salvar-lhe a corôa em favor dos netos.

Mas que! nem sequer a camara eleita animou-se á fazer um protesto.

Eis, pois, cahido sem resistencia um grande imperio, rojado ao chão o seu cadaver corôado, em derredor, paralyticas e estateladas como tranzidas de medo em um assombro, todas as corporações que compunhão sua organisação magestatica e governativa.

Como cahiu assim este grande corpo sem fazer sequer um movimento de defeza ou de amparo a si proprio?

E' que n'essas corporações politicas não vivia nem um grande sopro de patriotismo, nem as ligava à corôa laço algum profundo e forte.

Qual o pensamento commum que partilhassem com a dynastia, e que fosse de natureza á unil-as a esta para travarem lucta e vencerem ou morrerem conjunctamente?

A dynastia não escolhêra os membros que as compunhão d'entre os homens que tem na alma um só juramento, no coração um só amor, na ban-

deira uma só divisa, na consciencia a fidelidade, e no braço a lealdade para defender uma só causa!

O ex-imperador usava em politica de meios pequenos e de recursos frivolos. Não tinha grandes idéas e rasgos elevados. Preferia o ardil, a astucia e o artificio; julgava-os infalliveis e sempre de util applicação.

Partidario da licença e dos excessos que compromettiam a liberdade, não amava esta.

Foi á pouco e pouco alargando o eleitorado mas reluctando sempre.

Passando da eleição indirecta para o regimen censitario, mas com todas as reservas e cautelas.

Não se animava á ser o iniciador das grandes reformas: para isso faltavam-lhe o genio e a audacia.

Confiando por demais em si proprio, e no seu prestigio, que, aliás, elle devia reconhecer estar quasi que nullificado tantas eram as provas que avultavam disso—tenazmente permaneceu no seu systema de expedientes e artificios em que foi colhido pela revolução e destronisado.

No entanto não lhe faltava illustração nem o amor da gloria.

E que gloria maior, podia elle conquistar, elle que dissera á Victor Hugo que era republi-

cano, do que a de ser na sua patria o fundador da republica?

Perdiria a corôa imperial, mas conquistaria na historia uma aureola de immortalidade.

Collocado em privilegiada posição para apreciar os acontecimentos e pelos signaes precursores poder prevel-os com maior ou menor certeza — como não previu elle que o impelliam para o abismo?

Estariam á esse ponto apoucadas as qualidades do seu espirito e as suas faculdades out'rora lucidas e perspicases, teriam descido tanto?

Este ponto não póde ser convenientemente elucidado por isso que o publico nunca obteve dados sufficientes para formar opinião á tal respeito, e a imprensa nada publicou que pudesse guiar-nos em um raciocinio seguro.

No entanto, fulminado por cruel desventura, desthronisado e exilado — não mostrou a fraqueza nem a incorrecção mental de um homem de faculdades perturbadas ou enfraquecidas.

Foi estoico como um philosopho, e resignado como um christão.

Não podemos faser-lhe a affronta de acreditar nesse supposto enfraquecimento mental.

Senhor do seu espirito, comprimiu o proprio coração e ficou impavido e digno.

Não enlouquecêra, como disseram.

A sua vida politica fôra, antes dominada pela fatalidade dos principios e dos meios á que a subordinara.

Tal é a explicação unica que se póde dar até que novos elementos de informação venham destruil-a e substituil-a por outra.

O erro delle foi accreditar que era imperecivel o seu prestigio, e que elle sempre suppriria á tudo, até á ausencia completa de força, quando se tratasse de luctar contra a força, e predominaria contra o proprio acaso.

E o acaso venceu-o.

Não se comprehende tal excesso de confiança em um homem cuja infancia fôra orphanada por uma revolução.

Mas Pedro II accreditava ser muito superior a seu pai, Pedro I!

O destino desthronisou e exilou ambos.

E' conhecido o pendor que tinha o imperador para as conferencias e conversações litterarias e scientificas, e a sympathia que abertamente manifestava para alguns pseudo-sabios e pretensos litteratos com que privava.

Faltava-lhe, porém, a intuição para conhecer o talento, e, cousa notavel, nenhum ou quasi nenhum dos que elle distinguiu, honrou ess-

preferencia produzindo obras de valor ou manifestando verdadeira intelligencia.

Affeiçoava nos seus interlocutores essa sciencia facil que decóra livros ou artigos de revistas, a cujo favor tornão-se possiveis colloquios ou conferencias com apparencias de scientificas ou litterarias.

Nunca, porem, coube-lhe a satisfação de ter descoberto um homem de merito real, e nunca o virão dar a mão á um verdadeiro talento, genuino e viavel, expungido do terrivel pedantismo dos sabios estereis e infecundos que affeiçoava.

No entanto quantos ramos da litteratura e da sciencia podia elle ter animado com a sua poderosissima protecção!

A' quantos moços trabalhadores e honestos podia ter tornado a vida menos acerba e mais sorridente a carreira das lettras?

Amante de artes e bellas-lettras, podia ter presidido á formação de uma imprensa que as estudasse e propagasse.

Tendo viajado como o fizera, não creou entre nós exposições artisticas.

Rei philosopho, amante dessas lettras, não soccorreu nenhum Corneille nem pensionou algum Racine.

Não fundou entre nós a grande arte dramatica, e os artistas em apuros, alguns de raro

merito, não lhe encontrárão a mão benefica e protectora nos transes da sua atribulada carreira.

Em viajem tinha uma physionomia mais aberta.

No Brasil revestia-se da sua familiaridade indifferente, e desdenhosa.

Dotado de prodigiosa memoria, á mais dos seus conhecimentos, confiava-lhe suas anthipathias que muitas vezes recahião nos homens mais notaveis, á quem systematicamente impedia o accesso de elevados cargos, que barateava á favor de outros muito inferiores em merecimento e muitas vezes até incapazes.

José de Alencar, cujo nome já citámos, não foi senador á despeito de seu grande talento.

Este exemplo é concludentissimo, porque feriu a litteratura patria na pessoa de um dos seus mais preclaros cultores.

Tinhamos, pois, razão em dizel-o: o ex-imperador é um homem incompleto: possue luminosas qualidades, e profundos defeitos que as ensombrão e obliterão.

Faltárão-lhe para ser um verdadeiro chefe de dynastia, as preciosas qualidades de fina e seductora insinuação que em alto gráo possuia Victor Manuel, e o dom de extrema sympathia com que

o velho imperador Guilherme I fascinava todos os allemães.

Dizia-se, ou procurava ser um sabio, e deixou as sciencias em grande atraso.

Cultor assiduo das lettras, não procurou tornar o seu reinado fecundo em producções litterarias.

Não quiz ser como Luiz XIV, amigo e protector generoso da litteratura.

E' de suppor que o modelo á que pretendia attingir, era o de um professor coroado, ou antes de egoista amador de lettras.

Possuidor de muitos livros consumia seu tempo em extensas e variadissimas leituras, e no Instituto Historico de que era presidente, muito presava a leitura de chronicas dos tempos coloniaes do Brasil.

Não erão os horisontes do futuro que na historia patria o arrastavão em suas grandiosas visões; seu olhar prendia-se antes com delicias á chronica quasi que sertaneja ou á narrativa dos successos occorridos ha seculos em alguma esquecida capitania.

Estrenuo viajor, viu os deslumbrantes monumentos das grandes capitaes.

Despresou no seu paiz a arte monumental de que não deixou em seu longo reinado um só specimen.

Litterato e membro do instituto de França que funcciona em um formoso palacio, não levantou um edificio em que abrigasse esse Instituto Historico do Rio de Janeiro, que assiduamente frequentava.

Não construiu uma bibliotheca monumental digna da capital do maior paiz da America do Sul.

Não erigiu um forum.

Limitou-se sempre á conversar em viajens, e de passagem, com os homens celebres attrahidos pelo prestigio da corôa imperial de que era portador.

Napoleão I, depois de Luiz XIV em França e de Augusto em Roma, entendeu por outra forma a protecção aos trabalhos do espirito, e não limitou essa protecção ao terreno absolutamente esteril dos colloquios e das conversações.

Reuniu os jurisconsultos do seu tempo, Tronchet, Portalis, Treillhard, e outros, e formulou os grandes codigos francezes.

Pretendeu seduzir e alliciar o genio de Chateaubriant, e o conseguiu até o momento em que a morte do heroico duque de Enghien, trouxe completo rompimento entre o autor do genio do Christianismo e o primeiro consul, prestes á cingir a corôa de imperador.

Fez de Fontanes, o poeta do imperio.

Erigiu e reconstituiu immensas bibliothecas.

As grandes manifestações da arte monumental não são dispensaveis, ellas constituem nobres e duradouras expressões do pensamento humano.

As sumptuosidades das artes são alimento indispensavel do espirito, e o grande livro imperecivel em que as multidões vão lendo, umas depois das outras, os multiplices pensamentos do genio.

O Louvre, em Pariz, e o palacio de Versalhes com todas as suas magnificencias artisticas e suas extensas frontarias esculpturadas, clamão á admiração dessas multidões o genio artistico que immortalisou o reinado desse grande Luiz XIV, a quem seus contemporaneos atrevêrão-se a dar o nome de Rei-Sol.

A columna de Trafalgar, em Londres, é a manifestação da homenagem da Grã-Bretanha á memoria de Nelson e de seus heroicos companheiros, e si nos for permittida a expressão, ali está ella de pé em meio dos profusos rumores da grande capital, como a tuba silenciosa que ha de secularmente evocar na consciencia das gerações inglezas o amor da gloria.

Pois bem, o homem intelligente e illustrado que visitára os maiores monumentos do mundo, os palacios da França, o Vaticano de Roma, o Kremlim de Moscow, a quem não faltára admirar

nenhum monumento historico da America e da Europa, desde Westminster por onde passárão todas os gerações dos reis da Inglaterra, até a basilica de S. Diniz, em Pariz, donde a revolução expulsou as cinzas dos reis de França, até o monumento granitico, guardado por leões gigantescos, que Lucerna levantou aos seus filhos massacrados em defeza de Luiz XVI.

O homem que percorreu os palacios dos doges de Veneza, espelhando-se nas aguas do Adriatico, e todos os museus da Italia onde vivem na immortalidade da arte povos e gerações de estatuas, deixou sua patria sem um monumento e sem uma estatua. além daquella estatua politica de Pedro I apresentando aos horisontes da cidade do Rio de Janeiro, a constituição imperial.

Faltou, portanto, ao imperador D. Pedro II o amor ao genio das artes.

Alguns pintores nossos, que revelárão grande merito, não pudêrão conservar o genio productor senão durante o espaço de curtos annos.

Infeliz reinado, é o que sobre o seu tempo não vê estender-se como um raio de gloria, o reflexo do genio das artes, nem levantarem-se creações artisticas e monumentaes que fiquem para o futuro como a corporisação luminosa do seu esforço e do seu pensamento, semelhantes ás corôas, que na sua rapida passagem os gladiadores antigos arremes-

savão ás columnas de marmore, para lhes serem testemunhos de gloria perante a posteridade.

Divorciado do grandioso, procurava a obscuridade do gabinete, incompativel com a magnificencia que se deve exigir do espirito de quem representa um povo, e nesse povo uma nacionalidade, e uma geração.

Carlos V foi um grande imperador,

Houve tempo, porem, em que o tedio invadiu-lhe a alma, e ensombrou-lhe o coração.

Grande, porem, no isolamento e imponente no tedio e no desprendimento dos homens, como magnifico fôra quando cingia a rutilante corôa imperial — assaltou-lhe a alma um sentimento inteiriço, semelhante á densa nuvem, immensa e lugubre, que envolva o corpo inteiro de enorme montanha.

A mortalha envolveu-lhe o espirito que outr'ora dominára sobranceiro os mais temerosos acontecimentos humanos, — essa alma que se dilatára na gloria — esse coração em que havia pulsado o delirio de tantas e tamanhas alegrias — e assim, espirito solitario, alma desilludida, coração semi-morto, entrou tragicamente para o tumulo do convento de S. Justo deixando atraz de si o imperio do mundo.

E agora vejamos o imperador D. Pedro II.

Será uma visão !

Atraz de si tem muitas gerações de reis portuguezes — uma linhagem illustre, que não é possivel escalar sem deparar com muitos heroismos e glorias.

Mas essas glorias, elle as póde exceder todas!

Principe, por um acaso historico teve seu berço na patria americana.

Sua alma impregnou-se de todos os sentimentos d'essa terra natal, — e n'ella revôa o amor da liberdade, tam espontaneo como na alma do sertanejo.

Será maior ainda que esse Carlos V, tão assombroso na historia, e que Victor-Hugo eleva ás alturas de uma evocação genial no seu drama de Hernani.

Filho de seu seculo, e filho da sua patria, póde abdicar, e n'ella fundar a republica!

Ninguem o terá jamais excedido em desinteresse, — e o seu, será tamanho que logo entrará na immortalidade. Anciosos os contemporaneos acercar-se-hão da sua pessoa, e a posteridade, pressurosa, abeirar-se-hà da sua memoria, em um eterno deslumbramento de admiração.

E facil será á sua alma serena e satisfeita, elevada e expungida de ambições, esse rasgo sublime de pacifico heroismo, preparado pela diuturna sabedoria a que votou toda sua vida!

O imperador podia fazel-o.

Seria immortalisado.

A historia o faria talvez maior e mais glorioso que Washington.

A alma de D. Pedro II, não attingiu, porém, á essa sublimidade, que antevendo, apenas, o levou a dizer á Victor-Hugo: « Eu tambem sou republicano ».

A sua elevada intelligencia teve a intuição.

Mas o seu coração deteve-o no limiar da gloria.

Só deixou-lhe o destino, a aureola do infortunio e a grandeza da resignação.

---

## A PRINCEZA IMPERIAL E O CONDE D'EU

---

Delicada senhora, formada pela natureza para as puras alegrias do lar, mãe carinhoza, esposa meiga e branda, dominada pelo marido, nunca teria podido ser Imperatriz do Brazil.

Este nunca teria acceitado o dominio do Conde d'Eu.

E, quem poderá negal-o, o conde ainda mais apressou a queda do imperio.

A sua viagem ao norte, excitou os zelos nacionaes.

Os discursos que proferiu o principe, relembrárão pela pronuncia que elle era estrangeiro.

A alma brazileira teve um grande fremito.

A exilada realeza d'Orleans, viu levantar-se das praias do Brazil e das suas mattas invias, o espirito da democracia americana, como em 1848, em Pariz, vira levantar-se, para combatel-a, o espirito sanguinolento da revolução franceza.

Dissera o Visconde de Ouro Preto que esmagaria a hydra republicana, e por todo o paiz crescia, estendia-se e dilatava-se essa idéa tão cruelmente designada pelo ministro do imperador.

A familia imperial, illudiu-se no emtanto.

Acreditava na imperecivel popularidade oriunda da lei de 13 de Maio de 1888, e no inquebrantavel devotamento dos abolicionistas.

Illudia-se porque queria.

Dos deputados presentes á sessão memoravel em que pela primeira vez do alto da tribuna parlamentar foi evocado o advento da republica, só o Sr. Joaquim Nabuco, promettêra permanecer firme como um rochedo, e esperar no seu posto que a nação tornasse a ser monarchista.

A Condessa d'Eu, porém, tinha fé no poema de amor que lhe havião dedicado os abolicionistas, e, por elles sagrada com o titulo de Redemptora, acreditava que esse nome abençoado e proclamado por um milhão de libertos, ser-lhe-hia invencivel escudo em meio das luctas politicas por mais encarniçadas que se tornassem.

As festas do abolicionismo e das suas commemorações, havião coberto de flôres as bordas do abysmo.

A princeza ingenuamente acreditava no seu prestigio, e julgava-se com direito á admiração, ao respeito e á obediencia de todos.

O Conde d'Eu ainda mais a fortalecia nesses sentimentos e nesse modo de pensar.

Destituido de perspicacia, esse principe nunca se compenetrou da sua verdadeira posição perante o povo brazileiro, e não conseguiu razoavelmente aquilatar a antipathia que inspirava e a impopularidade unanime, que da pessoa delle revertia sobre sua mulher, e já desta sobre o velho monarcha.

Depois das grandes emoções que lhe havião trazido a molestia quasi mortal do imperador, uma regencia um pouco prolongada, e a grande lei da abolição, a princeza toda dada ao remanso e aconchego dos seus, pensou que podia descançar e ser feliz algum tempo.

Não espera a fatalidade.

Não se detem o forçado desenvolvimento dos acontecimentos humanos.

A situação politica, na realidade, era a seguinte :

A subita alegria dos libertos passára.

Si ainda existia, expandia-se longe dos ouvidos e dos olhares de todos, no silencio dos retiros das

mattas ou dos campos, no descanso da ociosidade ou nos trabalhos ruraes.

Pelo contrario rapidamente recrudescia a antipathia contra a familia de Bragança.

Para isso contribuirão muito os boatos espalhados sobre o estado mental do imperador.

A deserção de uns e a tibieza de outros, desencadeavão os odios até então marginados pelas affeições e contrabalançados por ellas.

Em politica quando os amigos se retirão, os inimigos centuplicão-se.

Petropolis, não se commovia por tão pouco, e corria que vivia sob a curatella do Sr. Motta Maia.

Com effeito os destinos do Brazil estavão nas mãos do imperador, e este completa e cegamente entregue a esse medico.

A situação tornava-se intoleravel, e ninguem da familia imperial parecia estudar e comprehender o que se passava.

No emtanto o prenuncio da tempestade fôra tremendo nessa saudação prophetica que em impeto eloquentissimo, o padre João Manuel dirigira da tribuna da camara, á Republica que, na sua phrase de vidente, devia ser em breve o futuro do nosso paiz !

Mas a princeza ouvira os oradores das commemorações dizerem ao imperador que emquanto

houvesse sangue abolicionista no Brazil, haveria monarchia, e sorria.

A vida lhe fôra sempre bella e seductora.

Duvidava que lhe guardasse amarguras.

Si possuisse um espirito mais reflectido, pensaria diversamente, e recordando as alegrias já libradas, tremeria diante da incerteza do dia seguinte e das tristes compensações que a felicidade paga sempre á desventura.

Mas o caracter della não era dado á estas sombrias reflexões.

As alegrias e os risos do lar aformoseado pelos filhos, devião enlevar-lhe a alma, essa alma que depois subitamente entenebreceu a desgraça.

A familia do imperador participava do individualismo de que elle era dotado.

Não tinha o dom e a facilidade de expandir-se nas sympathias do povo.

Vivia concentrada entre si e nas pouquissimas preferencias que votava á algumas outras familias.

Não se unira á sociedade das classes ricas que vivião no fausto e muito menos estava ligada ás classes populares.

Como o imperador, a princeza imperial dava publica audiencia, e era accessivel a todos durante curtos instantes.

Esse accesso todo official, brevissimo e banal, nada produzia.

Nunca o pai nem a filha identificárão-se com o viver nacional, nunca estabelecêrão intimidade com os factos e acontecimentos, alegrias, dôres ou prazeres, receios ou esperanças, de que elle se compunha.

Distrahidos e indifferentes espectadores da vida da naçao, em cujo seio havião nascido, ella os deixava desinteressados.

O amor entranhado da humanidade, esse amor que se sensibilisa, commove-se e tem grandes lances. Essa caridade que muitas vezes aninha-se como luz deslumbrante no coração de principes e soberanos, não a possuia a familia reinante do Brazil.

Dir-se-ia desses principes, que elles resignavão-se diante das dôres alheias!

O imperador vîra, calmo e sereno, passar diante delle como funebres cortejos, os espiritos dos homens que o havião servido, como Paraná, Olinda, Abrantes, Euzebio, Zacarias, Nabuco, e tantos outros.

A princeza imperial nunca foi essa rainha D. Maria Pia, que ao traves dos destroços do incendio do theatro Baquet, ia visitar os feridos, levar-lhes o consolo da sua presença, o seu sorriso compassivo e affectuoso, a sua regia participação áquellas dôres, a sua protecção áquelles desalentos, e que sabia apertar junto ao peito os filhos da pobreza pungida pela desgraca, para assim fazer reviver o

dilacerado coração dessa plebe desventurada, como outr'ora seu pai, o rei Victor Manuel, soubera fazer reviver o coração da Italia secularmente adormecido no tumulo das suas ruinas.

E assim era que a presença dessa radiante rainha, formosa e boa, trazia comsigo uma longa acclamação.

A condessa d'Eu era sempre recebida com a frieza correspondente ao secco cumprimento que dirigia ás pessoas presentes.

Senhora distincta, bastar-lhe-ia sel-o, si pertencesse á uma familia particular.

Mas pertencendo á uma dynastia reinante, não lhe bastavão as qualidades que possuia.

Faltava-lhe a grandeza da alma, a fecundidade do coração, a magestade das acções, a prodigalidade dos sentimentos, a elevação de espirito, e essa vida intensa e forte que permitte colher em si o fervente turbilhão dos sentimentos de um povo, para dar-lhes nova e definitiva feição, ser patriotica como elle, com elle soffrer, com elle amar e esperar.

Todos os contemporaneos conhecêrão a princeza imperial, sempre fria e indifferente.

Quando a frequencia das regencias deu-lhe o poder, sobre ella começou, mais do que nunca, á exercer-se a influencia do marido, objecto de uma das suas entranhadas affeições.

Só lhe arrancou da alma, profundo e lancinante grito, a pungente ameaça da proxima morte do imperador.

Commoveu-se profundamente, e foi por entre as sombras quasi que mortuarias, trazidas ao seu espirito pela imminencia de tão crudelissimo golpe, que entre esses amontoados de dores, entreviu banhado pelo livido clarão da sua propria desgraça e orvalhado pelas suas proprias lagrimas, o eterno infortunio dos escravos.

Chorou então seu coração, herdeiro do coração da sua dynastia, em que durante seculos se havião accumulado os prantos de muitas gerações.

Dessas lagrimas surgiu a lei de 13 de maio de 1888.

Foi o jorro impetuoso e deslumbrante que logo exhauriu o manancial.

Cançada porque soffrêra, cançada porque tivera, em seu vacillante espirito, sua alma debil, e suas incertas resoluções, de arcar com a mais tremenda das tarefas, qual a de immolar a secular instituição cujos destroços, dizia-se, havião de sepultar a realeza de sua familia; de novo D. Izabel, esqueceu que queria ser imperatriz, e cerrando o seu coração á todos, só o abriu aos seus, e voltou a viver exclusivamente para elles.

Foi em Petropolis, no remanso da familia, esquecida do estado, entre a veneração que dedicava a seu pai, e o affecto que prodigalizava ao esposo e aos filhos, que veio fulminal-a o raio da revolta convertida em Revolução.

---

## O SENADO IMPERIAL

---

Em jerarchia era a primeira corporação politica do imperio.

Possuia o prestigio e a garantia da vitaliciedade.

Reprezentava na ordem parlamentar, esse mesmo principio de inamovibilidade que o imperador reprezentava no throno.

Entrava quasi na substancia da realeza, do que era, sem duvida, uma das partes componentes mais elevadas.

Constituia um poderoso meio de acão nas mãos do imperador que o nomeava pela escolha da lista triplice.

Gozava de admiração no paiz inteiro.

Admiração e não veneração nem grande respeito.

Com effeito accarretava grande prestigio em favor de qualquer senador, o estar elle, pela força das funcções que exercia, perpetuamente ligado ao governo do estado, com voto em todos os assumptos parlamentares, podendo discutir todas as questões politicas e administrativas em posição de igualdade, senão de superioridade aos ministros, á quem interpellava e dirigia perguntas, censuras e reclamações.

Prestigio esse, aliás precario, e artificial, porquanto muitas vezes só provinha do cargo, e era empanado pela obscuridade pessoal do senador e pela carencia de dotes intellectuaes.

Areopago um tanto obscuro.

O imperador tinha contribuido para tornal-o assim, excluindo delle teimosamente muitos homens que o terião honrado e illustrado elevando-lhe o nivel intellectual.

Muitas vezes havia elle em listas illustres escolhido o mais obscuro candidato.

Guardava nessas escolhas toda a integridade da sua vontade, quasi sempre serena quanto a[illegible] factos, porém frequentemente caprichosa qu[illegible] aos homens.

Assim procedendo provocava duas fataes consequencias.

Abatia o grau de illustração e importancia daquelle corpo politico, e feria nas suas mais altas esperanças, homens de merito, cujo descontentamento era, para a pessoa do imperador, mais um elemento de impopularidade.

Demais, a opinião publica nunca assiste sem indignar-se ao holocausto do talento e ao sacrificio do merito injusta e affrontosamente ferido pelo simples capricho, por mais poderoso que este seja.

O direito e a justiça no julgamento dos individuos nunca são impunemente violados.

A esphera da politica, com as suas luctas de imprensa e de tribuna, está por demais exposta aos olhos de todos para que possa, sem escandalo, ser praticada qualquer dessas immolações.

Levar a um senado a eloquencia e o talento, o merito e a virtude, a intelligencia e a actividade, engrandesce não só essa corporação, mas tambem quem procede á taes nomeações.

Si o imperador, no egoismo do seu espirito, tivesse podido antever uma revolução, teria sempre escolhido para senadores, os homens de maior talento e da mais intensa vitalidade politica.

Dir-se-ia, porem, que causava-lhe zelos revistir daquellas altas funcc[illegible] [illegible]s que as

soubessem fazer realçar pelos seus meritos intellectuaes e moraes, e dellas usar com nobreza e prestigio.

E' certo que pelo senado passárão homens notaveis do Brazil, mas é igualmente notorio que nunca tiverão ingresso nelle, muitos outros de igual talento e não menores virtudes.

Assim procedendo desconheceu o imperador a natureza do governo parlamentar que não podia prescindir de um senado forte, illustrado e eloquente, cheio de vida e de brilhante actividade intellectual.

Pelo contrario D. Pedro II obrigava os candidatos á senatoria, á todos os artificios da apoucada politica tortuosa que affeiçoava.

Foi elle o homem que mais levou á pôr em pratica na politica interna brazileira, a dissimulação, a mentira e o ardil.

Dissimulação de que elle proprio foi victima pensando que o servião, quando, tudo e todos, delle já se havião desprendido.

Mentira que elle viu nos labios dos seus mais proximos servidores, quando lhe faltárão á todos os juramentos e repetidos protestos.

Ardil que o colheu de sorpreza, quando entregue á vida campestre, á sombra dos arvoredos de Petropolis.

No imperador faltou sempre a sinceridade.

Esse traço perfido, como que em virtude de uma imitação automatica, imprimiu-se no caracter de todas as corporações e homens politicos que tratavão com elle.

O senado foi-lhe inutil no dia do desastre, e traidor no dia seguinte.

Inutil, porque nem sequer procurou amparar essa monarchia que durante tão longos annos o cobrira de honras e titulos, e lhe déra lautos subsidios.

Perfido e traidor, porque quasi na sua maioria apresentou-se na imprensa abjurando as crenças monarchicas de que se constituira o alto e poderoso depositario, sob a fé de juramentos prestados á face do paiz e ainda mais solemnizados pelo longo decurso de muitos annos.

Parece-nos que á medida que fôra envelhecendo, mais se aferrára o imperador ao systema de rodear-se de corporações quasi que automaticas, e de homens ductis e doceis que em suas mãos fossem simples instrumentos.

A sua vontade omnipotente dirigindo o Brazil inteiro, tal era seu ideal politico.

Não previu o dia em que uma tenue nuvem pudesse impanar a limpidez dessa vontade, nem a hora em que, cançada pelo tempo e gasta pela molestia, ella se perturbasse.

Não viu chegar, no desenvolvimento dos factos, esse triste momento em que tudo que é humano é colhido pela adversidade, e baqueia.

Não comprehendeu que não se póde substituir um paiz por um homem.

Não quiz acreditar o que lhe podia dizer a historia, de que é cultor, que a vontade de um só individuo não póde excluir o principio da liberdade.

O imperador tinha posto em curatella todos os corpos do estado, ministerios, senado, camara, conselho de estado, o pessoal inteiro ou quasi que inteiro dos homens politicos.

Acreditava que a submissão, era boa vontade, o servilismo fidelidade, e o afoutamento dedicação.

O organismo mental e moral da politica estava estragado e corrompido.

Essa submissão, esse servilismo, e essa immolação baixa, erão os productos da dissimulação, da mentira e do ardil.

Havia dito o Snr. Ferreira Vianna: primo vivere.

O imperio bragantino e seus funccionarios vivião materialmente.

A vida do cerebro se lhes apagára.

Lentamente lhes ia parando o coração.

Ainda, porém, os animavão a vida physica e os seus appetites.

Lamentavel confronto entre a inercia moral — e o animalismo physico.

Debalde alguns homens illustres tentárão reerguer a vitalade espiritual do senado.

O cerebro delle estava entregue a estranhos desvarios, e gastava seus poucos instantes de vida em preparar planos politicos sem alcance, fatuas e frivolas organisações ministeriaes, e chapas para as deputações.

Dividia-se em pequenos conciliabulos, e inventára o systema inane e impossivel das chefias politicas.

Cada senador era um chefe.

Tramavão tambem tenebrosamente e por detraz da cortina, suas pequenas conspirações contra ministerios que mandavão derrotar nas camaras pelos deputados seus protegidos, ou cuja formação tornavão impossivel ao seu talante e á sua vontade, facto de que foi victima o fallecido visconde Vieira da Silva.

Sobre a cupula do palacete senatorial recahira sem duvida algum reflexo do espirito que dominava o palacio de S. Christovão.

A sua vitaliciedade afigurava-se áquelles senadores ser déveras imperecivel, e não cuidavão no raio de uma revolução.

Esse raio cahiu, ali proximo, nesse mesmo campo da Acclamação onde elles havião ce-

lebrado suas sessões durante tão dilatados annos.

Dias depois uma sentinella vedava-lhes o accesso da casa em que se reunião.

Retirárão-se.

Não se reunîrão mais em parte alguma.

Não protestárão.

Nenhum delles estendeu os braços para amparar as columnas do edificio imperial que vacillava e cahia.

Ainda mais.

Muito não tardou que o testamento desse antigo senado, outr'ora tão pomposo, viesse á luz da imprensa sob a fórma encomiastica de adhesões ao governo triumphante surgido de entre meio dos destroços do imperio, e do proprio tumulo daquelles verdadeiros suicidas politicos que offerecião á republica o velho sangue inglorio da monarchia, que ainda corria-lhes nas minguadas veias.

---

## O MINISTERIO COTEGIPE

---

Esse ministerio symbolisou uma notavel tentativa de regresso.

A monarchia julgou que a democracia tinha ganho terreno em demasia, e quiz fazel-a retroceder.

O Barão de Cotegipe formou um gabinete conservador reaccionario.

O principal objectivo que se propoz foi a questão do elemento servil.

Tratou de soffrear a propaganda abolicionista, restaurando processos violentos contra os escravos profugos ou os que se mostravão resistentes á vontade senhoril.

Ergueu-se de novamente ao sol da civilisação actual, a fronte tenebrosa da escravidão.

Pezou-lhe o sudario em que principiava a ser amortalhada, e querendo reconquistar mais alguns ephemeros dias de vida, sahiu do sepulchro em que se ia entranhando na exprobração da consciencia nacional, e experimentou seus passos vacillantes de espectro.

Ordens terminantes forão dadas.

O direito sobre a propriedade escrava foi mandado proteger com toda a efficacia.

Houve então, o que é raro na cidade do Rio de Janeiro, um heroico movimento de indignação.

A imprensa levantou bradantes protestos.

A propaganda abolicionista organisou a defeza dos escravos violentados, e tentou, muitas vezes com efficacia, impedir o embarque delles para o interior com destino ás fazendas.

Promovêrão-se fugas em massa.

Conseseguiu-se o transporte de escravos profugos para provincias diversas daquellas em que se achavão localisados, e onde a favor da distancia gozárão da liberdade.

O espirito dessa propaganda mostrava-se varonil e fecundo, emprehendedor e ousado.

O Sr. Joaquim Nabuco e seus amigos da Confederação Abolicionista, usavão de todas as

armas, e não poupavão os mais crueis estigmas aos escravagistas do governo.

A chefia de policia da capital do imperio, havia sido confiada a um homem que acarretou grandes antipathias, mas que era intelligente si bem que indifferente aos soffrimentos humanos.

O Sr. Coelho Bastos, acreditou que podia fazer retroceder a ideia abolicionista, como si coubesse nas forças de uma autoridade policial, deter um grande movimento social e humano.

O mundo official que havia sido emancipador abolicionista com o Sr. Dantas, tornou-se escravocrata com o Sr. Cotegipe.

Illusão de um grande talento !

A democracia é um mar sem praias, como a definiu um illustre orador francez, e havia forçosamente de tragar o navio negreiro em que o ministerio embarcára sua fortuna e os seus precarios destinos.

No emtanto o gabinete assumia uma feição autoritaria, e assim pretendeu resolver as questões que ião occorrendo.

Surgindo nesse meio tempo, um conflicto de pretenções entre elle e o exercito, tentou o velho barão de Cotegipe fazer prevalecer o prestigio e a força do governo representado pelo ministerio, mas encontrando decidida resistencia teve de ceder, depois de ter dito que nunca capitularia.

Qual era, pois, o valor do prestigio do governo, o da sua autoridade, e o infimo grau de força de que dispunha, se assim passava pelas forcas caudinas?

Estava, portanto, provado que o governo não tinha recursos para impor sua vontade, e fazel-a cumprir.

A opinião que manifestára o ministerio affirmando que era mister mostrar firmeza de animo e denodo, tornava-se absolutamente irrealisavel na pratica.

Não dispunha da popularidade nem da força material.

Estava fadado a morrer em qualquer dessas questões que surgem inopinadamente, porque a sua vida era toda artificial.

Os governos não se podem sustentar sem a popularidade que lhes dá acção e prestigio; sem a força que lhes garante a execução dos seus decretos.

Uma e outra fallecião ao barão de Cotegipe, e preparou-se a queda do seu gabinete em uma questão apparentemente insignificante mas que logo assumiu gravissimas e temerosas proporções.

E porque tomou essa estranha e subita gravidade, uma questiuncula que não prenunciava de per si nenhuma catastrophe?

A irradiação do imperialismo decrescia: quando o sol está descendo, os minimos objectos

projectão grandes sombras; assim quando a fraqueza carcome os governos, impõem-se-lhes grandes satisfações por diminutas faltas.

O incidente que ia servir de pretexto e occasião á queda do gabinete, não podia ser em hypothese alguma a verdadeira causa desse acontecimento.

Rompia-se a organisação ministerial antes pelo esforço das antipathias que a cercavão, e pelo embate da impopularidade da sua politica coercitiva em todos os assumptos.

O Sr. Cotegipe havia assumido umas apparencias de Bismark em tempo de guerra politica, homem de ferro, inexoravel e impassivel.

Presumia muito de si, e muito pouco da opinião publica que detestava a sua politica, e da energia da classe militar cujas antipathias provocou intempestivamente.

Apparentemente esse gabinete foi exonerado pela Princeza Imperial então Regente, mas na realidade foi destroçado pela opposição que soffreu, levada ao seu auge com a desordem nas ruas, atacados todos os postos policiaes, e espalhados boatos ainda mais assustadores, confirmados, aliás, por todos esses precedentes.

Originara a crise um facto triste mas vulgar.

Um official de marinha reformado, fôra conduzido á uma estação policial porque promovia

grande desordem, achando-se em estado de alienação mental.

Esse official fôra um moço distincto, dotado de brilhantes qualidades, e tivera cursos scientificos ; a enfermidade, porem, perturbára-lhe completamente as faculdades, e o reduzira á um triste estado.

Violento e arrebatado, destemido no seu delirio, era difficil accalmal-o.

Nessas condições, propalou-se, que fôra brutalmente encerrado na prisão do destacamento policial de permeio com o rebutalho de pessoas que ali se achavão.

Commandava esse destacamento um alferes dotado de apoucada intelligencia, e destituido de maneiras delicadas, é certo.

No emtanto, explicou elle que tal não fizera ; que o infeliz doente não estivera em contacto com os demais presos. e fôra tratado com todo o respeito devido á sua pessoa e ao seu infortunio, sendo, apenas, contido nos seus extremos excessos e isto até no seu proprio interesse.

A opinião publica, e as sympathias dos camaradas do official enfermo, não se satisfazendo com essas explicações, espalhou-se no emtanto a noticia de que era resolução do chefe de policia não dar nenhuma satisfação alem das explicações

já ministradas, as quaes elle e o ministerio acceitavão plenamente.

E' claro que si o facto se desse no dominio de um gabinete que já não estivesse indigitado no odio publico, despopularisado e soffregamente supportado, não se teria aggravado tão rapidamente a crise.

Assim como é igualmente de suppôr que si não fosse um espirito de verdadeiro autoritarismo que dominasse os ministros e o chefe de policia, não teria este inutilmente affrontado com desusada violencia e intempestiva altivez os reclamos e protestos da classe militar em beneficio da justa reparação devida á um official victimado pela desgraça, e que dizia-se com apparencias de razão, ter sido cruel e violentamente offendido na sua pessoa enferma, e portanto mais do que nunca, inviolavel e digna de todos os respeitos.

Um espirito moderado e justo, teria com o maior escrupulo syndicado de todas as minudencias do caso, procurando apurar a verdade, tanto mais quanto tratava-se de um doente á respeito de quem allegava-se que, apezar de conhecido o seu estado e a sua patente, havia sido miseravelmente arrastado á enxovia onde não entrou senão depois de desesperada e terrivel resistencia, em meio da qual, segundo declarárão os moradores das casas immediatas bradava que era official.

Justificava-se, pois, e era nobilissima a intervenção dos seus companheiros de armas, e não podia ser nem despresada, nem acolhida com insultuosa repulsa.

O facto commum do triste infortunio do capitão-tenente Leite Lobo, que fôra um dos moços officiaes mais dignos e sympathicos da sociedade fluminense, creou, pois, uma crise violenta e aguda que obrigou o ministerio á retirar-se, ao passo que audazmente tinha-se elle collocado em frente á propaganda abolicionista que representava uma idéa humana fortissima, sem que do febril desencadeamento das nobilissimas paixões dessa grande causa lhe tivesse resultado o desastre que acabou por encontrar em uma simples questão policial, que em poucos dias crescêra em gravidade a ponto de pôr em perigo as proprias pessoas dos ministros e do seu outrora temido chefe de policia.

Occorre ao psychologo inquirir de si proprio quão profunda devia ser a fraqueza physica que affectava a grande causa do principio da liberdade humana, que a despeito da sua grandeza moral, não conseguiu com a sua vibrante propaganda a derrota daquelle ministerio, assim, depois, tão facilmente derrotado pelo unico pundonor de uma classe!

São factos passados, exclusivamente pertencentes ao dominio da historia politica.

Já ha muito está morto quem presidiu esse ministerio que assim cahiu na praça publica, si bem que apparentemente exonerado no paço da regente, e cuja deposição foi de certo o preludio mais proximo do dia 15 de Novembro de 1889, e seu directo e immediato precursor.

O barão de Cotegipe foi verdadeiramente um politico do reinado de D. Pedro II.

Espirito facil, talento maleavel no sentido de adaptar-se ás circumstancias, intelligencia litteraria senão scientificamente cultivada, orador agradavel, insinuante, copioso e diserto, palavra muitas vezes repassada de fel e de ironia, mesclada com o travo amargo do ridiculo.

Era um adversario digno de apreço.

Guardára aquellas tradições que os ministros brazileiros de certa época, tinhão adquirido no estudo do parlamentarismo inglez.

A idade foi requintando essa rigidez semi-aristocratica no modo de ser e de tratar os negocios officiaes.

Como Thiers nos seus ultimos discursos, o finado barão de Cotegipe tambem referia-se com gosto, a seus dilatados annos que lhe havião embotado o ardor, e tinhão prodigalisado as lições da experiencia, a quem, como elle, nada mais queria, nada mais desejava, e [illegible] ava senão

ao socego e descanço, depois de ter passado pelas mais altas posições officiaes.

Leem-se estas palavras nos discursos proferidos depois da queda do seu ultimo ministerio.

Sagaz, e esteril.

E por isso dissémos que foi verdadeiramente da época imperial.

Com effeito todo o reinado do segundo imperador foi de absoluta esterilidade, talvez porque sendo elle homem destituido de iniciativa, aproveitasse da fraqueza dos partidos e conseguisse pôl-os ao diapasão do seu proprio espirito.

Raramente principe reinou tão completa e soberanamente sobre um paiz e uma geração.

A vontade do imperador transmittia-se em toda a extensão do Brazil; como que impregnava todos os espiritos.

Ai daquelle que se mostrasse discolo!

A' semelhança delle, todos os nossos politicos, parlamentares, ministros e estadistas, forão estereis e infecundos.

Satisfazia-se a aspiração politica nas posições officiaes, e o amor da gloria só produzia discursos, sem, porém, dar-nos um Cavour, para formar uma nova patria, ou um Gladstone, para fazer da palavra uma clava a favor da lei, da liberdade e do progresso.

Dahi nasceu a phrase, *rhetorica parlamentar* que se tornou popular.

Foi isso uma grande desgraça, porque nunca o é pequena, o descredito da intelligencia, o ridiculo lançado ao espirito humano em uma das suas mais elevadas manifestações, e o entorpecimento deste, preso ás vaidades como a uma Capúa deshonrosa e aviltante.

Producto directo dessa politica imperial que propunha-se unicamente á administrar rotineiramente, divorciando-se totalmente do progresso e das innovações, e fiel collaborador della, nem por isso deixou o barão de Cotegipe de ser um dos homens mais intelligentes da sua epoca.

Não previa, porém, que viria a abolição, e quando a viu feita, quiz desforçar-se com um sarcasmo chamando *inglezes* os libertos.

Para elle o ser inglez era a méta da grandeza humana, e por isso achava risivel tomar de um pobre liberto, cujo corpo preto cobria apenas uma miseravel faixa, e lançal-o em meio das pompas do senado, tropego, miseravel, estupido, boqui-aberto, ironicamente revestido do titulo de inglez, cidadão da grande Albion e glorioso senhor dos mares!

Ironia que contrasta cruelmente com o grandioso sentimento de compaixão que nessa mesma camara ingleza, que votou o bill Aberdeen, sempre encontrou a sorte miseranda dos escravos.

Gracejo aristocratico de quem esquecia tragicos infortunios da historia.

Tal era, porem, a juvenilidade de espirito do barão de Cotegipe na idade de mais de setenta annos.

Vendo passar coberta de bençãos e de flôres a aurea lei da emancipação, assaccou-lhe esse impotente sarcasmo, e annunciou ao imperio uma catastrophe.

Pouco tempo depois morreu, e até em sahir opportunamente deste mundo foi feliz, porque cumprida e esgotada estava sua carreira, e na politica já não restava lugar honroso para elle, defensor da escravidão irmanada á monarchia, e chefe do ultimo ministerio anti-abolicionista.

---

## POPULARIDADE E IMPOPULARIDADE DO MINISTERIO JOÃO ALFREDO.

---

Immensa fôra a popularidade que auréolára o ministerio João Alfredo.

Houve unanimidade completa em todo o paiz para cobril-o de applausos.

Os prejudicados senhores de escravos não ousárão quebrar a harmonia serena dessas acclamações em meio das quaes parecia que devia esse ministerio libertador entrar na historia, de antemão sagrado pela gloria, e immortalizado no jubilo de uma nação inteira, na gratidão de uma geração de escravos cujos ferros partira, e nas

bençãos da patria á cuja consciencia arrancára o opprobrio da escravidão.

A lei da abolição não era uma lei ordinaria nem politica.

Ella constituia uma verdadeira lei humana e historica, porque radicava-se na propria consciencia e legislava á favor da restauração do individuo humano, abolido no escravo.

Transpunha portanto os limites dentro dos quaes movem-se as outras leis.

Quebrava todos os moldes, para vasar-se exclusivamente na consciencia.

Lei, não de disposições convencionaes, e sim de principios, alteára-se ao maior cimo do espirito humano, penetrára na consciencia, destruira a impia e inclemente obra da barbaria, e sobre os interesses offendidos e suas recriminações erguéra o principio da liberdade, martyr de muitos seculos.

Si não fôra essa lei immortal devida á exclusiva iniciativa do gabinete, comtudo tivera elle bastante elevação de espirito para assumir a responsabilidade desse acto, a extrema felicidade de ter lhe cabido em sorte essa inolvidavel missão, e a gloria immorredoura de haver ligado o seu nome e a sua consciencia, á consumação desse grandioso acontecimento.

Parecia portanto que a lei aurea seria durante muito tempo, á favor do ministerio que a

promulgára o esplendoroso escudo que o havia de proteger, luminoso e impenetravel aos golpes dos adversarios, como aquelles epicos escudos descriptos por Homero e Virgilio, em cuja coiraça de ouro vião-se representadas as grandes luctas dos deuses.

Na face dessa lei, na folha immortal em que fôra escripta, estampada tambem ficára para todo o sempre a lamentavel epopéa da escravidão, repassada de lamentos, aljofrada de lagrimas, como o marmore de um altar levantado sobre o tumulo que houvesse servido de sacrario aos orvalhos de muitos seculos.

As glorias, porém, são ephemeras e tão tenues como o fumo.

As acclamações que glorificárão esse ministerio, não podem ser comparadas senão á um immenso fogo de artificio queimado no mar.

Cobrem-se as aguas de mil fulgores, os ceus illuminão-se, os horisontes envolvem-se em purpuras, e o espaço enche-se de esplendorosas magnificencias.

De subito apagão-se todos estes brilhantes esplendores, desvanecem-se essas illusorias opulencias, afundão-se e desaparecem nas aguas todas essas ephemeras fulgurações, e nos ceus fica *unicamente brilhando* a luz serena da estrella

que guia o homem do berço ao tumulo, ao través das illusões da vida.

Em curtissimo espaço de tempo foi decrescendo a popularidade do gabinete.

Seus adversarios não lhe respeitárão a gloria.

Não lhe poupárão a honra.

Não levárão em conta a grandeza da sua missão.

Pontifice da liberdade humana, que do chão da patria elle levantára ao altar inviolavel da historia, atiravão-lhe os maiores apodos á essa thiara de glorias com que fôra-lhe cingida a fronte no dia 13 de maio.

Levantárão contra elle a guerra dos Loyos, e o Snr. Ruy Barboza, aprimorando ainda mais a eloquencia da sua fulgurante penna, em meio dessa terrivel propaganda, escrevia contra o gabinete o artigo que encimou com o titulo: O REU, em que fazia-o comparecer perante as camaras nessa miseranda qualidade, *levando na dextra o chocalho da corrupção parlamentar e ás costas avergadas a arca dos Loyos.*

Reu, aquelle mesmo ministerio, ainda havia pouco, coberto de bençãos!

Reu, elle que acabava de trilhar triumphal estadio entre acclamações e apothéoses!

Reu, quem libertára talvez um milhão de *almas!*

Reu, coberto de louros, e que podia responder aos seus adversarios: Venci a escravidão.

E aquelles adversarios, que havião elles vencido, e que havião feito de grande para trazerem nos labios tão pungente injuria?

Onde estava, porém, a monarchia á quem elle servira e se associára na obra tardia de reparação que esta emprehendêra á beira do leito de agonia do imperador, quando accreditou que a morte o ia depositar immobil e enregelado naquella terra da Italia, d'onde out'rora sahira o grande genovez para descobrir a futura patria sobre a qual tinha de reinar D. Pedro II?

E as multidões que haviam acclamado esse illustre gabinete porque calavão-se?

E aquelle concerto de hosannas que lhe viera accariciar o coração engrandecido pelo amor tão subito quanto ephemero de um paiz inteiro — como não dispertava seus grandiosos echos para amparar em meio da procella inclemente da politica, esse gabinete que todos havião elevado tão alto, para depois precipital-o tão baixo?

Nem sequer, em meio d'essa profunda agonia á que o votára a implacabilidade das paixões politicas da occasião, o veio consolar a lagrima affectuosa e reconhecida do liberto, inconsciente do infortunio politico de quem o redimira da escravidão, indifferente á esse mesmo infortunio.

Não podia o Sr. João Alfredo consolar-se de tantas injustiças, contando com o saudoso reconhecimento d'elles, como Roberto Peel contára com a gratidão d'aquelles « cuja partilha sendo « o trabalho e o ganhar o pão ao suor da « fronte, d'elle se haviam de lembrar todas as « vezes que reparassem suas forças com um ali- « mento abundante e isento de impostos, e para « elles suavissimo porque nenhum sentimento de « injustiça lhe viria misturar o seu travo. »

O Snr. João Alfredo não podia esperar esse abrigo seguro, no coração dos homens à quem libertára.

O presente para elle só tinha tempestades.

E só na justiça da posteridade é que poderia encontrar remançoso abrigo, para a sua memoria.

Em meio, porém, dessa crudellissima guerra só um homem apresentou-se; — só uma voz ergueu-se no parlamento fazendo echo á de José do Patrocinio na imprensa.

Foi a voz heroicamente eloquente do Snr. Joaquim Nabuco, que tentou fazer reviver a epica elegia dos escravos para salvar o gabinete, convertendo em bandeira triumphal, o sudario em que fôra sepultada a escravidão.

Já tão cedo havia-se apagado a magia da data historica de 13 de Maio de 1888!

Debalde, em meio do tufão das recriminações, o deputado pernambucano chamou como elementos de combate, para luctarem á favor do ministerio, todas as recordações dos serviços que elle prestára, e fez o balanço das accuzações formuladas contra muitos outros gabinetes.

N'aquella discussão, uma das mais palpitantes do nosso parlamento, levantava-se como terrivel e lendario athleta á favor do ministerio, o martyr negro que havia pouco elle erguêra da miseria e da escravidão.

N'aquelle fervente ambiente de batalha, devião revolutear pelejando contra os golpes vibrados ao ministerio libertador, as lagrimas seculares dos escravos, os vagidos dos recem-nascidos e o arquejar com que havião morrido os velhos servos, todos os soluços com que aquellas gerações amaldiçoadas havião atravessado a vida atė ao tumulo, e para que esses echoantes e historicos clamores não provocassem uma emoção profunda e convulsa, fôra preciso que ensurdecesse a gratidão de um povo.

Havia seculos Scipião — tinha feito calar seus accusadores relembrando que n'aquelle dia elle havia vencido Carthago, inimiga de Roma.

A' despeito, porém, da grandeza da missão que cumprira, não poude o ministerio João Alfredo resistir aos golpes [illegible] vibrados de to-

dos os lados, na imprensa, nos circulos politicos e no parlamento.

Cahiu quando ainda não tinhão emmurchecido os louros com que o aureolára a lei da abolição da escravidão, semelhante ao gladiador antigo, ferido na sua esplendorosa juventude, colhido pela morte em plena gloria, e exhalando o derradeiro alento com os olhos postos na immortalidade.

Destruido como entidade politica, deixou na historia uma obra indestructivel.

Para que ella pereça será preciso que a humanidade muito regrida na sua marcha, e que novos e numerosos seculos de barbaria passem, lançando-lhe suas torrentes sombrias e trevosas.

Emquanto durar, porem, a nossa moderna civilsação, essa obra hade viver, e predominará no Brazil, triumphalmente vasado na sua legislação, o principio da liberdade humana restaurado pelo ministerio João Alfredo no dia 13 de maio de 1888.

---

## MINISTERIO OURO PRETO

---

O estudo do ministerio Ouro Preto é fecundo em revelações.

Para quem como nós, conheceu-lhe de visu os faustuosos principios e o desastroso e inesperado fim—avulta na historia deste ministerio uma inconcussa verdade, digna de ser aproveitada para o futuro, cifra-se ella em que concurrentemente existem muitas vezes duas unanimidades politicas em um paiz, antagonicas entre si, e completa e irremediavelmente divorciadas.

A unanimidade parlamentar dos circulos politicos.

Em confronto antagonico a unanimidade popular.

Foi o que rapidamente e de modo decisivo a experiencia nos mostrou.

O ex-governo imperial, e os politicos preoccupárão-se exclusivamente com a vontade, desejos e aspirações do senado e de si proprios.

Por consenso unanime do partido liberal auxiliado por uma fracção importante do partido conservador, assumiu o poder o Sr. Visconde de Ouro Preto.

A corôa sem remorsos e sem saudades, deixou partir o ministerio que lhe fôra collaborador na feitura da lei de 13 de Maio — e herdando as pastas o novo presidente do conselho, bradou na camara dos deputados, que aceitára o poder para esmagar a hydra da republica.

Taes palavras levantárão uma temerosa tormenta naquelle recinto, então quasi sempre, desapaixonado e calmo.

Houve uma convulsão naquelle velho organismo parlamentar.

A insultante ameaça da politica imperial levantou uma evocação suprema.

Depois de proferil-a o ministro quasi que recuou aos impulsos de tempestuosa indignação.

Via-se que uma poderosa força latente alentava a idéa republicana.

Era essa força constituida pela vaga aspiração da alma do povo, sempre arrebatada em uma mystica admiração por aquillo que lhe diz uma voz prophetica ha de ser o futuro da patria, — força formada por esse grandioso elemento que vive cumprimido, mas á vontade dilata-se nos grandes lances da politica, vehemente protesto da alma dos povos contra as violencias do poder, quando este pretende espancar os irradiamentos de uma idéa que vive nos espiritos como uma luz accêza nos horisontes da patria.

Foi a primeira desillusão do ultimo ministerio da monarchia.

Feitura do partido liberal na sua totalidade, sagrado pela unanime annuencia do senado, sympathico á corôa, dominado pelo orgulho que lhe ia na alma, derivado como que dessas multiplices acclamações, — foi tomado de espanto quando o clamor da consciencia publica destôou dessas harmonias officiaes, fazendo-lhe antever no fugaz relampago dessas coleras, quão sinistro seria o seu fim, e estrondosa a sua queda.

A altivez do primeiro ministro provocára essa reacção de protestos.

Sobre a camara dos deputados, em meio dos discursos da apresentação do gabinete, levantou-se uma verdadeira tempestade, subita e medonha.

Aterrárão-se os amigos da dynastia, um fremito de terror saccudiu-os nas suas bancadas.

O Sr. Joaquim Nabuco, synthetisando na sua palavra esse sentimento de pavor, perguntou ao presidente do conselho si não seria elle o coveiro da monarchia no Brazil, e o seu ministerio o ultimo ministerio monarchico.

Era a voz do futuro, que naquelle instante se fazia ouvir na ultima camara imperial, porquanto essa denominação não póde caber á que seguiu-lhe e que não foi mais do que uma sombra ephemera de parlamento.

O deputado padre João Manoel, fazendo-se o sacerdote da idéa nova, e encendrando a sua voz em um enthusiasmo quasi que prophetico, na peroração de eloquentissimo discurso, exclamou que breve o grito da acclamação á republica rebôaria em todo o Brazil, rolando de encosta em encosta, repetido nas suas mais longiquas e desertas solidões!

E' manifesto que uma evolução profunda e forte se havia produzido no seio mesmo dos partidos monarchicos, donde rompêra assim em aberta revolta essa voz, que era a de um dos velhos soldados do partido conservador.

No Brazil, mais do que em paiz algum, sempre foi muito lenta e desprezada até, a opinião publica e popular em elaboração de uma idéa.

Mas a idéa republicana já surgia impetuosa e forte, da consciencia das classes excluidas do governo, para invadir o parlamento e agitar-lhe o remançoso recinto com o seu forte bater de azas de aguia bravia!

Proxima devia vir a tormenta.

Esses gritos, esses tumultuosos clamores, essas injurias contra o imperialismo, essas audaciosas revoltas no seio da camara que nunca mais as vira depois da maioridade do imperador D. Pedro II — devião parecer a guarda avançada da revolução que avisinhava-se, e o tropel de factos precursores que o destino assim lançava tumultuosamente nos dominios da politica.

O Sr. Visconde de Ouro-Preto, victima de uma fatal illusão, suppoz prover a todas as urgencias, fazendo face ao perigo com a altivez da sua palavra, e lançando mão do direito de dissolução dessa camara dos deputados, onde tambem o Sr. Cesario Alvim abjurára a sua fé monarchica.

Assim o fez, mas o germen da revolta ficou.

A lição da queda do ministerio Cotegipe, ministerio de compressão das liberdades publicas— não aproveitou.

Foi limitado o direito de reunião, senão totalmente abolido, e o chefe de policia Dr. Miranda Osorio, hoje alto funccionario de um banco, mandou lavrar editaes prohibindo os gritos sediciosos.

Erão os prenuncios de uma politica que pretendia ser forte—mas que infelizmente para o governo não passaria de violenta e fraca !

A violencia é sempre signal de fraquesa, e seus resultados ou são desastrosos ou infecundos.

No entanto começárão a ser postos em pratica os planos financeiros do governo, e desencadeou-se o movimento febril que até hoje tem continuado.

Si elle é fecundo e esperançoso, si caminha para a prosperidade ou si hade descambar no abysmo da banca-rota como succedeu com o movimento congenere na republica Argentina, dil-o ha o futuro.

Verdade é que pareceu que o ministerio repetia a phrase celebre proferida por Guisot em França, de 1840 á 1848 : Enriquecei-vos !

A especulação ouvindo essa animação atirou-se ao grande mar de seus milhões em papel, e por tal fórma e com taes freneticos impulsos o revolveu que trouxe á flor das aguas o pouco ouro que dormia nos mysteriosos abysmos que o havião tragado em anteriores desastres.

Criárão-se innumeras empresas.

Surgîrão numerosos bancos, levantando-se cada um sobre uma rapida iniciativa como sobre improvisados alicerces.

O torvelinho das paixões, da concurrencia, e do arquejante esforço dos que se empenharam

nesse movimento financeiro, creou o enthusiasmo e quasi o delirio financeiro, e a loucura da Bolsa, symptoma delirante da nossa epoca.

Essa Bolsa proclamou o seu deus na pessoa do Sr. visconde de Ouro Preto, como mais tarde estava destinada á fazel-o na pessoa do Sr. Ruy Barbosa, seu segundo idolo.

Principiou o seductor cortejo das ovações, homenagens, congratulações, discursos e mensagens —até que veiu a hora em que, esgotadas todas as fórmas conhecidas das apothéoses, foi votada uma estatua de prata ao Sr. Affonso Celso, visconde de Ouro Preto, ministro da fazenda.

Antes, as actas de todas as associações, companhias, empresas, bancos, essembléas de accionistas, havião consignado innumeros louvores ao ministro então omnipotente.

A gloria financeira do Sr. Ouro Preto tocára á méta.

As finanças acclamavam-o nessa occasião, como mais tarde devião acclamar outro ministro-rei, e não assignalamos aqui este facto para diminuir os meritos do estadista imperial, senão para tornar evidente a extrema mobilidade do enthusiasmo do mundo das finanças.

Forão votadas por algumas associações, dotações para a familia do illustre visconde, que nobremente as recusou, guardando nesta emergencia

todo o nobre desinteresse de um homem de estado, que errou profunda e irremediavelmente, mas soube conservar pura a sua reputação individual.

Erão estas as derradeiras e enganadoras pompas com que se devia galardoar o imperialismo.

No emtanto as apparencias de prosperidade erão muitas: todas as exterioridades estavão de pé e conservadas: intacta toda a organisação governamental e administrativa: inviolada a obediencia ao poder imperial: crescente, ao menos na apparencia, o prestigio do ministerio: unanime em seu favor a approvação de todos os politicos influentes: desimpedido o estadio semeado de flôres que trilhava, e onde, á espaços, ergüião-se as apothéoses que já descrêvemos. Novo triumpho o aguardava, na batalha incruentissima das urnas.

Ia ser este, o ultimo que conquistaria, porque do outro lado estava a Rocha Tarpeia onde velava o Destino.

Surgiu do pleito eleitoral, uma camara unanime á favor do governo. Essas unanimidades sempre forão muito communs no Brazil. Um ministerio liberal trazia ao parlamento uma unanimidade da sua parcialidade; um gabinete conservador, fazia uma camara conservadora.

les os effeitos da influencia official, pela deliberação propria, e onde impera ou imperava aquella influencia, fazer predominar a livre escolha dos candidatos pelo livre arbitrio dos eleitores.

Nesse pleito eleitoral a que presidio o ultimo gabinete liberal, um grupo de admiradores do Sr. Ruy Barboza, apresentou-o contra o candidato governista, Barão do Paraná, politico estreiante.

A apuração deu noventa e nove votos ao illustre publicista cuja penna então enchia de fulgurações as paginas do *Diario de Noticias.*

O barão de Paraná foi eleito por mais de mil e tantos votos.

E' certo que o proprio Dr. Ruy Barboza desinteressou-se do pleito.

Pergunta-se, porém, si a sua extraordinaria illustração, si a sua eloquencia escripta e fallada, si todos os seus brilhantissimos talentos devião ou não, valer no espirito, na admiração e na consciencia do eleitorado, muitos e muitos outros votos, além desses escassissimos que lhe foram dispensados?

Em que limbos dormia então todo esse mundo financeiro depois enthusiasta do Sr. Ruy Barbosa?

Não tinha elle já lido os seus magnificos artigos; não lhe conhecia o privilegiado talento; não o via todos os dias na brecha, ardente e brilhante;

como, pois, deixava assim desaureolado o nome desse pujante lutador da opposição?

No emtanto, hoje, se o tivesse querido, o Sr. ministro da fazenda teria visto confluir sobre o seu nome, a torrente vertiginosa da unanime votação deste mesmo eleitorado fluminense.

Forçozo é confessar aquillo que é evidente e está na consciencia de todos: o mecanismo eleitoral entregava as eleições ás mãos do governo.

Actualmente ainda assim é.

Não é a formula que cria a lei.

O alicerce della, está na consciencia da nação.

A sua coiraça só póde ser formada pela inpenetravel incorruptibilidade dos costumes publicos.

Onde não existirem esses luminosos elementos, poderáõ ostentarem-se pomposas exterioridades de um brilhante regimen eleitoral, mas nunca ahi existirá uma verdadeira liberdade, nem no seu espirito, nem nos seus fecundos resultados.

Oscillará a consciencia eleitoral não ao influxo dos principios — sim, porém, ao capricho do poder, perdendo todo o seu valor, e convertida em dependencia dessa vontade suprema.

A opinião publica, á sua vez, ficará privada do orgão por meio do qual directamente poderia manifestar-se, e quaesquer que sejam as apparencias e

as formulas, estará instaurado o absolutismo senão de direito, pelo menos de facto.

Por isso é que são livres só os povos chegados á um elevado grau de cultura intellectual.

Na consciencia servil de um simulacro de eleitorado por elles proprios formado, pouzaram todos os governos da monarchia, como na hospedaria das suas paixões de occasião, e triumphalmente por ella transitárão, como pela facil chancellaria da sua ephemera omnipotencia.

Congregava-se, porém, uma força phisica que em instantes ia quebrar todas essas tão custosas e falsas apparencias de legalidade, á custa de que se haviam acostumado á viver esses ministros — e a ultima camara assim formada e surgida em meio dessas futeis ficções, dignas do mais puro byzantismo, estava destinada á ser precipitada ás gemonias antes mesmo de tomar assento nas suas cadeiras.

Dispersa antes de reunida, dissolvida antes de constituida, expulsa pela força, não teve ella animo de appellar para o direito que tinha consciencia que não representava — e assim finou-se silenciosa e obscuramente, envolta em uma ponta do sudario que amortalhára o systema imperial, á quem ella teria servido se tivesse vivido.

E vêde, pois, ahi está um ministerio rodeado de todas as exterioridades do poder, deslumbrado

por falsas manifestações de adhesão publica, cujo prestigio exercendo-se de um extremo á outro do Brazil, fez triumphar seus candidatos ás eleições, e cujo nome voando de bocca em bocca no mundo das finanças e dos negocios, foi victoriado e coberto de acclamações — ministerio á cujo chefe há pouco, offereciam estatuas, e á quem agora falta um lar tranquillo onde descance a cabeça!

Que fatal politica será, pois, essa que cria ephemeros triumphos, e deixa ao pé delles cavarem-se profundissimos abismos?

Pois nenhuma consistencia terião todos esses elementos politicos, e quem dispuzesse delles não disporia de cousa alguma, elementos mais tenues que o pó, mais fugazes que o fumo, mais enganadores que a mentira, mais rapidos em sua dissolução, que o terror e o panico em suas vertiginosas correrias?

Disperta-se na alma, a mais acerba impressão.

Era, pois, tudo isso uma mortalha de flôres encobrindo, no fundo de um tumulo, as mais abjectas corrupções humanas, que bastou um sopro para lançar aos ventos!

Todas essas corporações politicas, essas pomposas organisações governamentaes, esses partidos, esses centros, envoltos no orgulho das suas prerogativas, na magestade historica e politica

das suas origens, na solemnidade dos seus programmas, arrastados pelos enthusiasmos das suas adhesões partidarias e pelos delirios das suas estereis pugnas, homens e bandeiras, instituições e suppostos direitos, não eram mais do que sombras e ficções sem consistencia e sem valor.

Um espirito verdadeiramente cadaverico era o que animava o corpo em decomposição do imperio.

Um simples impulso o fez baquear.

Immenso devia ter sido o desengano do Sr. visconde de Ouro-preto, quando defrontou com a realidade tão diversa d'aquillo que suppusėra.

Accreditára que levaria o imperio ao terceiro reinado, e encontrara-se de subito diante do tumulo onde resvalára o futuro de toda a monarchia.

No manifesto que publicou, procurou elle tudo explicar pela victoria de uma sedição militar, mas deixou inteiro o problema, não explicando como poude essa sedição nascer e desenvolver-se até o mais completo triumpho, em meio dessa monarchia de que elle era primeiro ministro, e cuja vigilancia não podia ter adormecido desde o dia em que o visconde de Ouro-preto exclamára que a hydra da revolução ia ser esmagada!

---

## O VISCONDE DE OURO PRETO

---

O talento do conselheiro Affonso Celso afigura-se-nos diverso daquelle que geralmente se lhe attribue.

Intelligencia brilhante falta-lhe a faculdade da observação.

Dir-se-ia que não medita.

O seu espirito, ou apodera-se prima-facie de uma idéa e de uma verdade, ou é incapaz de apprehendel-a pela observação.

Escapárão-lhe os prenuncios da queda do imperio.

Essa catastrophe historica elle não a soube prever.

No momento do perigo não recuou nem deixou-se perturbar.

Mas o estadista não vira turvarem-se os horisontes da politica, nem aquilatára a magna importancia do occulto movimento que caminhava silencioso, mas profundo e ameaçador.

Ora o homem de estado, deve ter a intuição dos acontecimentos para prover a elles, e a acção para combatel-os e dominal-os.

O Sr. Affonso Celso teve só coragem no momento decisivo.

Esta coragem nobilita o seu caracter e empresta um brilhante heroismo á sua posição de vencido.

Mas verdade é que conservou até o momento supremo, uma confiança que a justa observação dos factos teria destruido, e as disposições que tomou, na posição em que se achava, foram absolutamente nullas.

Portanto, podemos repetil-o, só teve a coragem, não porém, a previsão e a acção.

Impetuoso e autoritario, não cogitava em saber si seria obedecido, e suppunha que sua impetuosidade o salvaria.

Accreditava na inviolabilidade do governo, no momento em que essa inviolabilidade era calcada aos pés.

Desprezára todos os symptomas e factos que constituião a crise com que se via á braços, e não comprehendêra nem a extrema gravidade de uma batalha na cidade do Rio de Janeiro, nem a probabilidade da fraternisação dos corpos de exercito que elle pretendia oppôr um ao outro.

Ora essa fraternisação que, aliás, verificou-se, era muito mais provavel do que a hypothese opposta de uma lucta fratricida.

Si os interesses de ambos os corpos em presença, erão os mesmos, claro é que tudo os levaria á unirem-se, longe de combaterem-se.

Estava levantado contra o ministerio Affonso Celso, o pendão dos brios do exercito.

Esperar que uma parte desse exercito, ficasse do lado do ministerio, era muito aventurar.

A publicação do manifesto do Visconde de Ouro preto, mostrou á toda evidencia, a tibieza e vacillação das respostas que elle recebia dos officiaes superiores, á medida que lhes transmittia as ordens do governo ou lhes pedia informações.

E tambem é evidente para quem leu esse manifesto, que o primeiro ministro não formou plano algum para oppôr ao arrojado plano de attaque que contra elle estava sendo organisado.

Dirigindo-se ao ministro da guerra, segundo elle mesmo declara, frequentemente recommendava-lhe que tomasse as medidas necessarias, mas

nunca diz o Sr. Ouro-preto, que essas medidas forão discutidas, appreciadas por elle proprio, e depois mandadas pôr em execução em nome e por ordem do ministerio.

Pois o governo estava sendo esphacellado, e a monarchia dezabava aos impulsos da revolução, e o conselho de ministros não assentava descriminadamente nas disposições que se devião tomar!

E' claro que o ministerio não sabia deliberar.

Fallecia-lhe a meditação rapida que deve anteceder aos acontecimentos decisivos, e estava possuido de illusões, que a prudencia mandava excluir de espiritos reflectidos.

Reunido, sitiado, e aprisionado em poucos instantes, só deveu a vida á generosidade dos seus adversarios.

N'esse momento supremo a alma do Sr. Visconde de Ouro-preto ergueu-se á altura da situação á que o tinhão arrastado os acontecimentos e os seus erros, e dizem que nenhum sentimento de fraqueza veio polluir o seu caracter em meio da derrota que soffria, e, antes, uma nobre coragem e uma impavida altivez, inspirárão e alentárão seu nobilissimo espirito.

Soube fazer face á fortuna adversa, melhor do que soubera cor-

A rapida elevação do Sr. Visconde de Ouro-preto ainda mais contribuiu para augmentar a impetuosidade natural do seu caracter.

Extremamente moço, obteve logo uma pasta, e desde então influiu sempre na politica brasileira.

Eleito e escolhido senador, tornou-se mais do que nunca inexpugnavel a sua extraordinaria influencia sobre a provincia de Minas, de que é filho.

Os dotes brilhantes do seu espirito, as suas invejaveis qualidades pessoaes, a lucidez da sua intelligencia, a sua extrema aptidão para a discussão e o expediente dos negocios, a sua palavra facil e didactica, creárão-lhe uma grande posição politica que o deslumbrou e perdeu-o, assim como elle perdeu o governo imperial que lhe confiára a sua sorte e os destinos da sua dynastia.

Essa confiança que a monarchia depositou na pessoa do snr. Ouro-Preto, proveio de um erro de appreciação á respeito das suas aptidões.

A' despeito do seu talento brilhante, não possue esse parlamentar as qualidades de um primeiro ministro, isto é, de quem deve assumir todas as responsabilidades do governo, pondo em pratica uma politica que não comprometta a administração e a solução dos negocios da actualidade, e acautele e preveja o futuro, tanto quanto caiba nas forças do espirito humano.

O espirito do ex-ministro imperial, é absoluto e irretractavel.

Timbra em não ceder e antes affrontar.

Fatalmente devia provocar crises, como de facto já havia provocado uma e não de pequena importancia, por occasião da cobrança do imposto qualificado *do vintem.*

Houve nessa occasião sangue derramado, conflictos entre a tropa e o povo — movimentos de cavallaria e descargas que prostrárão victimas, que muitos dos nossos contemporaneos vîrão deitadas sobre as pedras das calçadas da rua da Uruguayana, tendo sobre as faces descoradas a luz sinistra e tremula dos cirios que os sentimentos piedosos dos moradores proximos, lhes accendêrão em homenagem ao seu triste e obscuro martyrio.

Então, como no dia 15 de Novembro de 1889, o Sr. Ouro-Preto não mediu a extensão das consequencias que devião provir das suas resoluções.

Aquellas pudêrão ser remediadas, estas não.

Ao observador reflectido causa impressão verificar que nem ao ministro Ouro-Preto, nem aos seus correligionarios, nem mesmo á corôa, aproveitassem as lições da experiencia.

O momento era difficil porque existião pendentes tres questões politicas graves ; a questão republicana, a das reivindicações ardentes dos ex-possuidores de escravos e a questão militar que

vinha atravessando diversos ministerios dos quaes já destruira o presidido pelo barão de Cotegipe.

Tres movimentos parallelos, profundos, que podião de um momento para outro, unirem-se por que nenhum delles era antagonico aos outros.

Para combatel-os, resistir-lhes, ou nullifical-os, o imperialismo estava só, e atê desajudado pelos seus antigos auxiliares, os abolicionistas que continuavão a fazer guerra cruenta ás reclamações dos escravistas quanto á indemnisação que estes pedião, como havião movido ardentissima e gloriosa guerra á propriedade escrava.

Esta era a posição da corôa, de certo grave, porque tinha de luctar contra um partido deslumbrado por um grande ideal politico; contra interesses importantes e seculares irremediavelmente feridos; e finalmente contra uma classe que representava o elemento de força com que sempre estivera o governo habilitado a contar, a classe militar.

Não devia portanto recorrer a uma politica violenta, e sim moderada e de profunda observação. Era pura loucura não ver e comprehender essa realidade.

O governo imperial tivera sempre comsigo a opinião poderosa dos ricos proprietarios ruraes.

Já então esta lhe era adversa.

Tivera tambem do seu lado, e incondicionalmente, o exercito.

Já não o tinha.

Estava, pois, limitado pura e simplesmente ao pessoal dos dous partidos politicos em que militavam os monarchistas.

Provocar uma crise, devia ser extremamente perigoso. Convinha contemporisar e acalmar os animos.

Para presidir ao governo era mister um homem extremamente prudente e habil como o Sr. Dantas.

Só a prudencia podia senão conjurar, pelo menos demorar, o perigo.

Rompendo com a moderação, não se demorou o presidente do Conselho em declarar, como já o dissémos, que tinha tomado o poder para esmagar a hydra da revolução.

Volvendo-se para o exercito, mostrou-lhe o seu semblante altivo que claramente dizia querer ser obedecido.

Creou o frivolo e inutil incidente da prisão do official commandante da guarda do thesouro, accrescendo ao acervo critico da situação de então, o desprestigio proveniente de factos pequenos e até ridiculos como este.

Preparava-se no entretanto o drama politico, em que a monarchia ia jo[illegible] destinos.

De que elementos podia dispôr o Sr. Ouro-Preto para assim affrontar uma crise temeroza?

Pois não se lembrava que só a favor das baionetas do exercito, conseguira, abrir caminho nas ruas da capital, quando imprudentemente insistiu na cobrança do imposto sobre as passagens dos carris urbanos?

Como faria quando essas mesmas baionetas outr'ora protectoras e amigas, e agora inimigas, se irriçassem diante delle?

Esta interrogativa que se apresenta clara e fatalmente ao espirito, depois de consummados os factos e quando nenhum perigo ameaça, muito mais pungentemente devia assoberbar o presidente do Conselho, quando ella trasia no seu seio as mais sinistras ameaças, e surgia como um espectro interrogando o futuro, duvidoso e talvez sanguinolento?

E' de crer que essa necessaria e contristadora preoccupação, não obumbrasse o espirito arrojado do chefe do gabinete, a julgar pelo procedimento que teve.

O ministerio Ouro-Preto foi uma verdadeira hallucinação politica, em meio da qual o governo tocou o clarim de um nefasto combate para o qual não estava preparado.

Quiz enfrentar com arrogancia todas as opposições, tendo apenas sua vaidade para encobrir-lhe a extrema fraqueza.

Confundiu os interessados applausos dos financeiros da bolsa, e dos agiotas, com o enthusiasmo sincero do paiz.

Não quiz compenetrar-se da completa inanidade de um apoio todo egoista, e suppoz que a nuvem da adulação bancaria o levaria á gloria, simulando um triumpho nacional.

Viveu na ficção, que era seu dourado e predilecto elemento, acreditando que subia, inebriando-se em ephemeros deslumbramentos, contando com o apoio triumphal de uma camara que elle proprio fizera, e com a propaganda estipendiada dos seus mercenarios escriptores.

Despejou a cornucopia das honras, patentes da guarda-nacional, condecorações e titulos de nobreza, e acreditou que, satisfeitas muitas vaidades, conquistára a segurança para si, esquecido de que a cobiça das honras, não gera um soldado da honra e sim a sua abjecta messalina.

A seducção, a alliciação dos animos pelas promessas, das consciencias pelas recompensas, das dedicações pelos favores, por toda a parte abundou.

A consciencia de muitos póde fraquear — a de todo , não.

Aliâs, na occasião de crise aguda, quando as paixões accendem-se, e os animos irritam-se, serão efficazes as derramas de graças?

Esse meio corruptor de effeito em outras circunstancias, não parece ser de bôa applicação quando aopinião irritada, está já quasi em revolta.

A' uns o Sr. Ouro-Preto affagava.

Aos que lhe pareciam adversos ou desobedientes à sua vontade, elle ameaçava.

Caracteristica do seu espirito impetuoso e inteiriço; sorrisos dirigidos aos amigos, desdenhosa provocação aos desaffectos.

Os elementos que o Sr. Ouro-Preto premeiou eram nullos.

Ambições vulgares que satisfez, vaidosas aspirações que realizou, interessados enthusiasmos que recompensou, nenhum desses elementos podiam auxilial-o efficazmente.

Si fosse o paladino de uma idéa, ou o representante de um programma politico que se radicasse na consciencia ou nas paixões nacionaes, comprehender-se-hia essa inexplicavel confiança que ostentava.

Mas esse ministerio vivia apenas na superficie do seu partido, e era uma creação puramente devida ao arbitrio dos centros politicos.

Fôra feito no senado e não pela opinião, portanto só podia ter o valor de uma combinação parlamentar, que não resisteria ao embate de qual-

quer força viva que se lhe antepuzesse, sendo que as forças parlamentares eram todas de convenção e propriamente forças mortas.

O grande erro dos homens politicos do segundo reinado, foi darem extremo valor ás producções desses seus conchavos parlamentares e partidarios.

Tomados de grande orgulho, acreditavam que fóra do parlamento que constituiam, não havia lei nem direito.

Cadaveres elles proprios, julgavam que a nação era outro cadaver.

Joguetes nas mãos do imperante, á sua vez faziam do povo, o seu joguete.

Encerrados no seu cenaculo politico, professavam o maior desdem para o mundo externo, que era o da vida real e o do futuro.

Imbuido dessas idéas mais do que ninguem, o Sr. Ouro-Preto lançou-se à pugna envolvido na nuvem das suas illusões.

Relembrou pela rapidez e estrondo da queda, o ministerio Olivier em França.

O que vae dito permitte concluir que o Sr. Affonso Celso é um brilhante parlamentar, orador e polemista, mas não um estadista à quem pudessem ter sido prudentemente confiados

os destinos de um partido, e o futuro de ùma nação.

Tem os assomos do partidario, a audacia do luctador, o impeto do polemista — mas não possue a serenidade do homem que carrega a terrivel responsabilidade do futuro, e tem nas suas mãos a vida de uma nação e o sangue de seus filhos, que póde ser de subito profusamente derramado e inutilmente sacrificado.

---

## O IMPERIALISMO E SEU SYSTEMA DE GOVERNO

---

Estudar os impulsos, os methodos e as normas do governo imperial, constitue tarefa extensissima.

Não é facil abranger mesmo de relance a administração de um grande paiz, e pretender estudar sua vastissima organisação.

Todos os organismos que vivem, são complicadissimos em seus orgãos e nos seus processos, e as sociedades formão um desses organismos, delicados, vastos, complexos, sujeitos a peculiarissimos phenomenos, exercendo multiplices funcções, arrastados por variados e poderosissimos influxos.

No grande ambiente da patria, dá historia e do tempo, vivem os povos, agitando-se em meio das suas paixões, influenciados pelas suas tradições, e levados pelos seus destinos ao travez do caminho tormentoso da vida.

Os governos que participão dessa abundancia de vitalidade, são grandes e fortes; tem em si a intelligencia da sua época, o impulso das nobres paixões do seu tempo, a grandeza de alma da sua nação; pulsão-lhes no coração os seus affectos profundos, e enlevão-lhes o espirito as immortaes aspirações das suas nacionalidades.

O governo imperial, porém, tinha creado para si um ambiente artificial onde gosava uma vida tambem ficticia.

Movia-se a sua existencia em uma orbita toda convencional, delimitada por linhas arbitrarias, que encerravão o conselho de estado, senado, a flaccida superficie dos partidos dymnasticos, a organisação das administrações publicas, o ministerio e as camaras que este formava.

Nessa esphera vivia o imperio; ahi hauria as suas forças, e os seus elementos de governo.

Existia uma completa separação entre esses centros artificiaes de vida politica, e o fecundo estadio onde desenvolvia-se a vida da nação com todas suas pujanças e suas fraquezas, suas esperanças e seus desalentos, e onde deslisava o extenso

cortejo dos seus esplendores entremeiados de fundas miserias, nos continuos e cambiantes contrastes da existencia.

O governo pairava naquella atmosphera privilegiada.

Existia fortemente constituida a oligarchia do poder.

Traçada uma intransponivel e ideal linha de demarcação.

Ali, o governo em meio das suas pompas e do seu poderio.

Aqui, o povo quasi sem protecção, acurvado ao peso da sua laboriosa existencia.

A unica relação de direito que existia entre o povo e esse governo, era tambem absolutamente ficticia, e resumia-se no viciadissimo regimen eleitoral.

O regimen imperial, em abstracto, constituia um governo parlamentar democratico.

Na pratica era um regimen deprimente que procurava no artificio, na fraude e na corrupção, os seus elementos de vida.

A astucia imperial era a propria substancia do espirito do governo.

O principio do qual decorria a torrente de todos os actos officiaes

Esse principio poderosamente devastador das consciencias, abriu durante quasi meio seculo, um sulco profundo no paiz.

Era um traço proeminente do caracter do imperador, o artificio politico affectando todas as formas, desde a seducção dos homens, até o adiamento das questões, e o recurso das diversões exercendo-se sobre a opinião para conseguir o esquecimento.

Pelo cerebro imperial forão modelando-se todos os homens de estado, e portanto em todas as questões indistinctamente lançava-se mão das mais cavillosas protelações, e empregavão-se os mais injustificaveis subterfugios, sem vexame e sem escrupulos.

Um dos mais recentes e notaveis exemplos dessa estranhavel norma de proceder, foi dado na questão da indemnisação Tripotti.

O governo, talvez levianamente, compromettêra-se para com a legação da Italia, a pagar a importancia dessa reclamação.

Feita a promessa, estabelecido o compromisso, o governo, tardiamente arrependido, pretendeu lançar mão de um expediente que lhe pareceu constituir um meio poderoso de nullificar a sua palavra, protelando na camara a approvação do seu acto.

O ministro da Italia justamente offendido com semelhante procedimento, dirigiu uma nota ao

governo imperial, em que argumentando com toda a logica, ponderava que não podia soffrer as consequencias dos embaraços da vida interna do gabinete, mas que parecia, aliás, extraordinario e quasi impossivel, que um ministerio parlamentar que dispunha de uma numerosa maioria, não pudesse obter a approvação de um acto seu que importava o desempenho solemne da palavra do governo compromettida para com outro governo amigo.

E estranhava que o gabinete não se molestasse em conservar-se, assim, em posição falsa perante um compromisso tomado, o qual parecia querer retractar em vista dos obstaculos parlamentares que não tratava de remover, preferindo antes para elles continuamente appellar, quando a legação italiana não tinha de modo algum que occupar-se delles.

Essa nota era notabilissima, e, salvo erro, dirigida ao conselheiro Lourenço de Albuquerque, então ministro de estrangeiros.

Logica na argumentação.

Aspera na sua fórma incisivamente concisa.

Não pensava talvez o ministro da Italia, que commentava e combatia um dos habitos mais perniciosos e inveterados do regimen imperial, a protellação.

Meio de que servia-se para cançar, desgostar e fazer desanimar.

Meio astucioso que recorria, quando necessario, á todos os pretextos e a todos os subterfugios, e que raramente falhava.

A protelação, é uma das variedades da inercia, e esta é invencivel, sobretudo quando exercida por um vastissimo organismo que dispõem de formulas, processos, e funccionarios em demasia, a oppórem cada um o seu terrivel torpor á acção individual de um direito ou de uma justa aspiração.

E por taes processos, usando desse methodo, recorrendo a esses meios, o governo imperial conseguiu sempre domar os espiritos, alquebrar as forças dos mais activos, cançar a coragem dos mais destemidos, desgostar o animo dos mais trabalhadores, e conturbar em profundo desalento as almas mais valorosas e cheias de esperanças.

Sobre o tumulo em que durante cincoenta annos cahírão feridas e desilludidas muitas legiões de espiritos ; em que sepultárão-se esforços, coragens, valor, talentos, intelligencias, trabalho ardente e nobilissimo, purissimas aspirações, e rojárão-se heroicos desalentos — a historia só verá pairar a insensivel indifferença do egoismo do ex-imperador.

Coração marmoreo, digno de velar junto a esse vivo monumento de muitas dôres e tristezas patrias !

Espirito de Machiavel reduzido ás proporções da nossa politica, deprimiu profunda e irremediavelmente a alma da geração coeva.

Occultou o absolutismo da sua vontade, no manto roto das ficções.

Preparou o nosso paiz para todas as desgraças e para todas as tyrannias.

Empenhou-se em alquebrar as masculas e nobres resistencias populares.

Trabalhou ininterrompidamente para intibiar todos os livres impulsos que dão individualidade a uma nação.

Propagou a necessidade da adulação.

Deixou medrar as sollicitações homicidas do direito e do merito.

Dellas nasceu a preterição de um e de outro.

Erigiu como dependencia da sua, a realeza da oligarchia.

Nunca deu razão ao pobre contra o rico, ao fraco contra o poderoso.

Amou a licença — desamou a liberdade.

Alentava aquella por ser destruidora desta.

Não amava a coragem, nem a franqueza, nem a opinião sincera, nem a expressão livre e arrojada.

Queria todos presos aos moldes das ficções do seu governo, enfaixados nas suas formulas, embora constrangidos e diminuidos nas proprias individualidades.

Assentára o seu governo nas regiões do absolutismo velado pelas ficções parlamentares, e assim ficára para todo sempre obrigado a ter como sceptro, a astucia, que enfeará perante o porvir o seu caracter que tem, aliás, nobilissimas faces.

A administração do paiz ressentiu-se desse gravissimo venificio.

Celebre estadista exclamou que a corrupção vem sempre de cima.

Nascida no cimo do poder imperial, encontrou ao descer, no seu vertiginoso curso, todas as altas corporações politicas, ministros, senadores, funccionarios, juizes, magistrados, a representação de todas as classes e de todos os poderes, os impetos de todas as ambições, e na base da montanha social, a grande planicie popular que encharcou, sen que haja sol cujos raios possão de prompto seccar essa onda crescente ainda, e sempre fatal té hoje.

No governo imperial, era lenta a comprehensão das necessidades publicas, demorada a annuencia ás aspirações nacionaes.

Largo tempo conservou a roer o peito da nação, a ignominiosa chaga da escravidão.

Ella era a tyrannia domestica, como elle era a tyrannia politica.

Opposto ás reformas, timorato e incredulo em face do progresso.

Nunca poude ser sympathico ao suffragio universal.

Preferia-lhe as torpezas das eleições censitarias, essas ficções vergonhosas da supposta representação parlamentar, em que sempre vencia a lista do governo e triumphava contra a consciencia publica violada, a vontade de um ministerio quasi sempre sem valor e sem merito.

Adepto desses processos vergonhosamente viciosos, degradantes, e apenas dignos de uma sociedade corrompida e putrefacta, legou-os aos seus successores de leve attenuados, mas inflexiveis em seus intentos, temerosos em seus effeitos, e fataes em suas consequencias.

A verdade, a justiça e o direito, sempre forão suspeitos ao imperialismo.

Elle truncava a verdade.

Fazia calar a justiça.

Calcava o direito.

Erigiu o reinado da mentira official sanguinolentamente assignalado quando desmentio o assassinato do infeliz Castro Malta.

Fez calar a justiça, quando espingardeou o povo inerme, que na rua da Uruguayanna pedia a revogação de um imposto inepto.

Calcou o direito, tantas e tantas vezes, em tantas e tantas consciencias, em tantas e tantas almas, que a paciencia cançar-se-ia em contal-as,

mesmo no limitado periodo dos dias mais proximos da actualidade.

O Imperador era o governo todo.

A opinião publica não possuia a menor influencia.

Os partidos monarchicos aguardavam a chamada imperial.

A corôa, á seu arbitrio, investia do poder uns ou outros, conservadores ou liberaes.

Senhor de um pessoal politico de extrema docilidade, com as eleições nas mãos, dispondo soberana e absolutamente das graças para seduzir e da força para vencer as resistencias, do orçamento para pagar, e da policia que é um braço de ferro; fazendo em seu proveito actuar todos esses elementos sobre a dobrez dos homens, a avidez e as ambições dos partidos — o imperador, revestido das apparencias de principe constitucional, de facto era absoluto, porque podia o que queria.

Levemo-lhe, pois, em conta o ter sido moderado na omnipotencia que usurpára sobre a fraquesa de uma geração destituida das altivas resistencias e soberbos heroismos, cujos reflexos lhe tinham illuminado o berço velado pela mascula coragem da geração passada, e ainda gloriosamente ensombrado pelas proximas recordações da nossa independencia.

O imperador pretendendo guardar illeso o prestigio do seu governo e funccionarios, entendia não dever acolher as justas queixas dos prejudicados, e daquelles que soffrião injustiças e oppressões.

Durante o seu reinado nunca viu-se o triumpho de um justo reclamo sobrepujar a protervia da administração representada, quer por seus altos, quer por seus infimos funccionarios.

Assim pensava manter o principio da autoridade, recusando fazer justiça contra os erros, dislates, violencias, perseguições ou vinganças.

Era o systema da impeccabilidade do governo que devia ser tido como perfeito em todos os seus orgãos, innatacavel em todos os seus actos, inviolavel em todo o seu pessoal, sobranceiro á tudo e á todos, até ao proprio direito e á eterna justiça!

Falsissima comprehensão da solidariedade da publica administração, que mandava encampar o erro ou crime de um, pela responsabilidade commun e chamava sobre o organismo central, o odiento virus de alheias faltas, creando-lhe assim uma legenda de impopularidade, que por indestructiveis fios ia-se ligando ao coração de todos quantos havião soffrido injustiças e inultas offensas, e dahi irradiava-se na grande alma popular, sempre accessivel ao infortunio e avêssa á injustiça.

Disso resultou, como devia fatalmente resultar, profusa serie de abusos, cuja impunidade estava previamente garantida.

Abalou-se, e pode-se dizer, perdeu-se no espirito publico a nobilissima fé na justiça.

Ninguem mais ousava á bem do seu direito offendido, reclamar, certo de que dessa aventurosa e imprudente reclamação, resultaria a aggravação das injustiças soffridas, quiçá o sacrificio completo da propria posição, muitas vezes alcançada em dilatado numero de annos, e exposta á completa destruição em um despacho de affrontosa demissão.

Era esta uma das faces da compressão exercida pelo governo imperial.

A justiça, filha de tal regimen, educada nesses perniciosissimos exemplos, influenciada pelos preceitos do governo, sujeita a omnipotente influencia delle, seguia tambem com desassombro as mesmas fatalissimas praticas.

A ficção democratica e constitucional intervindo nesses abusos e nessas clamorosas violações do eterno principio do justo, procurava formulas apparentemente legaes, argumentos especiosos, simulacros de rasões, e com ellas formando arrasoados em estylo official e juridico, dava á injustiça, com profundo escandalo da consciencia publica, as falsas apparencias do direito e da rasão.

Impressão fatal de uma epoca, inevitavel contagio de um mal intellectual e moral devastador de todas as consciencias e avassalador de todos os espiritos, influencia da atmosphera corrupta de um systema que tomára como instrumento de governo, a simulação e a astucia—ineluctavel corrupção que impellia todas as almas para os abismos da negação do direito.

Era a deserção da verdade, e o esquecimento da justiça.

Outro systema adoptou a actual republica franceza.

Quiz sempre fazer prevalescer o principio da immortal justiça, esse principio que ha muitos seculos, levou Brutus á immolar o proprio filho.

Arrastou aos tribunaes a ignominia dos generaes prevaricadores, como o conde de Andlau, as especulações criminosas do Sr. Wilson, genro do então presidente da republica, e preferiu expôr ás severidades da lei e ao implacavel juizo da opinião, as faltas individuaes desses funccionarios do gooverno, á encampal-as immoralmente, e contrahir perante a consciencia publica, a nodoa e a macula da cumplicidade moral, que lhe resultaria da impunidade desses crimes, si abrigada na invulnerabilidade dos seus autores protegidos pelo governo.

Ao passo que accreditava o imperador, que o seu systema de solidariedade medonha com todas

as faltas, omissões, violencias, injustiças, preterições, vinganças, desforços, escandalosas protecções, e impavidos attentados praticados pelos agentes do seu governo, crearia em deredor de si uma impenetravel couraça de timorato respeito, atravessava essa couraça o odio das victimas, e fazia-lhe oscillar a corôa no cimo altaneiro do seu governo, o sopro crescente da indignação publica.

Era que D. Pedro II tolerava paternalmente em seus amigos, o prolongamento dos proprios defeitos.

Gostava de proteger com acinte da consciencia nacional, alguns amigos sem merito e sem serviços á causa publica.

Estendia-lhes os favores até aos parentes mais remotos, e fazia dos cargos publicos, os dotes e os apanagios das familias delles.

Instituia-lhes no estado e na jerarchia das suas posições, uns modernos morgadios.

E si o fazia, elle com a profusão da munificencia imperial, não achava máu que o fizessem mais modestamente os seus collaboradores no governo.

Dahi surgiu o nepotismo, vicio profundo da sociedade brazileira, que durante muitos annos ainda ha de devastal-a, atirando-lhe as raizes até ao coração e comprimindo-o implacavelmente.

Os governos não podem ser perfeitos: pretender encontrar nelles essa perfeição e continua sublimidade de espirito que não é licito procurar nas mais puras consciencias, é utopia.

Mas é exigivel nelles a pureza dos principios; a inflexibilidade de uma consciencia serena nunca desertando a orbita do direito e da justiça; a firmeza de animo procurando sempre a verdade; o espirito de austero sacrificio em bem do povo e dos interesses immortaes da patria.

Elevar a alma da sua geração, robustecer-lhe o espirito, consolidar-lhe as virtudes, coròar-lhe a vida pela exaltação da justiça e pela consagração do direito, será sempre, em todos os tempos e para todos os governos, uma nobre missão e um elevado ideal.

Não accreditamos que o haja tentado o governo imperial decàhido.

Parece-nos que elle não soube identificar-se com o espirito do seu tempo; antes procurou guerreal-o usando de subterfugios e de ardis, como si taes infimos tropeços pudessem obstar ao triumpho do espirito moderno, e seu advento fatal e inillidivel.

Não soube desprender-se do uso dos vulgares recursos de uma politica sem alento e sem elevação.

Si elle tivesse erigido uma politica larga, de grande envergadura, p[illegible] seio abrigar

as aspirações nacionaes, concentrar em si toda a força de expansão do povo; politica generosa que abrisse horisontes aos homens trabalhadores e intelligentes, ás classes activas e productoras, accessivel á todos os cidadãos; teria, de certo o governo do imperador D. Pedro II cumprido na historia honrosa tarefa, e talvez prolongado a duração da monarchia, ou pelo menos levantado um tropheu glorioso sobre o mausoleu della, porque as classes que elle tivesse chamado á vida publica, e associado aos seus destinos, ou o terião defendido, ou pelo menos, o enaltecerião no conceito do porvir pelo seu saudoso reconhecimento.

O imperio, porém, infelizmente para elle, cahiu em meio da indifferença, sem provocar uma emoção, sem levantar um protesto, sem convulsionar a sociedade que havia regido, sem derramar em torno de si, nessa catastrophe subita, os impetos da resistencia ou de um heroico desforço.

Os prantos da saudade o não consolárão, o sacrificio e o devotamento dos amigos não o reconciliárão com a desgraça.

Para elle, o exilio começou já na terra da patria, pelo abandono e pelo isolamento.

Ao despedir-nos delle, ao ver baquear no occaso a época imperial, invade-nos o sentimento profundo que na alma humana, levanta sempre o

espectaculo das grandes quedas, evocando melancolicas licções.

Assim desvaneceu-se em poucas horas, o poderio do homem que durante tam dilatado periodo de annos, dispoz da nossa patria.

O imperador passou do throno á adversidade, colhido de improviso, sem que o destino lhe concedesse nem siquer momentos de espera, entre a prosperidade e o infortunio.

Collocado esse seu throno na superficie artificial onde degladiavão-se os partidos dynasticos, desapareceu de subito quando rasgou-a a espada da revolta, como, rasgada a tela que figura o chão de uma scena de theatro, somem-se em silencioso cataclysmo todos os personnagens que pisavão esse solo ficticio.

Se a monarchia houvesse radicado sympathias no paiz, si tivesse vivido junto ao coração do povo, dispertando-lhe os affectos, fallando-lhe n'alma a linguagem dos enthusiasmos nacionaes, unindo-se ás suas alegrias e partilhando-lhe as magoas, — por mais abatido que estivesse o coração desse povo, por mais conturbáda e enfraquecida que estivesse a sua alma, elle não teria esperado que houvesse passado o terror que dominou os partidos politicos, e ter-se-hia levantado para combater e morrer.

A monarchia, porém, nunca havia estendido a mão, senão aos aulicos: vivêra adulada por elles, e servida pelos partidos dynasticos.

Estes tambem só alimentavão sentimentos de interesseira fidelidade; os seus principios erão de pura convenção; os seus programmas destituidos de convicções; a sua vida toda artificial, desalentada de crenças serias e profundas, entregue ao acaso dos interesses e dominada pelas luctas das vaidades; os seus homens estavão quasi todos gastos; as suas consciencias vacillantes e sem fé; os corpos politicos profundamente diminuidos em seu prestigio; todos os espiritos feridos pela descrença; e todas as coragens destruidas na sua substancia. A mais desenfreada prostituição politica estragára os costumes publicos, polluira todo o organismo do imperio, e aniquilára a propria constituição dos altos poderes do estado.

O governo imperial instituira o regimen da fraude e da corrupção.

Quando soôu a hora do perigo, a hora dos devotamentos e dos sacrificios, a hora de combater e morrer, essa hora de delirio heroico em que toma-se de uma bandeira como de um symbolo de honra e de gloria; em que todos os braços se armão para luctar e todas as mãos se estendem para amparar o que vai cahir, homens ou instituições, realesa ou liberdade, principes ou victimas,

conforme as convicções ou o amor, um vacuo immenso cavou-se em deredor da monarchia.

De fronte della ergueu-se então a evocação do seu passado, e foi essa evocação suprema que amortalhou-a no tumulo do abandono de uma nação inteira.

Os labios lividos da ultima noute que passou no Brazil, assim tragárão em completo abandono as desconsoladas e silenciosas lagrimas da ex-familia imperial, e eis que suas saudades e seus derradeiros prantos se vão unir aos eternos lamentos do mar, na triste viagem do exilio.

Agora tu, Liberdade, em contraste com esse lamentavel occaso, ergue-te esplendoroza na nossa patria brazileira, e faze-a immortal, dando-lhe uma nova consciencia firme, e forte, para sempre devotada á verdade, ao direito e a justiça, e nessa tua ara que durante os seculos tantas vezes foi orvalhada pelas lagrimas dos opprimidos e banhada pelo sangue das victimas, sagra para todo sempre, na queda da monarchia, o triumpho do Povo, e nas ruinas do imperio, o advento da verdadeira democracia, o inicio do reinado da Lei, e a tua propria Victoria !

---

# O DIA 15 DE NOVEMBRO

O dia 15 de Novembro de 1889, levantou-se como um enigma.

Naquella madrugada a historia espreitava nos turvados horisontes politicos, qual seria a solução final da guerra de ameaças que, desde alguns dias travára-se entre o governo e os corpos do exercito, aquartellados na capital.

A questão escolhida para travar-se o conflicto, era o embarque de um batalhão com destino ao interior.

Dividião-se os espiritos, uns scepticos, outros apprehensivos, e os demais, esperançosos.

No ar fluctuava a incertesa, esse elemento tão deprimente que subitamente faz parar todo o movimento de vida, nas arterias paralysadas de uma grande cidade.

Pela primeira vez, o governo de D. Pedro II, fôra affrontado e contestado, pelo proprio exercito na capital do imperio!

A longa paz social e politica, em que se havião quebrado todos os impetos de revolta, inspirava plena tranquilidade a muitos.

Os desinteressados conservavão-se scepticos e descrentes.

Os monarchistas intransigentes e convictos, estavão medrosamente irritados.

Os republicanos aguardavão os resultados com esperança! A sorte atirava-lhes nos braços o exercito.

A côrte estava em Petropolis, inconsciente e tranquilla.

Velava sobre a saude do imperador, e dahi reflexamente sobre os destinos do paiz, o olhar do Sr. Motta Maia, que acreditava ser profundo.

Emquanto essa côrte e esse medico, barateavão a gravidade dos acontecimentos, o destino zombava da inexplicavel inconsciencia delles.

Ao tempo em que o Conde da Motta Maia recebia e occultava o primeiro telegramma expedido da capital, chamando para ahi o imperador, a sorte, com mais subtileza ainda, roubava a corôa á dynastia de Bragança, prestando á patria brasileira inestimavel beneficio.

Chegados ao Rio de Janeiro, imperador, côrte e medico, experimentárão todos profunda sorpresa.

Errára o Sr. Motta-Maia quando quizera passar de medico á estadista!

Estava perdida a monarchia.

Extincto o imperio.

Desthronisado o imperador.

A historia ia renovar a patria.

Do peito desta surgira o grito da acclamação á republica, que já estrondeava em todo o Brazil, em convulsos fremitos levado pelo telegrapho aos extremos das fronteiras, dahi a toda a America; e do mar, á Europa e ao mundo.

A sedição militar, latente desde poucos dias, irradiára-se nas provincias, ganhando adéptos.

O ministerio imperial por modo algum era apto para fazer-lhe face.

Não dispunha das affeições populares.

Confundira a profusão de favores officiaes, com a verdadeira popularidade.

Não exercia legitimo prestigio sobre o povo.

Sahira profundamente enfraquecido da lucta eleitoral, em que empenhando-se febrilmente, conquistára uma verdadeira victoria de Pyrrho, completa e absoluta, mas extremamente debilitante e desmoralisadora.

A' pouco e pouco, ganhára profundas antipathias pessoaes no exercito, que no momento da

ucta, agremiavão-se no odio da classe toda, unida e compacta.

Erecto ainda, e inspirando-se no denodo do seu espirito, o Sr. Visconde de Ouro-Preto, affrontava o perigo, abrigado na concepção do direito e da lei, que elle suppunha representar.

Achava-se, porém, esse estadista, em um paiz e em um periodo em que o governo que elle representava, os partidos dynasticos, uma longa serie de ministros, e elle proprio, visconde de Ouro-Preto todos á portia, havião demonstrado o nenhum valor do direito e a completa inanidade da lei.

Esse abrigo, portanto, não existia.

Era nimiamente illusorio ; e o imperador, sua dynastia e todos os homens politicos, iam, naquelle momento, aprender que não é debalde que durante um longo reinado institue-se a denegação do direito, e ostenta-se a absoluta inanidade da Lei.

Debalde, a esperança alentava ainda o espirito do ultimo ministerio imperial.

Já elle não era senão um prisioneiro politico.

Triumphára a sedicção.

Já era aberta revolta.

Faltava, apenas, um grito para convertel-a em revolução.

Esse grito já voejava nos labios de muitos.

No momento em que estrondeasse elle nos ares, devião necessariamente agitar-se em profunda convulsão as linhas dos batalhões, reunidos no Campo da Acclamação, e esse seria o instante em que o destino, attento a todas as impressões dos animos, vibraria o ultimo golpe nas instituições monarchicas.

A conspiração militar não tendo podido ser sopitada até a vespera, devia forçosamente ultimar-se no historico dia que nos occupa, ou accalmada, ou triumphante, ou vencida.

O Sr. Affonso Celso não era homem para poder accalmal-a ; intransigente, encontrava-se com a intransigencia armada.

Restava a unica solução do choque e do conflicto, com a sua dupla alternativa de victoria ou de derrota.

Mas o conflicto só podia ter-se travado antes que as forças commandadas pelo Marechal Deodoro, tomassem posição no Campo da Acclamação.

A batalha que o Sr. Affonso Celso estava resolvido á ferir na cidade do Rio de Janeiro, já não podia dar-se.

Passára, e perdêra-se a sua hora.

Nunca viu-se que um corpo de tropas, que póde tomar a posição que lhe apraz, espere o adversario em um quartel destituido de defezas,

Na facilidade da deposição da dynastia, verificou-se tambem a falta de sympathias e de amigos pessoaes.

Ninguem desembainhou a espada, porque ninguem amava-a.

O destino havia reservado á familia imperial, essa extrema amargura historica.

O imperador governou durante mais de cincoenta annos ; nesse larguissimo espaço de tempo, creou muitos ministerios, concedeu muitas honras e patentes, fez innumeras nomeações e promoções, instituiu pensões, nomeou legiões de funccionarios, distribuiu mercês, titulos e distincções ; sustentou uma casà e uma còrte com dignitarios e funccionarios privativos ; e na hora em que a adversidade o veio ferir, viu-se isolado e desacompanhado!

Para a sua alma de philosopho, maior devia ter sido o soffrimento de ver-se sem amigos, do que a dor dispertada na alma do soberano, vendo-se sem corôa.

No seu coração lanceado pela deserção dos seus intimos, devia ter perpassado o grito de Cezar apunhalado junto a estatua da Liberdade, pelos homens que elle mais protegêra e mais amára.

Parecerá, portanto, licito accreditarmos que o imperador fez um mau u

Si elle não dispertou a gratidão no espirito de um povo inteiro, e si a collectividade de duas gerações que elle governou não lhe deu em meio do seu desastre, as provas de sympathia que nos seus amigos devia despertar o seu illustre infortunio —de certo, infecunda foi a vida de D. Pedro II, e esteril o seu reinado.

E quem contestará o jubilo que invadiu o espirito publico, quando soube-se que estava proclamada a republica ?

Foi essa uma ingente alegria que em curtos minutos convulsionou a alma da Patria.

Sobre a queda da monarchia ninguem foi visto á chorar.

Surgiu, apenas, isolado e corajoso protesto nas columnas da *Tribuna Liberal*, redigida então pelo denodado Sr. Carlos de Laet.

Taes forão, no Brazil, as exequias da monarquia, presenciadas pela cidade do Rio de Janeiro, — principiadas no Campo da Acclamação e acabadas no Largo do Paço desta capital, sem que tivessem preenchido o espaço que vai de um a outro sol, consumidos assim cincoenta longos annos de triumphos, na derrota de curtos instantes.

Nessa mesma tarde a policia, os telegraphos e todas as demais repartições publicas, estavão ás mãos da revolução, e o poder trasladado para o Governo Provisorio.

Inquirindo a historia contemporanea, vemos que o rei Carlos X de França, encontrou animo e coragem em seus partidarios para ferirem conbates em que foi posta em questão a causa da revolução em lucta com a da monarchia.

Luiz Felipe sahiu do palacio das Tulherias, só depois de encarniçada lucta travada contra elle pelos republicânos.

A rainha de Hespanha, D. Izabel II, teve um partido que accompanhou-a ao exilio.

O rei do Hanover só deixou a sua patria, quando esmagado pelo exercito prussiano.

Maximiliano, imperador do Mexico, viu a sua bandeira defendida com denodo e altivez, nas mattas e nas serras, até succumbir corajosamente em Queretaro.

O imperador D. Pedro II levou ao estrangeiro todas as desillusões e desenganos do seu longo reinado, sem despertar em seu favor resistencias nem heroismos.

Detemos a nossa penna nesta pagina, não pretendendo férir a sua sensibilidade, e respeitando o coração do exilado como o tabernaculo em que se terão aninhado muitas dores, merecidas ou desmerecidas, mas que só a historia poderá classificar, e só Deus poderá julgar.

---

## A PROPAGANDA DO PARTIDO REPUBLICANO HISTORICO

---

Eis proclamada a Republica.

Triumphante a causa da revolução.

Mas essa idéa hoje victoriosa e transformada em governo, donde veiu ella ?

Como o germen da grande revolução franceza que renovou o mundo moderno, terá descido de algum cimo do espirito humano, terá sido gerada por uma gotta de sangue brotada do coração do povo, ou surgio filha do acaso de um conflicto de brios e de oppostas resistencias ?

Cumpre salvar a tradicção da idéa republicana.

Ella não teve, como propalam muitos contemporaneos, uma florescencia espontanea na ponta das espadas: muito antes florira ella nos

labios de seus oradores, e atravessára o difficil e perigosissimo estadio da propaganda.

No periodo da monarchia, dilatára-se brilhante e audazmente em publicas manifestações.

Frequentemente reprimida, tenaz e heroicamente refugiou-se sempre na consciencia de seus adeptos, e quando a classe militar separou a sua sorte da sorte da decahida monarchia, nesta cidade, capital do nosso paiz, encontrou desfraldada ao sopro das esperanças de generosos e tenazes partidarios, essa mesma bandeira republicana, qüe logo fez victoriosa e triumphante o seu poderoso e efficaz auxilio, mas que sempre altiva e radiante até ali, e á custa de muitas abnegações e sacrificios, guardára o partido republicano na ara inviolavel da sua consciencia e das suas inquebrantaveis convicções.

Diráõ os annaes desta capital quanto a favor da idéa republicana fizeram em outros tempos Lopes Trovão, Vicente de Souza, Cyro de Azevedo e José do Patrocinio, auxiliados por Ferro Cardoso Pernambuco, Noya, voluntario da patria, que fizera toda a campanha do Paraguay com a espingarda ao hombro e ali fôra amputado de um braço, e tantos outros decididos e tenazes partidarios.

A acção heroica, audaz e intemerata de Silva Jardim, qual ella foi, dirá [illegible] referimo-

nos á elle por ultimo, porque por ultimo tambem surgiu a sua voz mais juvenil do que aquellas outras, igualmente vibrante e eloquente, como si fôra a do arauto que no penultimo anno do regimen da monarchia viesse, incumbido pelos destinos, annunciar-lhe a proxima queda, em grandes rasgos de eloquencia e em brilhantes lanços de heroica audacia, que o futuro nunca podera esquecer sem a mais clamorosa ingratidão

Não é possivel fazer conter-se na estreiteza das escassas linhas de um capitulo, a historia da propaganda revolucionaria, na capital e nas antigas provincias.

Assim como não é possivel pôr em olvido a existencia do partido republicano, accressido com todas as opposições, robustecido por todos os descontentamentos. e nos ultimos tempos do imperio, tornado mais forte do que nunca pelos numerosos contingentes que lhe adviéram depois da lei de 13 de Maio.

Discutir o valor moral desse augmento de forças, e inquirir da sua procedencia, seria tambem legitimar a analyse dos elementos que em todos os tempos compuséram os partidos politicos da monarchia, e autorisar á fazer proceder de causas menos nobres o apoio que estes prestaram á côroa, que mais tarde abandonaram indefesa.

Aliás, si os possuidores de escravos, quando desapossados, vierão alistar-se nas fileiras republicanas, foi sem duvida porque só o laço fatal da escravidão os prendia ao governo imperial.

Em tal caso não seria senão espontanea a adhesão que prestárão á idéa republicana, ao passo que ficaria provado que o imperio só os retivera sob as suas bandeiras a favor de uma concessão e de um privilegio contrario ás leis da natureza humana.

Além destes, restaria ainda o alvitre unico de attribuir ao rancor e á vingança a mudança de opinião politica da grande massa dos lavradores — mas seria isso praticar clamorosa injustiça e pretender infamar uma importantissima fracção da nossa geração, em unico e exclusivo holocausto da ex-familia imperial.

Não é possivel portanto negar a dupla existencia do partido republicano e da sua crescente propaganda.

Si dividirmos essa propaganda em diversas phases, encontraremos o principio da sua ultima phase na creação do jornal *A Republica.*

Si procurarmos nomes já consagrados nos seus annaes encontraremos, os dos Srs. Joaquim Saldanha Marinho e Quintino Bocayuva, e á medida

que nos formos approximando da actualidade os que já escrevemos e muitos outros.

Relanceando a historia politica da capital, resurgem do passado muitas jornadas republicanas.

Quem as terá esquecido, desde a ultima manifestação á proposito da agua que ia faltando a esta cidade, até á jornada do dia 1° de Janeiro á proposito do imposto chamado *do Vintem*?

Quem não se recordará de tantas outras reuniões republicanas, e não terá ainda bem presente a celebre conferencia do Sr. Silva Jardim no Club Gymnastico francez?

O Sr. Lopes Trovão durante um longo periodo consagrou a sua palavra á defesa, diremos até, ao culto da idéa republicana.

Mais rapida, porque veio depois, foi a propaganda do Sr. Silva Jardim, porém muito notavel tornou-se pela aventurosa ousadia e extremado denodo.

Innumeras publicações coadjuvárão sempre esses nobilissimos esforços, de modo que na capital nunca esteve paralysada de todo a acção da idéa republicana, se bem que sempre victimada pela desprotecção em que vivião seus adeptos, pela pobreza que os affligia, pela desconfiança que inspi-

ravão ao governo, pela extrema má-vontade que os perseguia por toda a parte, tambem pelos muitos perigos á que por vezes ficárão expostos.

Quando o exercito reconhecendo o profundo egoismo da monarchia, e desilludido pelas suas prolongadas ingratidões, rompendo com o imperio procurou na praça publica uma bandeira nobre, altiva e pura, que pudesse ser levantada com honra para abrigar nas suas dobras todas as esperanças e aspirações da patria, encontrou essa bandeira da republica que outr'ora fôra na nossa historia orvalhada pelo sangue dos martyres, e nunca mais cessou, de ser neste paiz um symbolo de abnegação, de esperanças e de luctas em prol da liberdade.

E' certo que a torrente das adhesões passando sobre o isolamento de muitos sacrificios, tentou apagar a traça luminosa do antigo partido republicano historico, e sobrepondo o enthusiasmo facil de hoje ao devotamento difficil dos tempos da adversidade, conseguiu arredar na hora do triumpho, os que havião luctado nos tempos difficeis.

Importa pouco.

Facil é, pela intriga e pelos ardis da politica, arredar os homens.

Impossivel é, porém, refazer a historia e destruir a verdade.

A idéa republicana, symbolo de opposição ao imperio, refugiára-se em todo o paiz em pequenos

grupos, que affrontárão sempre a altivez do imperialismo e o combatêrão denodadamente, conservando as suas crenças como uma religião sagrada.

Hoje, aquelles que hontem combatião os republicanos em nome do imperio, os combatem em nome da republica de cujo forte e poderosissimo partido fazem parte, e cujas elevadissimas posições occupão ostentosamente.

Este facto é de facil comprehensão e explica-se satisfactoriamente.

Persistem muitos e poderosos elementos da politica passada, e a mentalidade é a mesma.

Alterão-se as instituições.

Mais difficil, porém, é alterar a orientação da época, e reformar o espirito publico.

A mesma geração não modifica subitamente as suas tendencias, não substitue sua propria natureza, e não se desprende de seus habitos como de uma tunica que lhe seja possivel despir de um instante para outro.

As revoluções fazem-se.

Mas os homens ficão.

Os costumes publicos perdurão, porque perdura a mesma geração.

E' uma orgulhosa illusão do homem, acreditar que pela violencia de uma revolução, elle substitue a acção lenta, vivificante e moralisadora do tempo.

O tempo é um elemento da acção divina sobre as sociedades, elemento fecundo, perduravel, continuo e incontrastavel.

As revoluções constituem a acção do elemento humano, sujeito a mil obstaculos, destituido da força vivificadora do elemento divino, e operão sobre a mesma geração viciada e impenitente, ao passo que o tempo vai dispertar nas regiões do increado as gerações nascituras fadadas para novos destinos.

Seja, porém, como fôr, pertencem á historia que nunca mente, a existencia do partido republicano historico e a sua collaboração diuturna na expansão das idéas que destruírão a monarchia no Brasil, substituindo essa fórma de governo pela actual.

Escasséa-nos a competencia para historiarmos a extensão do movimento republicano em todo o paiz, onde creou jornaes, publicou livros, sustentou clubs, e produziu homens notabilissimos, em Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e muitas outras regiões do Brasil.

A verdade, não se hade perder.

O paiz empenhou-se proficuamente nesse movimento que principiando na opposição ao imperio concluiu-se forçadamente, como devia, pela sua destruição.

Houve, como não podia deixar de haver, a elaboração da idéa republicana, elaboração lenta e

prolongada, formada pela tradição historica que depois abrigou-se no cerebro solitario dos pensadores, e dahi definitivamente trasladou-se para a alma de um partido pequeno, de subito no dia 15 de Novembro, poderosamente augmentado pelo concurso patriotico do exercito e da armada.

Assim preparado o advento da idéa republicana, a revolução pacifica que lhe deu a victoria expandindo-a por todo o Brazil, bem póde ser comparada á um daquelles serenos lagos da Suissa, formados pelas aguas purissimas das neves que coroão os Alpes. Descidas daquellas luminosas alturas que desafião o pensamento humano, e já descansadas e tranquillas, anilladas pelo céo e trazendo comsigo ainda alguma cousa das regiões divinas em que forão formadas, ellas convertem-se em profundos e altivos rios que atravessão o territorio todo do paiz onde nascêrão, lançando-lhe as suas ondas fecundas e remançosas, fadadas para a paz, isentas de tormentas, e apenas saudosas das alturas ideaes que lhes forão berço e onde muitas vezes, viram os raios purpurearem as nuvens, como o sangue dos cadafalsos não menos frequentemente purpurea os cimos da historia, deixando nelles depositada a sentida lagrima dos martyres, destinada a brotar, além nos seculos, como rio fecundo e esplendoroso.

Foi assim que o miserando e glorioso Tira-Dentes depositou na historia politica do Brasil o germen da idéa republicana, que depois delle foi atravessando as gerações que se lhe seguirão e congraçando todos os elementos de revolta que o tempo parcamente lhe proporcionou, até concentrar-se no coração da geração actual, e dahi transbordar luminosamente em todo o paiz.

Errão, pois, todos quantos acreditão que a republica nasceu subitamente no relampago triumphal das espadas.

Não.

Ella foi antes gerada pelas lagrimas desconsoladas vertidas pelos seus precursores nas solidões dos carceres, e nos sanguinolentos tablados dos cadafalsos.

Ahi a historia consagrou-a á admiração dos povos, nas suas profundas visões espectraes.

Dahi,como uma deusa proscripta acenando do alto das ruinas da sua ara derrocada,continuou ella fazendo ininterrompidos appellos aos tempos que ião passando,e convertendo a serenidade da alma do philosopho na fé de um crente, a generosidade das almas novas na convicção do proselitismo e nos enthusiasmos da propaganda;e assim avolumando os seus elementos de triumpho ; dispondo do prestigio da epopéa dos martyrios actuando sobre a alma do povo, e da vibração das vozes, actuando

sobre as multidões ; do palpitar dos corações, vivificando os lares; dos arroubos das imaginações evocando as lendas da liberdade e suas imperecíveis aspirações ; luctando sempre, encontrou na successão dos tempos, na propria força dos acontecimentos, na fatalidade historica, e nos erros da monarchia, esse triumpho, hoje, coberto de esplendores, mas que, de certo, foi gerado entre os mais profundos desalentos.

---

## A DICTADURA E A SUA DESNECESSIDADE

---

Cahîra o imperio.

Ia formar-se a republica.

Surgiu inesperadamente a Dictadura.

Partindo das plagas mortas de uma monarchia decahida, em demanda dos fecundos e radiantes horisontes de uma republica nascente, não precisava um povo que quer ser livre e grande, passar pela plumbea e sombria ponte dessa inutil dictadura.

Entre o declinio do imperio e a aurora da republica, para que intermear o dispensavel eclipse de um periodo dictatorial, e renovando o milagre biblico, deter em seu luminoso cyclo o sol da liberdade?

Estavamos em plena paz.

O poder trasladára-se do imperio para a republica aproximadamente com a mesma facilidade

com que outr'ora passava das mãos dos conservadores ás dos liberaes e revezadamente destes para aquelles.

Não tivemos uma revolução violenta nem social.

O paiz não se agitava convulso, nos odios e nos desforços das facções.

Não vira-se os partidos armarem-se, nem ouvira-se o rufar dos tambores da guerra civil.

A paz era completa.

Serenos todos os animos.

Tranquillas todas as almas, umas indifferentes, outras esperançosas, e as demais resignadas.

Não vira-se tambem erguido o braço do povo purpurado no sangue fervente das tragicas vinganças politicas e das seculares reivindicações sociaes.

As paixões conservavam-se silenciosas e calmas.

Nenhum sopro tempestuoso levantára-se sobre a sociedade brasileira.

Deus não havia movido a alma atonica do povo.

A patria tinha na fronte a mais radiante serenidade.

Nem um perigo ameaçava a segurança publica.

Excluindo a acção do povo, tirárão-lhe o cunho da universalidade e limitárão a sua origem.

Por um singular phenomeno, cujo estudo será muito interessante para o futuro, de subito manifestou-se em certas regiões proximas ao governo, uma decidida tendencia para a suppressão embora temporaria, de todas as liberdades, e surgiu o mais decidido enthusiasmo em favor do regimen dictatorial, que uns declaravão indispensavel para conter a uma vez os monarchistas e os socialistas, e que outros, mais scientificos, exigião em nome da philosophia positivista de Augusto Comte.

Si nos for licito expressar uma opinião franca, diremos que a pretenção de supprimir todas as liberdades em nome da Liberdade, foi uma idéa monstruosa e revoltante.

Si o imperio fôra derrocado em poucas horas quando possuia todos os meios de acção e constituia o governo legal, que poderia fazer o tardio devotamento de alguns monarchistas em face do novo governo em toda a pujança da sua força e na plena posse do poder?

Quanto aos pretensos anarchistas e socialistas, não passavão elles de pura invenção e ridiculo pretexto, pois nunca existîrão no Brasil.

A favor, porém, do atropello dos acontecimentos, da inercia do partido republicano historico, da extrema docilidade do povo, e do completo anniqui-

lamento dos monarchistas, constituiu-se definitivamente a dictadura.

Logo cobriu-se ella com a pesada coiraça das mais inflexiveis leis de excepção, como si se preparasse para temeroza lucta em que lhe coubesse a defesa dos interesses vitaes da sociedade, e isolou-se no mais pleno e intransigente autoritarismo, como si devesse realisar os operosos trabalhos de Hercules, refazendo a sociedade e mudando a face do mundo.

Cahida a monarchia constitucional, tivemos, pois, logo em seguida, a Republica absoluta.

E' certo que estas duas ultimas palavras degladião-se.

Irmanárão-se, porém, na entidade do Governo Provisorio.

No emtanto a tarefa que de facto coube-lhe, nunca teve nem a extrema gravidade nem a immensa extensão que lhe quiserão emprestar.

Tardia veio a nossa revolução que chegou até depois da ephemera revolução hespanhola, e já muitos outros povos a esta hora, sobretudo o povo francez, constituírão as novas leis e determinárão os principios que regem a emancipação politica dos povos.

Os alicerces do mundo politico moderno estão de ha muito cravados na terra, os seus codigos escriptos; a sua consciencia depurada; levantado

No dia 3 de Dezembro de 1851, o povo parisiense concitado pelos representantes á Constituinte, erguêra uma barricada em um dos quarteirões mais genuinamente populares.

Dessa barricada, as primeiras balas fizerão rolar um homem, que para morrer tinha-se envolvido na bandeira tricolor.

Esse homem era o deputado Baudin.

Representante que fôra do povo francez, fel-o depois a historia, representante da revolução de 1848, que com elle tambem cahiu vencida do alto daquella gloriosa defesa.

O Rhodano é um grande rio formado principalmente pelo lago Leman, em cujas aguas esverdeadas espelha-se Genebra, a velha cidade helvetica, patria do genial Rousseau.

Ao entrar em França elle precipita-se em profundo sorvedouro, que traga quasi todas as suas aguas.

Quando alguem afoga-se no rio, aquem desse abismo, elle o arrasta no seu curso subterraneo, para de novo lançal-o á luz pelas chamadas boccas do Rodhano, que constituem as naturaes aberturas por onde elle reapparece á ceu aberto.

Assim, esse cadaver e esse principio politico cahidos das barricadas em 1851, a torrente do tempo as cobriu com o seu silencio durante vinte annos quasi, e os occultou no seu mysterioso e

profundo curso. Mas ao cabo desse periodo, de novo os levantou á flor das suas vagas alterosas, e lançando-os á margem de grandes acontecimentos, constituiu esse nome a senha da liberdade e mandou fazer, em um processo celebre, a oração funebre desse cadaver, pela palavra incandescente de Gambetta, ressuscitando por tal forma a revolução de outrora e o seu immortal tribuno.

O espirito d'essa revolução republicana de 1848, durante vinte annos continuou a atravessar mysteriosamente a alma da geração que lhe fôra contemporanea, para depois surgir á flor dos labios da geração mais nova, irradiando-se na brilhantissima opposição que illustrou os debates da camara francesa nos ultimos annos do imperio, opposição essa cuja luminosa torrente abalou-lhe os alicerces cravados n'esse nefasto dia 3 de Dezembro de 1851, e cimentados com esse sangue immortal do mais puro dos republicanos.

O amor á liberdade formára esse espirito imperecivel e ardente, irreductivel mesmo sob a acção do tempo, e destinado á constituir em seu potente e successivo desenvolvimento, a propria alma da actual França republicana.

Diante de taes exemplos será portanto sempre para lastimar, que a revolução brasileira de 15 de Novembro de 1889, tenha tido para as liberdades nacionaes o mais evidente desamor, tendo as feito

curvar ante o illegitimo poder da força, cuja acção polluiu-as logo no seu inicio.

A imaginação popular não poderá representar a si propria essas liberdades, como impollutas nem como invenciveis no regimen novo, e a historia as devisará descoroadas e abatidas, como verdadeiras postulantes no perystilo da republica.

Assim as vimos nós contemporaneos, quando muito pelo contrario preparavamo-nos para contemplar a sua justa e magnifica apotheose.

Na actualidade, a liberdade prepara-se pela liberdade, e ninguem póde de boa fé accreditar neste final do seculo XIX, que o absolutismo militar ou dictatorial seja o legitimo precursor della.

O absolutismo representa o exclusivismo de um individuo, de uma familia, ou de uma classe, ao passo que a liberdade constitue a dilatadissima expansão dos direitos, dos esforços e da iniciativa de todos.

Debalde quererão sustentar as vantagens, e mais ainda, a necessidade da dictadura.

A historia repellirá tal pretenção com acerbo desdem.

A dictadura nunca foi senão o lugubre producto de tempos calamitosos, assignalados pela guerra, entenebrecidos pela derrota, convulsionados pelas luctas intestinas, tempos em que os povos são tomados de pavor, cahem desalentados,

ou tambem entregam-se á cegos furores ou á profundo abatimento, renunciando á toda dignidade.

Só é legitima, util e necessaria a dictadura que se levanta para combater a invasão estrangeira, ou grandes perigos sociaes.

Aquella que progride em plena paz, defrontando com o curso tranquillo da vida nacional á espraiar-se até as raias de invioladas fronteiras nunca poderá consolar-se á si propria de haver conculcado as liberdades patrias.

Abrindo espaço para um inutil periodo dictatorial, entre o occaso da monarchia decahida e a aurora da republica nascitura, o governo provisorio cuja missão favorecida por estranha felicidade, podia ser isenta de censura, abrio tambem espaço para as severidades da historia.

Victorioso contra um governo monarchico que capitulou sem resistencia, o governo provisorio, trazendo na mão a bandeira da republica e nos labios a palavra liberdade, provou ao mundo e a nós mesmos, como é facil no Brazil governar com o absolutismo, supprimido o imperio da lei, suspensos todos os principios immortaes dessa mesma liberdade amortalhada no seu proprio nome!

Terrivel e temeroso eclipse que nas consciencias patrioticas lançou prophetico e sinistro clarão.

---

## OS EXILIOS — A LIBERDADE DE IMPRENSA

---

Ao saber-se que a dictadura havia-se constituido, revestindo-se a si propria dos illimitados poderes que decorrião da sua proclamação pelo exercito e pela armada, como ella propria dizia, em nome da nação, — dolorozamente contrahiu-se o coração do paiz.

Nas obras de Victor Hugo, sente-se passar um fremito de horror, cada vez que elle refere-se a dictadura exercida em França pelo imperador Napoleão III.

Experimentou o Brazil essa dolorosa sensação, e a consciencia publica deteve-se incerta e vacillante : entenebreceu-se nella a luminosa

alvorada que tanto a alegrára no dia 15 de Novembro.

Nessa vacillação, e nesse movimento de espanto de que foi tomado o espirito do povo, viu-se o mudo mas eloquente e immortal protesto da Liberdade.

Cahida, dominada pela força, despojada da augusta protecção das leis, deixava em todas as consciencias os seus inextinguiveis irradiamentos, como o sol do estio ainda depois de sumido nos horizontes, os deixa ver esbrazeados e luminosos.

A' partir de então começárão a pontear no firmamento da dictadura, os seus decretos representando todos, vibrações de força.

Vierão os que ordenárão deportações e exilios hoje felizmente revogados.

Já antes, fôra preso o Visconde de Ouro-Preto, e como tal conservado em um quartel.

Não era ahi o lugar mais proprio para deter um prisioneiro politico.

Esse quartel, naquella occasião, não podia deixar de constituir um dos fócos da revolução, e era portanto improprio para servir de prisão ao ex-presidente do ultimo ministerio da monarchia.

Nelle não podia-se encontrar o unico e triste conforto que dispensão todas as prisões, isto é a quietação necessaria para que os seus enclausurados sorvam em silencio as proprias magoas.

Era aquella uma praça de guerra, centro das forças que havião vencido o Sr. Affonso Celso, e bem podia converter-se em ponto de attaque.

Innumeros perigos cercavão o preso.

Uns forão illididos pelo acaso dos acontecimentos.

Contra os outros, só a generosidade dos officiaes poude protegel-o, e alental-o a propria coragem, como elle o disse em seu manifesto.

Esses devião ter sido dias de profundas provações para o illustre visconde, que muito lhe devião ter feito recordar as suas implacabilidades contra o povo fluminense no dia 1° de Janeiro de 1880.

Foi-lhe comtudo a sorte menos cruel do que o havião sido os espingardeamentos da rua da Uruguayana contra os que ali em impetos, talvez mesmo inconscientemente enthusiasticos, havião proferido prematuras acclamações á republica: nelles a morte, prematura tambem porque os ferira em plena juventude, para sempre enregelára-lhes os labios ao proferirem esse grito, então de revolta, e que, já agora, tão fundamente entranhava-se no coração do ministro vencido, como o bradante clamor do desforço, senão do remorso.

O imperio havia sido cruel e algumas vezes sanguinario.

A republica como elle cerrou os ouvidos á piedade, mas erguendo as mãos acima das tragicas

vinganças politicas, mostrou que felizmente não as manchára no sangue dos seus inimigos.

Nobre isenção, que bem podia ter ido, até evitar um inutil exilio, para assim contrapor um exemplo perfeito de justiça ás violencias senis do imperio.

A justiça, porém, quasi sempre divorcia-se da politica, e penetrou portanto no espirito do governo provisorio a resolução de exilar.

Devia ter-lhe tremido a mão ao escrever esses decretos, como devia-se-lhe ter turvado de emoção o espirito, e apertado de dôr o coração, ao tomar essas tristes resoluções.

Não ha exilio que não commova, desde o de Ovidio no Ponto-Euxino, até o de Napoleão morrendo em Santa-Helena, e entre esses dous extremos, e mesmo além, tantos outros á cujas recordações a fortuna varia dos destinos humanos, encaminha o espirito.

Comtudo, deliberando em meio da mais completa calma e depois da mais absoluta e incontestavel victoria, podia o governo provisorio, em nome dessa liberdade cujo advento constituia a sua unica razão de ser e que por demais elle esqueceu; bem podia, dizemos, inspirar suas resoluções na grandeza serena da victoria com que o galardoára a fortuna, e como esta, mostrar-se tambem, generoso e nimiamente justo.

A historia humana, nossa inesgotavel mestra, ahi estava para dar-lhe mais uma lição proficua e profunda.

Scylla proscreveu, Mario exilou, Cesar desterrou, Cromwell executou e justiçou — o grande Napoleão fuzilou o Duque de Enghien, Napoleão III exilou Victor Hugo e de sobre uma barricada, com a fuzilaria, derrubou Baudin, o homem do grito historico e immortal :— Isabel II desterrou Castellar.

Mas a França indultou os communistas, e Washington pacificou sua patria, e nella, para os seculos, fundou a liberdade pela paz e pela concordia.

Preponderou, porém, o alvitre mais violento, que devia obrigar, em historico contraste, filhos desta America que é a terra classica do agasalho aos proscriptos á irem pedir á velha Europa um abrigo para o seu cruel desterro.

O governo provisorio, nesse seu acto relembrou ao espirito do mundo moderno, o exemplo da Russia com a sua sinistra Siberia e seus clamorosos exilios, e esqueceu que a patria a mais feliz é sempre aquel a que, a todos seus filhos, dá um lar para viver e um tumulo para morrer.

Armou-se desse direito de exilar que é dos mais crueis e pungentes, barbara prerogativa que deve deixar na mão do proscriptor a immortal cicatriz, da dupla ferida aberta no solo da patria de

que é arrancado o proscripto, e no coração magoado deste, á quem é tambem arrancado o remanso querido dessa patria.

Orvalhou portanto os seus primeiros passos com as lagrimas daquelles que de subito o governo provisorio, collocou entre a crudellissima alternativa ou de separarem-se de entes queridos, ou de arrebatarem-lhes os meigos carinhos da terra natal.

A presente narração nos traz ao espirito a evocação desses dias sombrios em que todos sentião a vontade do governo, á um tempo só, dominar com o peso da espada os destinos de cada um e a vida nacional toda, e vemos ainda aljofrarem as paginas da historia de hontem, as lagrimas brotadas desses actos.

E agora que finalisou a missão do Governo Provisorio, em confronto com esses prantos, irrompe na nossa alma a recordação tambem de um grande espectaculo da antiguidade.

Periclès, o grego illustre que tivéra em suas mãos os destinos da sua patria, vae morrer, e como consolo aos amigos que o cercão chorando, profere o seguinte luminoso testamento politico: « Alegro-me ao pensar que nunca enlutei o coração de Atheniense algum. »

Felizes os governos, felizes os homens de estado que puderem repetir essas palavras immortaes.

Tardiamente as comprehendeu a dictadura, quando de novo abriu aos proscriptos, as portas da patria, de que os separavão as ondas do oceano para elles menos tormentoso que os perfidos mares da politica, em que havião naufragado.

Na occasião, porém, o espirito do poder dictatorial havia-se subtrahido á influencia desses sentimentos generosos, e deliberára mandar prender o Sr. Gaspar da Silveira Martins que vinha em viagem do Rio Grande ao Rio de Janeiro.

Essa nova prisão produziu profunda vibração na opinião.

O Sr. Silveira Martins, é um orador potente.

A sua palavra echoante e profunda, agita os auditorios.

O seu peito despede um longo e robustissimo sopro, que leva o som ao longe como um grito de combate.

Não desmente essa impressão, a sua attitude, que é, ora a de um destemido luctador, ora a de um implacavel adversario, ou a de um vencedor que não dá quartel.

Admirado em todo o Brazil, deixou signaes immorredouros da sua passagem no nosso parlamento, e conquistou no Rio Grande, sua terra natal, extraordinaria e merecida influencia.

Não podia, pois, deixar de impressionar, o facto de ser preso um homem de tão grande valor

politico, e de tamanha influencia em importantissima provincia, que passava á ser um dos estados da já proclamada União.

Effectuára-se no mar a sua prisão, e fôra condusido para a Capital em um navio de guerra.

A vida brasileira, mesmo a politica, á que todos nós até alli nos tinhamos accostumado á ver não produzir sequer uma emoção, atravessava então um periodo difficil que é inutil descrever e cujas impressões todos experimentámos.

A prisão do Sr. Silveira Martins, o orador afamado, o tribuno Rio Grandense, o politico vehemente, a grande e incontestavel influencia do partido liberal do Rio Grande, e acima de tudo isto, o patriota que na sua mocidade attacára a monarchia, denodadamente nas celebres Conferencias radicaes, tornou-se um facto grave.

O governo deu-lhe por menagem, a capital da Republica, e depois deportou-o.

Assim estabeleceu uma graduação nas suas decisões: o Sr. Ouro-Preto foi exilado: o Sr. Silveira Martins, foi deportado.

Ambos foram compellidos a deixar o Brazil.

Pouco depois o Sr. Carlos Affonso de Assis Figueredo, irmão do Sr. Ouro Preto, tambem fo preso, condusido para uma fortalesa, e em seguida tambem deportado.

Accompanharam ou seguiram esses actos, outros de não menor importancia, quaes, a instituição de uma commissão militar para julgar soberanamente os suppostos crimes politicos, innumeras prisões á que procedeu a policia tanto na capital como nos diversos estados, e a suspensão da liberdade da imprensa, que tornou-se certa na celebre conferencia havida entre o Sr. Carlos de Laet e o ministro Quintino Bocayuva.

Singular antithesis. A triste nova da suppressão da liberdade da imprensa, assim cahir dos labios do eximio jornalista democrata, pareceu o prematuro canto do cysne.

Mas a politica nos seus incomprehensiveis vaivens, e no seu eterno e cambiante jogo, cria algumas vezes situações, como estas, anomalas e dolorosas.

O Sr. Quintino Bocayuva foi incontestavelmente sempre um denodado campeão da idea republicana, creou adeptos e discipulos.

Escreveu com tanto brilhantismo que a imprensa brasileira chegou a chammal-o principe do jornalismo, como a imprensa franceza appellidára o sabio Janin, de principe da critica.

Nunca variára nas suas convicções politicas: o seu ideal foi sempre a republica.

Denfensor dessa nobre aspiração, combateu sempre á favor de todas as liberdades, e entre

ellas nunca esquecêra as franquias da imprensa.

Jornalista de notabilissimas qualidades, dotado de phrase vibrante e eloquente, o seu notavel talento atravessou radiante todas as phases do imperio que se succedêrão durante sua vida de publicista.

Nunca quebrou-se a sua fé, assim como nunca abandonou ao adversario uma das liberdades que defendeu.

Durante a propaganda abolicionista, chegou á derrubar ministerios, e foi o denodado fautor da campanha politico-naval que fez naufragar o gabinete Cotegipe.

Nunca poupou-se á esforço algum em prol das grandes causas, de que foi sempre no jornalismo, o eloquente arauto.

E no entanto, é a fronte desse homem que a fortuna politica, avarenta e tardia, apenas corôa de louros, para logo em seguida pôr-lhe nos labios outr'ora tam eloquentes, a oração funebre de uma das maiores liberdades que elle defendêra toda sua vida, e que póde-se bem dizer que fôra mesmo a alma da sua brilhantissima carreira de partidario e jornalista.

Só a politica, repetimos tem destes lances crudellissimos e pungentes.

Não teria sido porventura mais consentaneo e mesmo mais curial, que outro dos ministros, o

da guerra, por exemplo, de quem aliás dependia a commissão militar, désse esse aviso mortuario á respeito da liberdade da imprensa?

Porque havia elle de dimanar do filho dilecto do jornalismo fluminense?

Será possivel que assim haja eclipses no espirito dos homens, e que de subito uma crença por elles defendida como um dogma inviolavel; que uma opinião, durante talvez mais de vinte annos sustentada sem um desalento; que uma liberdade reclamada sem limitações nem interrupções, e convertida na essencia da propria vida do homem politico que com ella sempre esteve identificado, na lucta de todos os dias, nas pugnas dos momentos graves, e na sinceridade serena de prolongadas e velhas convicções, assim de momento baqueie-lhe no espirito, morra-lhe no coração, fazendo-lhe despedaçar na mão a velha clava que brandira em tantas batalhas, e ensombrando-lhe a legenda de liberdade que outr'ora enflorava-lhe a sua lança de jornalista e de combatente republica no?

Como a morte a fortuna é perfida, e muitas vezes sorprehende.

Seus favores os mais crueis, são os meios triumphos, aquelles ao traves dos quaes ella só dá passagem á parte do passado e das aspirações de um homem, ou de um partido.

Na batalha das aspirações republicanas contra a monarchia, no Brazil, a fortuna levou aquellas á victoria, formando-lhes um escudo com as baionetas do exercito.

Em França a republica com todo o seu luminoso cortejo de liberdades, quatro veses atravessou o solo ensanguentado dos combates contra a realesa, em 1789, em 1830, em 1848, em 1870.

A dictadura, pois, ao tomar posse do governo, não levantou no passado do partido republicano as suas gloriosas tradições de liberdade.

A sua vez, o partido republicano não subiu ao poder e não se uniu ao marechal Deodoro, na formação do governo provisorio, levando comsigo toda a integridade dos seus principios.

Ao passo que annunciava ou mesmo realisava as reformas civis mais adiantadas — esse governo conservava para si todo o poder, e mantinha suspensas todas as liberdades politicas, assim como a propria liberdade individual.

Singular contraste que talvez só se encontre na historia da revolução brazileira de 1889, pondo-se de parte os exemplos dos dictadores das republicas da America latina.

Ostentou-se definitivamente o ideal da dictadura.

Governar sem leis.

Governar no Brazil por meio de decretos, como na Russia governa-se por meio de ukases.

Dir-se-ha que o espirito do governo dirigia-se sempre para as reformas liberaes, e nunca retrocedeu no caminho do progresso.

Perguntaremos, porém, si a propria dictadura já não é por si mesma, um lamentavel regresso para o passado, e si não constitue uma situação das mais afflictivas para um povo?

Situação deprimente para o caracter nacional.

Situação que, pela suspensão das garantias legaes, tira a todos a convicção do direito, creando um intoleravel ambiente de terror em que estortega-se a vida nacional.

Situação melimdrosissima em que tudo torna-se possivel, o bem, como o mal, a virtude politica, como todos os vicios, a maior abnegação civica, como as atrevidas corrupções, sem que siquer a opinião possa manifestar-se, porque as solemnidades da lei constituem os labios de um povo, a voz de uma sociedade organizada, e supprimidas ellas, logo vêem o mutismo do terror e o silencio das prizões e dos exilios.

Os pretextos fervilhão, e a concepção de novos crimes forma-se logo no intellecto do poder dominado pelo excesso da sua propria força omnipotente.

Foi assim qne creou-se uma nova especie de delicto, consistente em espalhar boatos falsos e alarmantes á respeito da situação politica.

Ao mesmo tempo foi decretado que os réos de taes crimes seriam julgados pela já referida commissão militar, cuja jurisdicção abrangendo todo o Brazil, obrigou muitos governadores de remotos estados, a remetterem para o Rio de Janeiro, individuos indigitados como criminosos politicos.

Quer a verdade que se diga que o governo mandou sempre pôr em liberdade esses individuos, e que a alludida soberana commissão só julgou dous infelizes moços republicanos historicos, accusados pelo crime de haverem affixado cartazes sediciosos nas paredes da rua do Ouvidor, na cidade do Rio de Janeiro, e suppomos que, além desses perigosissimos réos, sentenciou mais alguns soldados que se tinham amotinado logo no principio da republica.

O perdão do General Deodoro, indultou a todos, segundo nos parece.

A creação, porém, dessa commissão foi um gravissimo facto moral e politico si attendermos já para a sua excepcional organisação, já para a jurisdicção que lhe dêrão sobre todo o Brazil, já para o arbitrio das penas que lhe era licito impor.

Era de facto soberana pela universalidade da sua jurisdicção em todo o paiz, e pelo poder que tinha de impor qualquer genero de penalidade. Monstruosa concepção que constituio um verdadeiro attentado contra o espirito dos tempos modernos, que, á despeito do que se possa dizer, não são mais proprios para dictaduras.

Temerosa e medonha arma politica, produzio ella um ábalo profundo na opinião, embora se conservasse immobil no ameaçador mutismo de um medonho canhão Krupp, assestado em batteria contra a liberdade de todos.

Quem poderá jámais medir o mal moral produzido no espirito publico por essa commissão permanente e assignalar a funda depressão que nelle ha de forçosamente ter deixado ?

Ostentação de força era a negação da justiça.

Omnipotente e soberana, constituio uma affronta ao direito.

Não se colloca assim um paiz inteiro sob o arbitrio de poucos homens reunidos em uma commissão, que não obedece nem á codigos nem á leis!

Fazel-o é barbarisar affrontosamente o espirito nacional, no sacrificio total de todas as liberdades, na ruina de todas as leis, na destruição de todos os principios do direito e de todas as conquistas da civilisação em favor do homem moderno escapo *á gleba,* forro á escravidão, á tyrania, e á todas as

miserias do despotismo pela unica força do principio da liberdade individual e pela só protecção da lei.

No emtanto o decreto de 29 de Março de 1890, destruindo legislações; galgando os principios inconcussos a que acabamos de nos referir: violando as tradicionaes garantias das leis patrias; despresando todos os progressos do direito; derrocando a intransponivel barreira que nos paizes civilisados interpoem-se entre o individuo e o estado; passando, póde-se mesmo dizer, por sobre o corpo da propria civilisação; foi até o coração do cidadão brazileiro, para pisar o ultimo atomo que ali pudesse ainda existir de uma convicção já muito abalada e de uma já muito vacillante crença na existencia do direito.

Foi um verdadeiro dia de patriotica rehabilitação, o da sua revogação!

A escravidão introduzindo no lar brasileiro, o continuo terror incutido no espirito do servo, deprimia o caracter nacional, quem o negará?

Quem negará tambem, depois de outras muitas provações, a acção terrifica das genericas e soberanas ameaças contidas nesse decreto, cujo artigo terceiro determinava que « *quando qualquer desses delictos fosse commettido fóra da capital federal, o delinquente seria para ella conduzido preso, afim de ser submettido ao julgamento da commissão instituida pelo citado decreto de 23 de Dezembro de 1889.* »?

Arrancar um individuo á sua familia e ao seu lar; arredal-o do lugar do seu nascimento, da localidade onde tem os seus interesses, e onde exerce a industria ou o trabalho que o faz viver, elle e todos os seus, para remettel-o de remoto estado para a capital onde terá de ser julgado militarmente e sem defesa, longe dos seus, só e abandonado; parece ser isso o cumulo da crueza de uma lei medieval toda coberta de ferro como as armaduras de então, mas destituida de qualquer moderna inspiração de humanidade.

Si esse decreto-lei em lugar de conservar-se na sua immobilidade de monstro egypcio, tivesse tido a velleidade de mover-se e pôr-se em acção, todas as suas victimas terião enlouquecido antes de chegarem á presença dessa lugubre commissão que no seu pavoroso arsenal, e contra reus indefesos, dispunha de toda a longa serie de penas conhecidas, até o fusilamento e a morte!

No seu 4º e ultimo artigo *revogava as disposições em contrario,* e assim revogava tambem implicitamente todas as conquistas da liberdade, todos os progressos da civilisação contidos nas leis, não só do Brazil, como do mundo civilisado, e atirava aos pés da commissão permanente os codigos e as garantias da liberdade individual, inutilisando a obra de tantas gerações de jurisconsultos, para unicamente fazer prevalecer o direito da força!

Em 1852 Napoleão III, tambem instituiu algumas dessas commissões e tal horror inspirárão, que, muitos annos depois, o ter feito parte dellas constituia terrivel accusação perante a opinião publica.

Esse decreto foi a consequencia de uma estranha convicção que entranhou-se no espirito do governo provisorio.

Exagerou perante o proprio espirito a extensão da sua missão, os direitos que acreditou que della lhe advinhão, e sinceramente imbuiu-se da idéa que nelle residião, a uma vez, toda a sabedoria nacional e a mais soberana omnipotencia.

Poz assim a liberdade brasileira, em perfeita curatella.

Chamou a si muito mais do que as prerogativas de um Bismark, e começou a legislar sobre todas as materias, sem audiencia do povo.

Induzido por essa omnipotencia de que se apossára, foi levado a suppor que era crime pensar de modo diverso do seu, e de certo não podemos estranhar tal opinião, á que sempre chegão todos os governos despoticos desde a Russia autocratica até os governos dictatoriaes de algumas republicas da America do Sul.

Ella é sempre o producto desse poder absoluto, quer nas monarchias, quer nas republicas.

---

## A DICTADURA E D. PEDRO DE ALCANTARA

---

O ex-imperador envelhecêra no governo.

Para elle governar, já era um habito.

Senhor de todos os recursos dessa difficil arte, e dos seus segredos, possuindo de memoria todos os seus usos e as suas praticas; de um caracter prudente e reflectido, acostumara se a não aventurar suas resoluções.

O uso do poder, dá essa calma mesmo nos lances extremos da vida.

A presença do imperador D. Pedro á bordo da Parnahyba, calmo e resignado, relembra, guardadas todas as proporções do genio e de uma epica carreira, a presença de Napoleão I a bordo do navio de guerra inglez, Bellerophonte, tambem calmo e resignado, e como que esquecido da sua *propria* e extraordinaria vida, para recordar-se

unicamente do infortunio de Themistocles e da sua grandeza de alma.

Desconhecer o animo sereno do ex-imperador naquelles momentos solemnes em que elle via-se expulso do poder e da patria, seria injustiça.

Homem afeito aos altos acontecimentos e a grandes responsabilidades, não perdeu a calma.

Elle comprehendeu que era a Historia que dispertára-se do seu longo somno, e que ahi vinha escrever uma pagina palpitante, para elle e os seus, orvalhada de lagrimas, para o Brazil, rutilante de alegrias.

Resignou-se.

Essa resignação, foi digna do seu nobre caracter e da sua idade.

Retrahiu-se.

Decidido a partir, já decidido a ceder diante da adversidade, fez-se silencioso.

Esse silencio, precursor sempre das grandes angustias humanas, precursor da partida, da separação, ou da morte, foi o ultimo inviolavel e sagrado asylo a que, ainda na patria, refugiou-se o seu espirito, a bordo dessa Parnahyba, ancorada na bahia do Rio de Janeiro, e de cuja camara elle ouvia o bater das ondas trazerem-lhe o saudoso e commovente adeus da terra natal.

Foi em meio desse silencio que o veio procurar um enviado do governo provisorio para entre-

gar-lhe o celebre decreto da dotação de cinco mil contos.

A entrevista que se deu e as poucas palavras trocadas entre o ex-imperador e o emissario do governo provisorio, estão no dominio publico.

O official incumbido dessa missão, declarando a D. Pedro, que vinha a mandado do governo, o ex-imperador, que até então fôra ininterrompidamente durante meio seculo o governo do Brasil, perguntou-lhe á que governo se referia?

Os que achavão-se no poder havia apenas horas, já absorvião em si soberanamente a incontrastavel entidade do governo, e o principe decahido ainda não via senão em si proprio, essa mesma qualidade.

Dahi a concisão da phrase do official, e a pergunta do imperador, no momento historico em que a omnipotencia que elle exercêra, passava, ampliada até as raias do mais inexcedivel arbitrio, ás mãos desse governo, que elle desconhecia, mas que ia ser o seu successor, feliz, ufano e absoluto.

Assim o reinado de D. Pedro II dispediu-se da nascente dictadura.

Absorto e succumbido, a fronte pendida sobre o tumultuoso presente, e a alma perturbada pelas incertezas do futuro, no momento de deixar a terra

natal; com o coração pungido pela saudade e o espirito atravessado por crudellissimas recordações, não se podia legitimamente dizer ao exilado : « Deixai todas as vossas dôres, e deliberai... »

Nos grandes lances da existencia, a dôr é superior a tudo; ella domina, absorvendo em si, toda a sensibilidade e toda a vitalidade do homem.

A calma apparente de D. Pedro de Alcantara, provinha desse completo abandono que elle fizera de si á sua propria dôr.

A apresentação de um decreto a quem tantos assignára, não podia interromper-lhe o curso tumultuoso dos sentimentos que com certeza lhe ião no coração convulsionado, para chamar-lhe a attenção sobre um mero incidente.

Por isso menos justo foi o governo provisorio quando accusou D. Pedro II de haver aceito a dotação que lhe fôra offerecida.

Na posição em que elle se achava, descer a taes cogitações era impossivel.

Entregue á passividade do vencido, e á resignação do exilado, que liberdade de espirito tinha elle para deliberar?

O governo provisorio deu mostras das disposições em que se achava, attribuindo-se o direito de dispôr dos dinheiros publicos ao seu arbitrio, embora dando-lhes generosa applicação e legitimo destino.

Mas não podia ter a pretenção de obrigar quem quer que fosse, a tornar-se solidario com elle em semelhante procedimento, sobretudo no caracter de favorecido ou beneficiado.

A recusa do imperador contida no telegramma que expedio de Cabo-Verde, não podia, á sua vez, constituir offensa.

Manifestava, apenas, uma falta de annuencia.

A incipiente dictadura commettêra um erro, mas não lhe era licito pretender coagir D. Pedro a praticar outro.

Muito patriotico podia ser o governo provisorio; muitos serviços estaria até destinado a prestar á patria, mas quem lhe dava assim o direito de constituir-se, a mãos largas, o distribuidor da fortuna publica?

Ninguem podia suppor que durante largo periodo, elle ia considerar-se o arbitro supremo dos direitos, da consciencia, da honra e dos destinos da nossa patria.

Adversario vencido desse governo, aproveitou D. Pedro, o ensejo feliz que se lhe apresentava de protestar contra elle, em uma questão em que o seu protesto consistia em recusar uma dotação avultadissima, empobrecendo-se assim de dinheiro, para revestir-se de um grande prestigio de desinteresse.

O Governo, é licito crer, cedêra tambem a um impulso generoso : quisera mostrar-se magnanimo para com o imperador desterrado.

No entanto desaproveitou a occasião de sel-o, quando em um decreto irritado, retirou-lhe a sua lista civil, reduzindo á quasi pobresa aquelle mesmo soberano descorôado que havia apenas dias, elle cubrîra com o ouro desses cinco mil contos de réis.

Excesso de severidade igual ao anterior excesso de munificencia.

O telegrapho poude espalhar pelo mundo, esse acto de desprendimento da parte de D. Pedro, a pezar de allegar o governo provisorio que no Rio de Janeiro elle havia aceito a sua dadiva.

E nem podia o ex-imperador deixar de responder por uma recusa ao governo offertante.

Era por demais bella a occasião para deixal-a escapar.

Quiserão ser pomposamente magnanimos para com elle.

Respondeu, á sua vez, com todo o desinteresse.

A magnanimidade reunida á habilidade, teria consistido em continuar a mandar pagar-lhe a sua lista civil, até ulterior deliberação do povo ou do parlamento.

D. Pedro teria sido levado á aceitar esse dinheiro para viver, e a dictadura não lhe teria

ministrado uma occasião asada para mostrar-se mais desinteressado ainda do que, para com elle, havião querido ser munificentes.

Parece, porém, que o ministerio 15 de novembro estava destinado a errar, todas as vezes que tratasse com o ex-imperador.

Determinou a liquidação obrigada dos seus bens dentro de um prazo marcado por decreto; e prometteu adiantar-lhe quantias sobre o producto da venda desses bens.

Novo protesto de D. Pedro de Alcantara, que mais uma vez recusa o favor offerecido á par da imposta violencia.

Podia-se recordar aqui, que nenhum governo obrigou Henrique V, o neto de Carlos X, á vender o castello de Chambord que possuia em França com as immemsas terras delle dependentes.

Os d'Orleans conservárão muitas das suas propriedades no territorio francez, e, até, o célebre castello de Chantilly foi restituido ao duque d'Aumale pela actual republica.

Mas, obrigar á dispôr precipitadamente de grandes propriedades, e julgar que é compensação á tal imposição, a offerta de adiantamentos de dinheiros, é inutil e improficuamente unir benevolencia inane á frivola severidade.

Porque, de certo, em algumas terras que o ex-imperador conservasse no Brazil não lhe brotarião affeiçoados nem soldados para a sua causa impossivel e á jámais perdida, e nunca sobre ellas ouvir-se-ia surgir uma recordação saudoza, mesmo porque os governos que lhe succedessem, não semearião de tam profusos erros o solo da patria, que chegassem á arrancar-lhe essas impossiveis saudades á favor de um pessimo governo como o fòra o governo imperial.

No emtanto assim não entendeu o ministerio 15 de Novembro, e provocou as reiteradas recuzas do ex-imperador ás suas successivas offertas, dando logar á que um soberano desthronizado respondesse com altivo desinteresse á uma dadiva que não era aceitavel por mais opulenta que fosse, porque constituiria necessariamente a apparente compensação da expatriação, que o exilado considera sempre como um soffrimento infinito que nem a morte póde acabar.

Expirando em Santa-Helena, escreveu Napoleão I, no seu testamento :

« Desejo que descancem minhas cinzas nas margens do Sena, junto á esse povo francez que tanto amei.. ..»

Inimigos, adversarios irreconciliaveis no campo da politica, o solo da patria foi o seio fecundo que nos gerou todos, e delle surge uma

voz potentissima que nos falla ao coração pedindo-nos os nossos cadaveres, para, com o que ficar delles, formar novas gerações.

Essa voz sacratissima que nem mesmo póde abafar uma montanha de ouro, foi a que ouviu o ex-imperador quando recusou a fortuna que lhe era offerecida.

Não era o momento proprio de tratar de questões de dinheiro, aquelle em que começava para D. Pedro, uma das maiores provações da vida humana.

Mais tarde, os sentimentos benevolos do governo terião encontrado a occasião propria de manifestarem-se sem irritar a desesperação do vencido, nem parecer offerecer-lhe publica consolação pela perda da patria, mediante uma opulencia no estrangeiro.

D. Pedro II comprehendeu que o mundo civilizado tinha os olhos postos no seu procedimento, e que a Historia o espreitava.

Errou o governo provisorio por não ter previsto a fatal recusa á que inconsideradamente se ia expôr, e que devia encerrar lição de desinteresse em confronto ao exemplo de magnanimidade que dêra a nascente dictadura.

Errou certamente por não aguardar a reunião do Congresso, que deliberando directamente em nome do povo brazileiro, devia constituir o unico

poder legitimo habilitado para instituir uma pensão em favor do ex-imperador D. Pedro, como, aliás, fel-o, honrando, a uma vez, a nação e o exilado.

Recebendo essa pensão, D. Pedro de Alcantara póderá relembrar um dos erros do seu reinado, ao pensar que estão privados das suas, os orphãos e viuvas, que erão pensionistas desse Monte-Pio Geral, que elle deixou liquidar por um syndicato de argentarios, praticando crudellissima injustiça e permittindo que o obolo dos desprotegidos fosse avolumar a opulencia atrevida de ricos impiedosos, sem que a intervenção omnipotente do ex-imperador tivesse amparado essas viuvas e esses orphãos inexoravelmente sacrificados e sacrilegamente despojados.

Cada moeda que lhe chegar ás mãos com o cunho do Brazil, trará comsigo a recordação de uma dessas innumeras miserias que, si tivesse querido, elle poderia ter evitado.

Levem-lhe, pois, os sopros dos mares, o magnanimo perdão dessas humillissimas victimas da sua indifferença e do seu abandono, e possão as afflictivas lagrimas dellas, parecerem-lhe ser apenas o tenue e saudoso orvalho da terra da patria que vai aljofrar no exilio o limiar do seu lar.

## O ESPIRITO DA DICTADURA

---

Omnipotencia illimitada, incondicional, e indefinita.

Tal foi o espirito que assignalou o gabinete de 15 de Novembro de 1889, e a Dictadura.

Illimitada, foi essa omnipotencia porque absorveu o poder executivo e o legislativo.

Incondicional, pela sua propria natureza.

Indefinita, porque ninguem podia prever os limites de duração que a si propria aprazeria determinar.

Assim, pois, dilatando-se no ambiente victorioso em que de subito irrompêra á vida politica, dispoz-se esse ministerio a decretar todas as reformas que lhe parecêrão fecundas e necessarias.

Preludiou como que por um hymno de confraternisação universal, decretando a nacionalisação de todos os residentes estrangeiros.

No arroubo, porém, do seu enthusiasmo esqueceu que essa naturalisação decretada como jubiloso favor, importava na perda da patria de origem, cujo amor perpetua-se em muitas almas, convertido em saudosa e inviolavel recordação, que o novo decreto vinha inconscientemente decapitar, abolindo de vez na pessoa do naturalisado qualquer laço que ainda o prendesse á terra natalicia.

Além desta ordem de considerações que affectão a grande e melindrosa sensibilidade do coração humano e dos seus mais profundos affectos, era manifesto que o decreto dictatorial feria de frente os principios de direito internacional, como mais tarde foi patenteado nas reclamações feitas por todos os governos europeus.

Houve, portanto, si nos for licito assim expressar-nos, o quer que seja de irreflectido nessa manifestação de patriotica alegria do governo provisorio, que longe de encontrar universal adhesão, deu lugar a protestos.

Esse acto foi, apenas, o inicio da serie de decretos que assignalou a carreira a uma vez sombria e vertiginosa do ministerio 15 de Novembro, sombria porque suspendeu o exercicio de todas as liberdades, vertiginosa porque não poz limites á sua omnipotente iniciativa absoluta.

Assim foi que o governo provisorio anticipou-se ao poder legislativo, em todos os assumptos, e

quando os representantes entraram no Congresso, já encontrárão promulgadas em fórma de decretos, todas as leis organicas da Republica, e até, quasi a propria Constituição.

Por decreto, separada a igreja, do estado.

Creado um novo regimen bancario.

Autorisadas avultadissimas emissões de papel-moeda.

Determinadas novas e imprevistas despezas.

Modificados os codigos e alteradas disposições de leis que não affectavão a politica nem entendião com urgentes e inadiaveis exigencias de occasião, taes como as disposições relativas ao processo das fallencias, que forão retocadas.

Negociado, embora *ad referendum*, um tratado sobre limites como o das Missões.

Absorvido de todo, pelo executivo, o poder legislativo.

Suspensas as garantias da liberdade individual, e portanto offendido esse primordial principio de toda sociedade civilisada.

Durante mesmo a permanencia do Congresso, posto em execução um novo Codigo Penal.

Em uma palavra, reformada a sociedade brazileira em tudo quanto diz respeito, á consciencia, aos direitos civis e politicos, ás prerogativas tanto dos individuos como dos estados componentes da União!

Não é intenção nossa increpar esse absorvente predominio que tomou da patria em suas fortissimas mãos, como o modelador toma da argila para dar-lhe as fórmas que pretende.

No emtanto acreditamos que muito mais fecundas são as reformas que nascem da legitima elaboração da consciencia nacional, do que aquellas que de subito surgem das disposições de um decreto.

O pensamento de um povo, as aspirações da sua consciencia, as reflexões do seu espirito, devem de certo ter outro alcance que não póde ter a sobrecarregada mentalidade de um soffrego legislador á braços com a confusão inseparavel de uma mudança de governo, e em lucta com o medonho atropello de uma revolução.

O governo provisorio podia ter limitado a sua gloria, á ter sido o fautor da proclamação da republica.

Esse historico papel devia ter contentado a sua ambição, porque nelle todos os homens de 15 de Novembro, terião encontrado a immortalidade nos annaes da patria brasileira.

Amplial-o, porém, até as diuturnas e prolongadissimas funcções de legislador soberano e incontrastavel, talvez não tivesse sido nem regular nem indispensavel, porque as reformas que realizou, muito mais natural e legitimamente

poderião ter sido discutidas e convertidas em leis, pela representação legislativa.

A continuação da dictadura por tempo indeterminado só teve o limite que lhe impoz o temor do sacrificio do credito do estado no estrangeiro, segundo o declarou o Sr. Ruy Barboza, no seu importantissimo discurso perante o congresso.

E foi esse mesmo ministro do primeiro gabinete republicano, que, receioso de comprometter a confiança que até hoje tem merecido o Brazil, nos mercados estrangeiros, propoz, nos conselhos do governo, a convocação da Assembléa Constituinte.

Elle proprio assignalou essa circumstancia, de modo a tornar claro que não ligava pouca importancia a ter partido da sua iniciativa essa proposta, sobretudo convencido, como se achava, que os negocios publicos pendião de um fio, conforme o declarou em phrase synthetica e eloquentemente sincera.

Nesse ponto modificou-se de leve a direcção que levava a dictadura, a qual até ali não tinha dado mostras de querer limitar ou terminar o grandioso periodo dos seus poderes, e antes pelo contrario, assumira algumas vezes antipathicas feições de absolutismo já acclimado nos cimos do governo.

Ficou, portanto, assim encerrado o periodo dictatorial dentro dos limites que lhe aconselhára

a sua sabedoria, á beneficio do credito do paiz nas praças estrangeiras, e desapparecèrão como fugitivos phantasmas aquelles alarmantes boatos, que de tempos a tempos, aterravão o espirito publico, pelo annuncio de que ia ser proclamada a dictadura quinquennal!

Estudar o periodo do governo dictatorial exercido pelo ministerio 15 de Novembro, exigiria espaço superior ao desta obra, e tempo que nos escasseia.

A rapida nomenclatura que acima descrevemos de alguns desses seus actos, assáz o indica.

A separação da igreja e do estado, é questão pendente em França, desde a revolução de 1789, e até hoje não poude ser resolvida.

Quantas difficuldades deve ella, pois, encerrar em si, e quantos obstaculos provocar na pratica, que os governos francezes, mesmo os mais revolucionariamente adiantados, tem estacado diante della!

A questão dos territorios das Missões, era para o Brazil, uma questão verdadeiramente secular, discutida, disputada, herdada e transmittida, por diversas gerações umas ás outras.

As questões financeiras da circulação do papel-moeda, das emissões, e do regimem ban-

cario, derão lugar á grandes e fecundas discussões em todos os paizes, e não ha ainda muitos annos, na Italia.

A promulgação das leis penaes foi sempre reservada aos parlamentos, e já que acabamos de referir o exemplo da Italia devemos recordar que a elaboração do novo codigo Penal desse paiz, deu lugar á abundantissimos debates, quer no parlamento, quer entre os seus jurisconsultos.

A França, não ha muito ainda, procedeu á alguns retoques em materia de fallencias, e foi assumpto profundamente discutido.

O divorcio, sabem todos, as varias phases que alli atravessou, e o dilatado periodo de elaboração que teve a lei actual que regula-o.

No emtanto sem fallar na reforma judiciaria, todas estas materias que constituem a propria essencia dos direitos humanos, e a structura toda das sociedades, custárão apenas alguns decretos ao ministerio de 15 de novembro, e pouco mais do que o brevissimo prazo de doze ou quatorze mezes!

Si procurarmos elementos na historia, que nos possão servir de confronto para podermos formar uma opinião desapaixonada, já quanto á permanencia no poder, de um governo que se dizia provisorio, já quanto a essa disposição ingenita que manifestava de legislar sobre todas as materias desde as mais importantes. até as mais infimas,—

encontraremos na historia da grande nação franceza os exemplos do governo provisorio de 1848, e daquelle que formou-se em 1870, quando a invasão allemã trouxe o desmoronamento do imperio e a terminação do reinado de Napoleão III.

E' sabido que á 24 de Fevereiro de 1848, esse povo travava uma lucta renhida nas ruas de Pariz contra os defensores do rei Luiz-Felipe, e desse esforço surgira radiante de glorias a republica.

A 4 de Maio do mesmo anno, isto é, menos de tres mezes depois desses combates terriveis que havião ensanguentado o sólo de Pariz, reunia-se a assembléa nacional, a quem dizia Lamartine em nome do governo provisorio: «A apresentação de «um plano de governo ou si quer de um projecto de «constituição seria da nossa parte temerario pro«longamento de poder ou offensa á vossa sobe«rania.»

Em 1870 tambem em França, á 4 de Setembro, cahia o imperio em meio dos desastres da guerra franco-allemã.

A' 22 de Janeiro de 1871, Pariz succumbia diante dos exercitos invasores, á 8 de Fevereiro a França inteira elegia seus representantes, e á 17 do mesmo mez, isto é, em menos de trinta dias, a assembléa nomeava Thiers chefe do poder executivo e sagrava-o salvador da patria.

Havião estas revoluções poupado o tempo do interregno, entre a queda dos anteriores governos e o advento do povo.

Ve-se que direcção seguia o espirito desses governos, filhos de movimentos populares, direcção, de certo, muito diversa da que adoptou o ministerio 15 de novembro e a Dictadura.

Considerando-se como transitorios, não procurárão deter o poder em suas mãos, e quizerão, pelo contrario, entregar á nação, intactos os negocios e os destinos da patria.

Esse bello pensamento, e essas purissimas intenções irradião das citadas palavras de Lamartine, formando uma aureola de desinteresse politico e de verdadeiro patriotismo.

Em confronto, porém, com esse proceder, vimos o ministerio 15 de novembro, á pretexto de salvação publica, resolver todas as questões vitaes e tambem intervir nos mais pequenos detalhes de todas as administrações, fazer concessões, distribuições de garantias de juros, elevar todos os vencimentos, conceder importantissimos favores á bancos e associações commerciaes, empenhando descommunalmente a responsabilidade do estado e o futuro do paiz.

A historia dirá que a obra maxima e gloriosa do governo provisorio — foi a destruição da monarchia em nome da liberdade.

Que o seu erro foi demorar-se no poder.

Que a sua imperdoavel falta foi ter supprimido todas as liberdades.

Que errou tambem e esqueceu as lições da historia e as grandes inspirações da democracia, preparando um projecto de constituição, quando de principio á fim, desde a primeira idéa até a ultima, devia, em todas as suas disposições, no seu espirito, nos seus principios, nas suas tendencias, no seu conjuncto e em todos os seus preceitos, ser ella a feitura, a obra prima e o genuino feito, do paiz inteiro, do povo falando por seus representantes, dos estados confederados collaborando e contribuindo cada um com o seu subsidio de idéas.

Assim elaborada, passaria ella á historia e á posteridade, como o patriotico e indestructivel pacto celebrado entre todos os Brazileiros, produzido pelo proprio pensamento nacional em suas multiplices e elevadissimas manifestações no seio de uma assembléa, que, perante o futuro, pela imponencia do seu mandato, pela solemnidade do momento historico da sua convocação, pela grandeza de patriotismo em que de certo havia de inspirar-se, pela elevação a que havião de attingir suas discussões em virtude mesmo da sua missão, pela magestosa sobranceria com que se apresentaria em toda a integridade da sua soberana e quasi que divina missão, assumiria o papel não de

um simples Congresso, sim, porém, de verdadeiros Estados Geraes, que das mãos do governo provisorio terião recebido na sua mais pura e plena integridade, sem a mais leve indicação, sem uma insinuação siquer, o glorioso deposito dos destinos da patria, que lhe havia confiado o dia 15 de Novembro.

---

## AS FINANÇAS E A BOLSA

Foi esta a vastissima esphera em que desenvolveu-se o magnifico e aventuroso talento do Sr. Ruy Barbosa.

Ao approximarmo-nos das finanças, enchem-nos desde logo os ouvidos, profundos e numerosissimos rumores, sahidos de marulhoso mar.

Tornar-se-ha tormentoso, tragando as innumeras emprezas que lhe entregárão seus destinos?

A esta interrogativa poderá, no futuro, responder a prosperidade com todos os seus fecundos esplendores, ou a ruina, com as profusas lagrimas que sempre formam-lhe cortejo.

Tivemos e temos a invasão alada do papel, com bonus e agios, surgindo inopinadamente da obscuridade, e torvelinhando para o desconhecido, por entre o delirio dos agiotas e as promessas dos incorporadores de companhias, organisadores de

bancos, fundadores de emprezas, criadores de associações, promotores de sociedades, propulsores de quantos negocios imaginar se possa, concessões, privilegios, contractos emigratorios, estradas de ferro, linhas de vapores, fabricas, officinas, estaleiros, melhoramentos e aperfeiçoamentos industriaes, abrangendo em seus programmas e prospectos, todos os ramos da actividade humana, do commercio e da industria, estendendo-se á todas as regiões, cidades e estados do Brasil...

A iniciativa do Sr. Affonso Celso, dispertára essa febre mercantil; o auxilio poderoso do Sr. Ruy Barbosa communicou-lhe uma herculea impulsão,

As repetidas, avultadissimas e multiplices emissões de papel-moeda, deram-lhe como remate este vertiginoso incremento á que assistimos presentemente.

O papel-moeda enchendo o ambiente das finanças, recorda a quéda da neve e seus invenciveis turbilhões, que elevam montanhas, criam cimos innaccessiveis, parecem constituir uma nova atmosphera, lançam sobre os abysmos as maravilhosas e rendilhadas pontes urdidas por seus luminosos crystaes, e formam tambem a alvissima avalanche que vai prender-se ás maiores alturas no flanco radiante da montanha, donde o sol da primavera a faz desprender-se para deixal-a cahir, de vertigem em vertigem, rasgando o declive do

monte, semeando-o de desastres, para penetrar, como implacavel voragem, nas planicies em que derrama-se com estrondo, e, no leito dos rios, que faz transbordar !

A industria é uma força potentissima.

O industrialismo é a parasita medonha dessa vitalidade.

O commercio é uma fonte inexgotavel de riquezas.

O mercantilismo é um vicio devorador da seiva e da vida sociaes.

O trabalho, é o elemento de vida de todos os povos.

A agiotagem, é o jogo que desvaira e quebra as forças sociaes enervando os individuos ; abate o espirito publico, arrancando-lhe a fé no trabalho, e o amor da nobre lucta pela vida, fazendo baquear nelle esses fortissimos e profundos sentimentos cuja irradiação constitue a alma de um povo e de uma geração.

Criar emprezas é facil.

Organisar o trabalho é mais difficil.

Muitas emprezas ha ficticias e ephemeras.

O trabalho é sempre fecundo.

O alicerce da grandeza das finanças de um paiz, não é o rumoroso alarido produzido pelos ephemeros clamores dos organisadores de empre-as e fundadores de associações mercantis ou in-

A diminuição da despeza, isto é a economia deve ser severa e estoicamente posta em pratica e de preferencia á gravar exageradamente o collectado quer directa quer indirectamente.

Quando, ha alguns annos, a Italia viu-se á braços com grandes difficuldades financeiras, diz o escriptor francez Cucheval-Clarigny que ella recorreu á um regimen de severissima economia.

Só assim poude fazer façe a esses embaraços.

Entre nós tem-se procurado crear uma impossivel confiança, protegendo o extraordinario e ephemero movimento da Bolsa, e isto quando temos debaixo dos olhos o exemplo das catastrophes argentinas.

O sophisma financeiro creado e amplificado pelo ministerio dictatorial de 15 de Novembro, não resiste á seguinte pergunta: augmentou por ventura de modo proporcionalmente assombroso, a producção do paiz, para equilibral-a com o movimento facticio creado pela especulação sobre o terreno do credito, tendo como unico instrumento o papel moeda e os titulos de emissão?

E a resposta negativa reduz o audacioso sophisma que foi o alicerce do aventuroso plano financeiro posto em pratica por aquelle governo.

Inutil seria insistir sobre outros funestos intentos que forão successivamente attenuados, e relembrar os immensos favores que na origem forão

concedidos ao antigo banco dos Estados Unidos do Brasil, os quaes segundo o clamor geral do commercio e industria, os entregavão á discrição dessa poderosa e feliz instituição bancaria.

Ser-nos-há, porém, relevado mencionar a critica acerba que mereceu a pasta da agricultura por doar immensas e incalculaveis extensões de terras devolutas, alheando assim quasi todo o patrimonio territorial do estado, ao passo que o onerou com gigantescas e pesadas responsabilidades a favor de empresas particulares, concedendo-lhes sem contar, collossaes garantias de juros.

Em meio dessas extremas prodigalidades, nota-se o esquecimento da lavoura, nossa principal, senão unica fonte de renda, a grande productora do café, que é um dos mais preciosos generos e certamente o mais abundantemente colhido no Brasil.

Assim é que no discurso proferido no Congresso pelo Sr. Ruy Barbosa, encontra-se esta phrase: «Não esqueçais, porém, que só por uma consignação *auxilios á lavoura,* o ministerio da fazenda, sob o governo provisorio, poupou ao thesouro 40.000:000$000. »

A lavoura não auferiu, pois, as passageiras vantagens dessa perfida aragem de prosperidade : pelo contrario, realisárão com ella grandes economias.

## A POLICIA DURANTE A DICTADURA

---

A concepção clara do direito turvou-se.

As prescripções da lei obliterárão-se.

Confundiu-se no espirito da policia, a noção dupla da acção politica e da acção judiciaria.

Comprehende-se que uma revolução altere, supprima, ou suspenda a acção das leis politicas.

Não se comprehende que á favor do pretexto da mudança de governo, supprimão-se as garantias da liberdade individual, que não depende das leis politicas, e constitue um direito natural, inviolavel, sob qualquer regimen que seja.

Que esse direito seja violado em relação ás classes elevadas da sociedade, ou em relação ás mais baixas, importa pouco, porque não é da baixeza da victima que cogita-se, e sim da grandeza do principio conculcado.

Esse principio, que o é tambem de toda organisação social, porque onde elle não for acatado não pode haver sociedade, foi trucidado pela policia dictatorial.

Os partidos da opposição haviam sempre atacado os actos arbitrarios da policia do imperio.

Em confronto com essa decahida policia, a nova policia republicana ostentou-se logo omnipotente, agindo soberanamente em uma esphera superior ao direito e sobranceira ás leis!

A historia contemporanea nos offerece apenas alguns exemplos que podem ser comparados aos que ella deu, e encontrão-se elles nos actos da policia dos primeiros annos do imperio de Napoleão 3°, que inspirárão os bellos versos indignados de Victor Hugo no livro *Les Châtiments,* e nas façanhas da policia russa, que tão notaveis fez, nos fastos das violencias e do arbitrio, os nomes de Mourawieff e de Trepoff.

A' par dos exilios e das deportações politicas, decretadas pelo ministerio, a policia instituiu o seu regimen genuinamente dictatorial e arbitrario, de prisões e degredos.

O governo fazia dimanar do principio da segurança politica do estado, esses seus actos de violação da liberdade individual; a policia instituiu a sua acção á favor da pretensa manutenção da ordem publica e da *regeneração social.*

Sentindo-se forte diante da prostração de todos; diante do temor de cada um ameaçado pelo tenebroso e temivel principio do arbitrio; diante do silencio dos tribunaes; ufana pela passageira omnipotencia de que dispunha, principiou á exercer suas implacabilidades contra as classes mais desprotegidas da sociedade, e lançando mão de um meio de repressao desconhecido até hoje, desusado em todos os paizes cultos, decretou prisões em massa contra individuos que fez constar serem delinquentes habituaes, e os quaes quiz sujeitar á terrivel penalidade da deportação, em expiação, dizia ella, de um passado criminoso!

Era então chefe de policia o Sr. Sampaio Ferraz.

Existe, entre nós, como é sabido o vocabulo *capoeira* para designar o turbulento habitual, e foi essa denominação a arma triumphante que brandiu essa suprema autoridade.

Promotor publico que havia sido durante cerca de dez annos, intelligente e illustrado, conhecedor do direito criminal que cultivára durante o seu longo e brilhante exercicio, o chefe de policia sob o dominio do gabinete de 15 de Novembro, não recuou diante de nenhum obstaculo juridico, e galgou todos esses principios de direito em cujo estudo havia longamente vivido e meditado.

Creou a classe phantastica dos delinquentes fóra da lei, não em consequencia de crimes que elles praticassem na occasião, e que fossem como taes capitulados pelas leis, sim, porém, em vista de suppostos delictos passados.

Instituiu a especie nova do delicto eterno, ininterrupto, irresgatavel ou pela pena cumprida, ou pela prescripção, ou pelo perdão.

Assim destruiu o principio immortal e generoso de todas as legislações, entre as quaes não ha uma só, que deixe de proclamar a não retroactividade da lei criminal.

Não definiu o que para elle constituia essa nova especie de crimes retroactivos e ininterrumpidos, á cujos pretensos autores recusou o beneficio do arrependimento, da regeneração e da prescripção.

Violou outro principio não menos respeitavel do nosso codigo e de todos os codigos: « *Não ha crime nem delicto sem lei anterior que o qualifique.* »

Senhor temporario da vida e da liberdade de todos, dominador ephemero de uma capital portentosa, aproveitou um momento de abatimento do espirito publico e das forças immortaes do direito, para pôr em pratica os mais temerosos principios do arbitrio, da força e da violencia.

Atacou de frente o principio sagrado da prescripção criminal.

E não satisfeito com revogar a não-retroactividade das leis criminaes, com crear phantaziosamente uma nova especie de crimes não definidos em lei, — quiz tambem crear uma nova e terrivel penalidade consistente na deportação de individuos *por elle condemnados*, e na reclusão d'elles no presidio da ilha de Fernando de Noronha.

A extensão da injustiça não se mede pela qualidade da pessoa que a soffre, sim, pela elevação do principio que n'essa pessoa é violado.

E' mister não ter em vista a pretensa indignidade das victimas, indignidade que resta provar; sim, porém, a grandeza da lei, que não é licito violar.

A' favor d'essa supposta indignidade, commettêrão-se injustiças horrorosas, iniquidades injustificaveis, e irrogárão-se irrevogaveis affrontas á homens infelizes, que, victimas de falsas informações, quiçá de baixas vinganças, foram atirados á infamia das prisões, á sua atroz e indelevel promiscuidade, e d'ahi ao irremissivel opprobrio das galés em um presidio.

Atroz injustiça consummada contra individuos innocentes, que foram arrancados aos seus trabalhos, ás suas esperanças, ás suas alegrias, separados dos seus, segregados das suas familias, e deshonrados em nome de uma repressão crudellissima, feroz, e injusta!

Affronta profunda tambem feita á consciencia do direito, aos seus luminosos principios e á inviolabilidade das leis patrias.

Assim procedendo, o chefe de policia, Dr. Sampaio Ferraz, estabeleceu singular contraste entre os seus actos, e os do chefe do Governo Provisorio, que em homenagem á verdade, deve-se dizel-o, fez o mais louvavel uso do direito de graça.

E, convém notar: assistímos jubilosos a fórma magnanimemente piedosa e humana, com que, foi aproveitada pelo marechal Deodoro a prerogativa de perdoar, a mais bella que o destino ou as revoluções possam conferir á um homem para mais approximal-o de Deus, e commovidos presenciámos o frequente uso desse preciosissimo direito que a tantos condemnados já sem esperança abriu as portas das prisões e a outros libertou dos ferros das galés.

Ao passo, porém, que a consciencia e a historia sempre applaudiráõ fervorosamente esses actos de magnanimidade, ellas nunca poderáõ deixar de entristecerem-se ao recordar que, sahindo das cadêas, remidos por nobilissimo perdão, muitos condemnados que tinhão usado de todos os recursos de defesa sendo afinal julgados criminosos, para essas mesmas prisões, entrárão muitos outros homens a quem o direito criminal patrio,

não imputava crimes nem delictos definidos em lei.

No emtanto, estes individuos, dignos de profunda commiseração, forão privados de juizes, condemnados sem defesa, subtrahidos á protecção das leis e do *habeas-corpus*, arrancados a seus lares, ás suas familias, aos seus mais profundos affectos.. Quebrados nelles esses laços sacratissimos que ligam o pai aos filhos, os irmãos entre si, o esposo á mulher, qualquer homem, emfim, por mais miseravel que seja, ao lugar onde nasceu e á sociedade em que vive, forão em seguida inexoravelmente lançados á ilha de Fernando de Noronha ou á outros mais remotos presidios.

Alli permanecêrão longo t mpo com affrontosa injuria á magestade do direito.

Uma tristeza acerba, d'ora avante subirá sempre das brumas do mar ás negruras daquelle rochedo, onde a Musa da Historia, attenta e compassiva á todos os desmerecidos infortunios, teve de prantear a perda das nossas liberdades americanas alli immoladas; e desse pincaro inhospito desprender-se-ha incessantemente nesses prantos immortaes, uma elegia de lagrimas, que, levada nas azas das brisas e no sopro das grandes procellas, dirá inexoravelmente ao mundo e ao futuro, que, no inicio da republica alli foi sacrificado o immortal principio [illegible] ·di-

vidual, e que aqelle foi tambem o seu tumulo, levantado no granito d'aquella ilha, circumdado pelas ondas do Oceano, e collocado em frente á terra da patria, como eterno protesto surgindo do seio das tempestades dos mares, contra a clamorosa injustiça dos homens.

Novo Prometheu atado á crudelissimo rochedo, assim exposto tão tristemente á commiseração do mundo em meio desses grandes mares sulcados pelos navios de todas as nações, és a sacratissima imagem do direito violado, diante da qual o espirito não póde deixar de deter-se, commovido, embora essa violação haja ferido os homens mais desprotegidos e mais pobres da comunhão brasileira.

Nenhum delles era criminoso, porque só o é quem como tal foi condemnado pelas leis, e elles o não haviam sido.

Escreveu Alexandre Herculano, que apiedava-se de todas as humanas desgraças, embora unidas ao crime.

Não é, pois, desarrasoadamente que a nossa consciencia protesta contra os actos clamorosos que deixamos denunciados, e que nem pode-se escusar dizendo-se que delles só foram pacientes individuos pertencentes ás classes perigosas da sociedade, pois o Sr. Henrique de Carvalho, hoje membro do Congresso, tambem foi preso pela mesma policia, á pretexto de que organisava uma

conspiração, cuja sombra, siquer, nunca foi vista nem descoberta.

A plethora de força, a pujança de poder que discricionariamente exerceu o decahido ministerio dictatorial, causou profunda pressão no espirito juvenil do chefe de policia de então, Sampaio Ferraz, o qual acreditou que a gloria estava em executar essas prisões em massa, e fazer essas grandes levas para os presidios.

Erro profundo, porque a crueldade não é justiça, e a inexorabilidade não constitue meio de repressão.

A verdadeira justiça, deve ser mitigada pela magnanimidade.

O chefe do governo provisorio como já o dissemos, ao envez do chefe de policia, adoptou, com gloria, a norma de uma magnanimidade que chamou sobre elle as bençãos de muitos corações agradecidos.

Os tribunaes e os juizes criminaes podiam ter dirigido uma representação ao governo, reclamando contra taes actos, uma vez que fôra solemnemente declarado, logo no principio da dictadura, que as funcções judiciarias seriam exercidas em toda sua amplitude e invulnerabilidade.

No emtanto, suspenso esse direito de requerer *habeas-corpus*, sagrado entre todos os que haurimos nas leis inglezas, a prisão arbitraria aggra-

vada com a incommunicabilidade, tornou-se medida commun e diaria, posta em pratica em relação á centenas de individuos na capital do Brasil.

O chefe de policia creára um singular tribunal composto de tres agentes de policia da sua confiança, os quaes dirigiam-se á casa de detenção conjunctamente ou cada qual de per si conforme lhes aprazia, e ahi procediam ao que chamou-se o *reconhecimento do preso.*

Em seguida davam a sua opinião á outro que exercendo as funcções de chefe dos agentes, estava incumbido de redigir os pareceres delles sobre si ou não, o paciente era, *ou fôra em tempo capoeira.*

Essa sentença tornava-se irrevogavel, e sómente pela forma, inquiria-se da auctoridade do domicilio do preso, si este era ou não turbulento, e perguntava-se á administração da casa de Detenção quaes os assentamentos que lá tinha o detento proposto á deportado.

Diráõ os archivos da policia que muitos desses individuos, foram deportados como perturbadores da ordem publica e desordeiros habituaes, que não haviam soffrido uma só prisão.

Pergunta-se, porém, si jamais poderá explicar-se que se haja destruido a auctoridade dos tribunaes regulares, interrompido o direito de *habeas-corpus*, desprezado os processos legaes, para instituir como o fez o Dr. Sampaio Ferraz,

esse impossivel tribunal de tres agentes de policia, sem juramento, sem garantia alguma, desconhecidos de todos, e investidos do poder iniquo de decidir da sorte de innumeras pessoas.

A invenção desse tribunal foi um verdadeiro chefe de obra, e os relatorios que elle produziu, fazem fé do grau de confiança que podia merecer, e muito farão rir os que de futuro fizerem pesquizas politicas ou historicas nos archivos policiaės dessa triste epocha e nesses monstruosos papeis ridicula e insensatamente processados.

Ao retirar-se esse chefe, a casa de Detenção, prisão central da capital, regorgitava de presos, aos quaes no decurso de um anno, elle esquecêra ou deixára de dar destino. Outros havião morrido encarcerados, levando para a eternidade o terrivel protesto de lhes haver elle negado juizes e recusado justiça.

O presidio de Fernando de Noronha, havia reclamado contra o excesso de população que lhe havia sido remettido, superior ao orçamento de que dispunha, e aos viveres existentes na fatidica ilha. O presidio, monstro saciado de lagrimas e de dores, recusava receber as novas victimas, constantemente para elle remettidas por essa tragica e inolvidavel policia.

E tanto havião sido commettidas muitas injustiças, que o General Vasques, successor do Sr.

Sampaio Ferraz, mandou pôr em liberdade grande numero de presos, e o governo autorisou o regresso de muitos dos deportados.

Esse grande apparato de prisões sem conta, e de profusos degredos, nem por isso impedirão a frequencia dos crimes, tendo sido até, o então ministro do exterior, o Sr. Quintino Bocayuva, victima de um avultado roubo.

Tanto é verdade que só é fecunda, proveitosa e regeneradora, a repressão legal, porque ao espirito do delinquente o soffrimento que esta impõe, constitue merecida expiação, ao passo que o acto arbitrario de uma autoridade carece da magestade da lei, e afigura-se-lhe ser unicamente perseguição ou oppressão.

Diante da lei, os maiores criminosos inclinão-se.

Perante o arbitrio, até a consciencia publica re volta-se em desaffronta da inviolabilidade do direito.

Quando a França reconheceu a necessidade de afastar do paiz, os delinquentes temerosos e incorrigiveis, designados pelo nome de reincidentes, não deu á uma autoridade o direito de dispôr levianamente da vida e da sorte de homens, embora criminosos; investiu, porém, os seus tribunaes do direito de accrescer uma pena accessoria á pena principal, e reconhecendo nos condemnados essa qualidade de reincidentes, determinar

na sentença condemnatoria que serião transportados para um presidio.

Mas a imposição dessa tremenda penalidade, dimana unicamente de uma condemnação judiciaria, em processo regular, esgotados todos os recursos de defeza e da lei, e não passa de barbara imitação o pretender que cabe á uma simples autoridade policial, em tempo de revolução pacifica, o crudellissimo direito de arrancar um individuo ao seu lar e á sua familia, para deportal-o sem forma de processo e sem defeza.

A policia imperial havia chegado ao maior descredito, exactamente por desrespeitar as sabias prescripções das nossas leis criminaes, e deturpar-lhes a lettra e o espirito.

Assim era que o processo de termo de bem viver, instituido pelo legislador para servir de proveitosa admoestação aos individuos inclinados aos vicios e delictos, tinha perdido toda a sua gravidade.

Havia chegado á ponto tal a corrupção desse processo, especial e, aliás, simples, que no mesmo auto processavão-se os individuos, A, B, e C, e mais outros, accusados de estarem em condições de serem compellidos á termo de bem viver, por factos alheios uns aos outros, este por embriaguez habitual, aquelle por ser turbulento, outro por

vadiagem, tendo sido presos em lugares diversos, em tempo differente, e não existindo connexidade alguma nos actos de que erão arguidos, nem ao menos por se terem dado nas mesmas freguezias.

A autoridade deixava de assistir ao processo, não dava-se ao trabalho de mandar procurar testemunhas que na realidade conhecessem, o indiciado; era preferido o alvitre mais commodo de compellir, mau grado seu os agentes policiaes á de porem nesses innumeros processos. Note-se que as suas funcções os inhabilitavão para tal, tornando-os mais ou menos suspeitos de parcialidade ou coação, ao passo que as suas consciencias muitas vezes protestavão contra esse abuso de autoridade que as violentava.

De abuso em abuso, de corrupção em corrupção, havia chegado essa policia á destruição do espirito verdadeiramente luminozo do nosso legislador criminal, e instituido em praxe as mais corruptas praticas.

Convem no emtanto restabelecer esse espirito e as puras tradições das nossas leis criminaes, e é de lamentar que o inicio da primeira administração policial republicana, não houvesse realisado a restauração desses principios verdadeiramente sabios e justos.

Nem se diga que em relação á delinquentes, não ha leis á observar, porque não foram senão

para lhes serem applicadas, que forão promulgadas as leis criminaes. e instituidas todas as formulas legaes do processo crime.

Nem tão pouco é admissivel que uma revolução politica, suspenda e altere o curso da justiça ordinaria, quer civel, quer criminal.

Os actos dessa perpetua justiça são a pauta de todos os actos da sociedade civel.

A grandeza dos seus exemplos, a magestade das suas formulas, a segurança dos seus processos, a serenidade do seu espirito, a generosidade e isenção do seu proceder, a idoneidade dos seus funccionarios, a sabia demore das suas deliberações, a reflectida segurança das suas resoluções, devem dar provas da grande elevação e da pureza da consciencia de uma nação, e do andiantamento do seu espirito.

A precipitação, a inobservancia das formas legaes, o desprezo dos preceitos da lei, o predominio unico da força desconhecendo o direito, nunca poderáõ constituir elementos de grandeza moral e sempre serão provas inconcussas de profundo atraso, de lamentavel e deprimente corrupção social.

Govennar com as leis é difficil, e digno de um sabio.

Governar sem leis é facil e inglorio.

## AS ELEIÇÕES E O CONGRESSO

---

Vivemos actualmente em uma atmosphera politica, branda e leve.

Reportemo-nos no emtanto aos primeiros mezes do anno passado, de 1890.

O ambiente politico ostentava-se trevoso, tendo em suspensão ignotas e indefiniveis ameaças, que felizmente não se realisaram.

O decreto de 23 de Dezembro de 1889, que sujeitava todos os delictos qualificados politicos ao julgamento de uma commissão militar, havia imposto o silencio a todos os labios, mas os espiritos estavam inquietos e attribulados.

A força despropositada de que dispunha o governo, perturbava, de certo, a tranquillidade de animo do povo, desprovido de orgão legal para fazer valer os seus direitos por isso que não existia parlamento, e qualquer acto praticado pela nação

incorreria nas penas de sedição, ou podia asssumir erradamente, as apparencias della, e acarretar para seus auctores as mais terriveis consequencias.

Assim, anciava a opinião publica pela convocação de uma Constituinte, de cuja reunião dataria o principio da verdadeira era republicana.

O momento era solemne.

Recuperaria a patria a soberania dos seus destinos e a livre disposição de si mesma?

Magna e commovente interrogação que surgia em todos os espiritos.

Uma gestação profunda fazia-se naquella occasião, nos destinos do nosso paiz; na consciencia de cada qual, agitava-se e fluctuava a sorte da patria, que dependia da firmeza e serenidade de uns, da isenção e fidelidade de outros.

Firmeza, do eleitorado.

Isenção, do governo.

Fidelidade, na eleição.

Sobre este memoravel pleito eleitoral, que era o primeiro a que se procedia no Brazil no regimen republicano, convergiam as vistas da opinião publica de todos os povos civilisados.

Surgiria delle o reinado do povo?

Ao longe, nas brumas da historia, esta interrogação evocava o vulto luminoso de Washington.

Elle fez sua patria livre e immortal, e escreveu Chateaubriant que em [illegible], onde ful-

gira a sua espada, haviam dentro em poucos annos, brotado cidades.

Podia-se fazer uma republica semelhante á franceza, á suissa e á dos Estados-Unidos da America do Norte.

Podia-se tambem fazer do nosso, um paiz semelhante ao Perú, á Venezuela, á Bolivia, e finalmente ao Mexico, cuja sorte tem oscillado entre ephemeras monarchias e sombrias dictaduras, sem nunca attingir ao luminoso ideal da liberdade.

Um dilemma inexoravelmente levantava-se perante as urnas.

Ou seriam mantidas e nobremente continuadas as tradições da democracia brazileira, e estaria então fundado um governo civil digno de um povo adiantado e livre.

Ou, então, interrompidas e quebradas essas tradições sacratissimas da liberdade, á pretexto de ordem,—teria a historia de velar a sua fronte e quebrar a sua penna ao registrar tão infausto successo.

Triste e silencioso ia o pleito eleitoral, como tenebrosa batalha travada em profunda e erma noite, em que cada qual parecia converter na melhor das suas armas esse silencio e essas trevas, em meio das quaes moviam e agitavam-se as imposições e os conchavos, o terror e as esperanças, os conflictos parciaes, como lutas intestinas

corpo á corpo, no centro do grande combate geral.

Infelizmente sobre as suas prodigiosas e infinitas ondulações não recahia a luz poderosa da livre discussão, nem do seu seio surgia como em outros tempos e em outros paizes, a grande voz apaixonada, patriotica, e livre, das reuniões populares.

Sentia-se por demais na lucta eleitoral, a influencia official, e haviam sido postas á margem as theorias do governo, cujos funccionarios eram candidatos, os ministros em contradicção manifesta com o projecto de constituição, outros, á favor de uma disposição especial que dirimia todas as incompatibilidades para a eleição ao primeiro Congresso, aliás, o mais importante, quer historica, quer politicamente considerado.

Na capital federal, foi candidato triumphante, e o mais votado, o chefe de policia, detentor então de um poder immenso, e cujas attribuições illimitadas não conheciam nem as restricções dos recursos legaes, nem as da lei immortal do *habeas-corpus*, da superioridade judiciaria e hierarchica dos tribunaes, ministro absoluto da policia que era, e senhor da liberdade individual de todos os habitantes da cidade de Rio de Janeiro, por onde apresentava-se á deputação, e cujo peito lanceado muitas vezes varára com a sua terrifica e inexoravel autoridade.

Nunca tal se vira durante o imperio, nem em paiz algum civilisado.

Quasî todos os candidatos, e certamente todos os que depois foram eleitos, manifestavam perfeito accordo de vistas com o governo, e, alguns, conforme o declarou o barão de Jaceguay na sua interview com a *Gazeta de Noticias*, pensavão que durante alguns annos ainda devia a manutenção da ordem publica ficar á cargo do exercito e da armada, o que importava, certamente, em aconselhar e reconhecer a limitação dos direitos populares, e pedir o predominio da força.

Como si em um paiz adiantado e livre, não dimanasse a garantia da ordem, senão do justo equilibrio das liberdades publicas, e do reciproco e mutuo respeito dos direitos das differentes classes que compõem a universalidade da nação!

Disso é eloquentissimo exemplo a França republicana de hoje, que apezar da sua secular tradição historica monarchica, nunca viu no longo periodo de 20 annos, perturbada a sua paz interna, e que nas lutas, que ainda ha pouco sustentou contra o *boulangismo*, só fez valer as armas fecundas das leis e o influxo potente e enthusiastico da liberdade, contra impossiveis pretenções dymnasticas.

Singular missão para a força armada, consistente em convertel-a em mantenedora da ordem pu-

blica, que, aliás, nunca foi perturbada, quando mais nobres emprezas reclamam os seus esforços e os sacrificios do masculo patriotismo, que deve alental-a.

Destruida a monarchia, fundada a republica em um paiz americano como o nosso, consolidada a paz publica, desnecessaria é de todo essa vigilancia.

Aliás, outra é a gloriosissima missão dos exercitos.

Leonidas não permaneceu em Sparta para alli manter a ordem, preferiu combater e morrer nas Thermopylas em obediencia ás leis sagradas dessa sua patria immortal.

Realisada a eleição em meio das circumstancias que deixamos de leve indicadas, apoderou-se do espirito publico a opinião, parcialmente desmentida pela realidade, que seria o Congresso, uma camara humillissima, enthusiastica e muda perante o poder, tendo só a coragem dos applausos.

Reunido, porêm, esse congresso que foi o producto de uma eleição silenciosa em que cada qual pareceu guardar o segredo das suas convicções, sobre uma fracção delle levantou-se, fecunda e forte a inspiração das tradições livres do Brazil.

Quiz essa fracção tomar em mão a bandeira da democracia ; essa, que na phrase immortal de Lamartine, fez a volta do mundo ; com fortunas varias, successivamente ergueu-se na França, na Suissa, diversas vezes na Hespanha, em toda a America ; há vinte annos ensombra os monumentos de Pariz, e há já um seculo, fluctua em Washington, como sobre o imperecivel Capitolio da liberdade moderna.

A bandeira que proclama a liberdade da imprensa.

A liberdade da tribuna.

A liberdade eleitoral.

A liberdade da elegibilidade sem restricções nem exclusões.

A liberdade de reunião.

A liberdade de consciencia.

A liberdade de religião.

A liberdade individual.

Bandeira que sagra todos os direitos, divinisa todas essas prerogativas do cidadão, e as torna inviolaveis.

Impoem a livre discussão dos orçamentos.

A restauração do imperio da lei.

O restabelecimento do sagrado recurso do *habeas-corpus*.

A livre defesa dos accusados, sacrosanto principio que só a barbaria póde negar.

Bandeira que combate a intervenção dos governos nos pleitos eleitoraes, e o systema das candidaturas officiaes publicadas em chapas na imprensa e affixadas nas paredes funerarias das eleições sob a forma de boletins do governo, como vimos nesta capital.

Que garante a inviolabilidade do cidadão, e o triplice respeito da sua liberdade, da sua consciencia e dos seus direitos civis e politicos, seja leigo ou sacerdote, brasileiro nato ou naturalisado.

Que passando pelas Siberias de todas as patrias e pelas ilhas graniticas em que ha proscriptos, embebe-se nas suas lagrimas e acolhe os seus lamentos.

Que, como sombrio e immortal protesto, ergue-se sobre os tristes periodos politicos em que apagam-se as leis e supprimem-se as liberdades publicas.

Que abriga em sua vastissima amplitude, exercitos, armada, povo, os direitos de todos, as aspirações e as immorredouras esperanças do paiz.

.......................................

.......................................

.......................................

.......................................

E' cedo ainda e inpportuna a occasião, para escrever-se a historia d'esse Congresso, dissolvido há apenas dias.

Os factos em breve darão ao mundo testemunho pro ou contra elle.

Julgal-o-há a posteridade, e praza á Deus que ella lhe seja menos severa que o juiso dos contemporaneos.

---

## DIPLOMACIA

---

Em todas as espheras exerceu-se a absorvente actividade do Governo Provisorio.

Na diplomacia deixou concluidas tres obras: o tratado das Missões, o tratado commercial que celebrou com os Estados Unidos, e a convenção litteraria assignada com o governo francez.

Não constitue anachronismo tratar por ultimo da acção diplomatica da dictadura, pois que são quasi de hontem esses dous ultimos tratados, celebrados durante as sessões do Congresso.

Estudar o tratado das Missões, é inutil: a consciencia brazileira entristecida conhece por demais o assumpto, discutido e soffregamente decidido pelo Sr. Quintino Bocayuva, por entre os festejos de Montevidéo, e pode-se dizer, nessa hora

de singular enthusiasmo em que doou á um vencedor toureiro argentino o seu relogio, que certamente para sempre ficará designando á posteridade essa hora de desamor á terra brazileira, outrora disputada com patriotica avareza pelos nossos maiores, e por nós convertida em facil assumpto de amistosa transigencia.

As ruidosas ovações de que, no Rio da Prata, foi alvo o ex-ministro Quintino Bocayuva, echoárão nas almas brazileiras como clamores festivos em confronto com pungentes magoas.

A' dor nacional não era, porém, licito nem inquerir do ignoto tratado nem deplorar esse mysterio em que encobria-se, e que mais trevosa ainda tornava a tristeza da alma nacional, ao passo que as alegrias argentinas espadanavam como um grande sol glorioso á triumphar sobre as paginas desse tratado, que, dizem, levão em si, rios e extensos territorios, e seguramente as seculares tradicções do Brasil e as suas, até alli, indefectiveis reclamações.

Governo republicano, o provisorio, nunca teve a intuição das praticas do liberalismo, da democracia, e da verdadeira republica.

Quanto differiu de todos os governos populares de que faz menção a historia politica contemporanea !

para ir ao encontro dos applausos do estrangeiro, os labios emmudecidos dos brazileiros occultavão um acerbo sentimento que a Posteridade ha de partilhar.

Nada diremos sobre o tratado com a America do Norte, que constitue assumpto de hoje, sendo intuitivo que, á primeira vista, parece mesquinho e irrisorio favor conceder isenção de taxa só ao assucar brazileiro de qualidade inferior.

E porque não ao de qualidade superior?

Pois a concurrencia se estabelece entre os generos de peior qualidade?

Será vantajoso que o commercio brazileiro fique adstricto ao fabrico de assucar ordinario, e será crivel que essa exportação possa aproveitar da promettida isenção de taxa?

Não é de todos sabido que a fabricação do assucar, attingiu elevado gráu de perfeição, e que a concurrencia trava-se exactamente em relação as boas qualidades?

Aliás, a discussão publica reduziu esse tratado á seu real valor.

Chegámos á convenção litteraria.

Sabemos que vamos de encontro á opinião geralmente manifestada na imprensa fluminense [illegible] titulo de proteccionismo.

Não podemos entretanto deixar de dizel-o : a convenção litteraria com a Europa é um erro e um mal.

As litteraturas europeas constituirão e constituem para nós copioso manancial do qual não podemos prescindir.

Difficultar entre nós a diffusão das producções dessas litteraturas, é commetter verdadeiro attentado contra o espirito nacional, que precisa robustecer-se e alimentar-se com esses elementos estrangeiros.

A Europa actual, e particularmente a França, só conseguirão o seu extraordinario adiantamento scientifico e litterario á custa do trabalho das gerações passadas, e tanto assim o comprehendeu que conteve dentro dos limites de curto prazo o direito da propriedade litteraria afim de logo em seguida aproveitar á collectividade, o glorioso e fecundo trabalho dos seus sabios escriptores.

Nós, povo incipiente, condemnado á todas as difficuldades das creações humanas, balbuciando em uma litteratura que começa, luctando em uma industria quasi que nascitura, á bráços com mil embaraços, tendo necessidade de illustrar o nosso espirito, de fortalecel-o e fecundal-o com o germen de fortes trabalhos, como vamos difficultar a obtenção de todos esses elementos de trabalho, de-

ensino, e de propaganda, que reclamão as condições vitaes da alma brazileira?

Em uma epoca de triste positivismo, a convenção litteraria foi o producto do mais nefasto sentimentalismo.

Vem ferir os legitimos interesses dos editores nacionaes que até aqui livremente traduzíam as obras estrangeiras de maior merito, afim de pol-as ao alcance de todos.

Vem quasi que destruir as emprezas editoras brasileiras, creando-lhes mil embaraços e obstaculos, sem proveito, aliás, para os auctores estrangeiros, e com grande prejuizo de interesses publicos de ordem superior como todos aquelles que dizem respeito ao progresso intellectual de uma nação.

Infeliz foi a diplomacia do governo provisorio

De todos os seus actos resultou sempre manifesta desvantagem para o Brasil, decidindo precipitadamente a questão das Missões, abrindo os seus mercados á invasão dos generos americanos favorecidos pelo tratado commercial á troco da protecção que a America do Norte promette dispensar *á peior qualidade do nosso assucar*, e finalmente privando-nos da torrencial producção scientifica e litteraria da França sem compensação alguma!

Durante muitos annos a Belgica explorou a litteratura franceza, em um dos seus mais bri-

lhantes periodos, e no proprio idioma e texto originaes.

O Brasil, porém, não poderá mais traduzir um trecho das obras primas da actualidade, para fazel-o admirar ás classes populares, que não conhecem a lingua franceza, porque a isso podem oppor-se os termos da convenção litteraria.

A' par dessas enormes desvantagens é pura utopia, pensar que d'ahi resultará o proteccionismo á favor da nossa litteratura nacional, a qual de certo, não póde competir com a franceza, que é o producto apurado de uma civilisação que não possuimos, e de tradições que se vão prender á espiritos immortaes.

Aliás, Alencar não precisou esperar por esse fallacioso proteccionismo litterario para escrever as suas obras primorosas.

Só podem ser celebrados tratados de reciproca permuta quando as partes contrahentes, achão-se em igualdade de condições.

Do contrario torna-se o contracto desigual, revertendo todas as vantagens á favor de uma dellas, ficando a outra onerada com todas as desvantagens.

Victor Hugo qualificou Pariz de capital da França, e esta de capital do mundo.

Com effeito ella é a capital do nosso mundo intellectual, donde irradia a luz que tem fecundado

o espirito brasileiro nas producções da sua legislação, da sua poesia, da sua litteratura e dos esforços da sua sciencia incipiente.

Tem sido o fóco poderoso á que se tem procúrado acercar a alma da nossa patria, pelo estudo não só da sua historia, como pela contemplação de todas as grandezas desse povo francez, genial e glorioso representante da raça latina.

Delle recebemos o forte halito que tem de alentar a nossa vida intellectual, e que no cumprimento da sua historica missão cabe-lhe o dever de transmittir-nos, á nós tambem representantes na America dessa mesma raça para cuja gloria tanto elle tem feito.

E' bem de vêr que não podemos crear contra nós mesmos obstaculos injustificados, que venham ainda mais atrazar-nos, difficultando a instrucção e illustração do espirito brasileiro, e isto sem vantagens apreciaveis para os auctores francezes.

Custa a crêr que o governo provisorio tenha sido tão facil em celebrar esse convenio, quando das nações européas, muitas reluctárão em fazel-o, que achavam-se em condições muito mais auspiciosas que as nossas.

Sentimos neste ponto divorciar-nos do modo de pensar do grupo dos moços escriptores brasileiros da actualidade.

Elles veêm na convenção, o proteccionismo á favor da litteratura nacional.

E' isso um verdadeiro erro.

Não ha proteccionismo em materia de arte ou de litteratura.

As producções do espirito humano são liberrimas.

Zombam dessas mesquinhas leis.

Tem vida propria.

Assimilão-se ao espirito dos contemporaneos pela sua propria força de expansão.

Não carecem de leis para lhes abrir espaço nas sympathias, admirações ou enthusiasmos do publico.

Não dependem de convenções diplomaticas.

Os maiores chefes-de-obra, antecederão de muitos seculos esses modernos tratados.

A questão não póde portanto ser discutida sob esse ponto de vista, nem sustentado o tratado com taes argumentos.

Não o podiamos celebrar, porque estamos em condições muitissimo inferiores á França, que tem soberanamente invadido todos os dominios da arte.

Tributarios que somos da sua industria, compradores de todos os generos do seu profuso fabrico, fornecedores da materia prima de muitos delles, que, por alto preço tornamos a rehaver de-

pois de manufacturados, não èra demais que participassemos das grandiosidades do seu esplendoroso espirito, dos irradiamentos da sua alma artistica e litteraria, das proficuas lições dos seus mestres e dos seus sabios.

A convenção veio collocar uma teia de obstaculos e de formalidades diante da nossa avidez de aprender e dos nossos assomos de enthusiasmo.

Creou uma alfandega em cujas mesas deverá pagar a nossa admiração.

Fel-o improficuamente, attendendo já as difficuldades meticulosas necessarias para a execução pratica da convenção, já para o insignificante resultado pecuniario que della poderá advir para os auctores francezes verdadeiramente dedicados á boa litteratura, ao passo que vai impossibilitar a missão dos nossos editores em lucta com essas meticulosidades do tratado.

Este só aproveitará aos auctores francezes dedicados á opereta, ás revistas e ás magicas.

Mas, em França mesmo, esta classe de auctores não póde collocar-se no plano em que acham-se os escriptores serios, com quem não se póde querer confundir o lamentavel industrialismo theatral da nossa época.

Este genero de producção bastarda será carecedor de protecção e applausos em grau tal que faça predominar o seu interesse venal e mercantil, so-

bre os immortaes interesses do espirito e contra a propria gloria da arte franceza cuja missão civilisadora entre nós ninguem poderá pôr em duvida?

Com Portugal póde-se admittir a convenção litteraria tendo-se em vista a identidade da lingua, que torna accessivel ao nosso publico a leitura das suas producções no proprio texto do auctor e nas suas genuinas edições

Convem, porém, observar que o estudo das obras francezas tem sido o factor principal da marcha ascendente e brilhante progresso da litteratura portugueza.

Si portanto attender-se ás razões que deixamos aqui expendidas, a conclusão logica será que tambem em relação a convenção litteraria com a França, foi infeliz, desnecessaria e certamente incompetente a iniciativa do extincto Governo Provisorio cuja caracteristica sempre foi querer perpetuar sua acção politica em obras definitivas ou duradouras, legislando sobre todos os assumptos internos e negociando extemporanea e soffregamente tratados desvantajosos para o Brazil.

Na administração dos estados, não é a soffreguidão que dá a gloria.

Ella dimana do desinteresse, do esquecimento de si mesmo á beneficio do bem commum, da serenidade de animo e da modestia das intenções auxiliada por genuinos sentimen[illegible]otismo.

Quiz o Governo Provisorio deixar em toda a estructura da historia politica do Brazil, signaes immorredouros da sua passagem pelo poder.

A historia sagrou immortal Washington exactamente por que elle nunca pensou em immortalisar-se a si proprio.

Si a obra do Governo Provisorio pódè ser comparada a um monumento, nós os contemporaneos podemos dizer que o coroamento della, não foi de certo a Liberdade.

Dirá a Historia, á sua vez, si foi a Gloria.

---

## LEI TORRENS E LEI ELEITORAL

---

Um momento de reflexão e duas palavras sobre essas leis, será o bastante para comprehendel-as, e qualifical-as.

E' inutil discutir o merecimento do systema Torrens, que si tem a vantagem de libertar a propriedade immovel das antigas difficuldades que encontrava na sua transmissão, tem as desvantagens dessa propria actual facilidade de transmissão que de certo deixa menos protegido do que estava, o patrimonio das familias.

Essa desprotecção reverte em favor da facilidade das transacções commerciaes que a lei Torrens tem em vista avantajar.

E' certo que o registro Torrens tem encontrado grandes louvores na Europa—mas é certo tambem que só um dos estados componentes dos Estados—Unidos da America do Norte, o poz em pratica até

ha pouco tempo, o estado de Iowa; que a França apenas tentou uma experiencia nas suas possessões da Tunisia, e que a Inglaterra ainda acha-se em estudos á respeito da sua applicação.

Em todo o caso, o acto de incumbir á uma companhia commercial, o Registro Torrens — não póde salvar-se á favor da inculcada bellesa do systema.

Esse serviço e todas as vantagens que delle decorrem, não pódem deixar de reverter para o estado.

Immiscuir o interesse e a acção particular no cadastro official da propriedade, é delegar uma fracção da inalienavel soberania nacional consubstanciada na entidade do Governo.

Na sua sabia informação ao Chefe do Governo Provisorio, em data de 12 de Janeiro de 1891, o ex-ministro da fazenda, Sr. Ruy Barbosa, argumentou tendo em vista a fé publica dos tabelliães, que, no dominio das leis civis revogadas por elle, transmittia a propriedade.

Não se trata, porém, dessa fé publica apenas relativa aos actos praticados pelas partes contrahentes nessas escripturas, e sim, porém, da obrigatoriedade da matricula como acto essencial para constituir prova de propriedade, exigencia esta que ser-nos-há permittido capitular de attentatoria desse mesmo direito de propriedade, que engano-

samente a Companhia Torrens inculca consagrar.

Iniquo e injustificavel imposto lançado á propriedade, unicamente em favor de um interesse particular.

E tanto assim é, que os primitivos concessionarios do Registro Torrens, transferirão seus direitos á uma companhia mediante a importante quantia de seiscentos contos de réis, ou talvez mais.

E não foi exagerado o preço da venda, tendo-se em vista a área immensa aberta á acção e aos lucros da Companhia Torrens.

Si o principio é fecundo não é menos exacto dizer que cahiu no chão de uma especulação commercial, porque a Companhia Torrens, não é corporação politica, repartição publica, ou instituição pia, e, sim, genuinamente uma associação mercantil.

Resulta, pois, que assim organisado, o Registro Torrens constitue um imposto lançado á propriedade em favor de uma companhia commercial, acto esse inqualificavel que associa illegalmente particulares aos rendimentos do estado.

Além de que, é constituir a suzerania da Companhia Torrens sobre a propriedade urbana, á respeito d[illegible]xiste a obri-

gatoriedade da matricula nos seus registros.

Exemplos celebres provão quão perigoso é confiar á particulares a cobrança dos impostos como, antes da Revolução, dava-se em França com relação aos *Fermiers Generaux*.

O celebre exemplo da Companhia das Indias, attesta, na historia da Inglaterra, a perfidia das administrações commerciaes sobre as populações cujos interesses são por ellas regidos.

O Registro Torrens dá ingerencia á Companhia, não só, sobre o valor da propriedade, assim como sobre a sua legitimidade.

Segue-se que constitue um privilegio attentario do grande principio da inviolabilidade da propriedade nas sociedades organisadas.

A independencia dessa propriedade foi mutilada por esse privilegio que é inadmissivel e intoleravel.

O governo da Dictadura accostumára-se á professar o mais soberano desdem á respeito dos principios e direitos mais respeitaveis.

Engendrando a lei eleitoral contida no decreto N. 511 de 23 de Junho de 1890, produziu um documento que deve ficar como testemunho perpetuo contra elle.

Tratando-se de proceder á eleições no mais pleno dominio dictatorial; quando a liberdade da imprensa achava-se supprimida, e a individual gemia sob as ameaças da celebre Commissão Militar; quando a acção official apparecia em toda a sua fatidica pujança; quando o chefe de policia da capital federal, depois de aterrorizal-a, apresentava-se ás urnas, exemplo unico em todos os fastos politicos contemporaneos; o Sr. Cesario Alvim promulgou o artigo 43 do citado decreto, o qual declara que:

« *Em presença da mesa serão que-*
« *imadas as cedulas, excepto as que*
« *na forma do artigo 41 (cedulas vi-*
« *ciadas e votos em separado), devem*
« *ser remettidas ao Ministerio do*
« *Interior.* »

Esse decreto mandava destruir, em acto continuo, a prova de todas as fraudes possiveis e aniquilar o corpo de delicto dellas, destruindo todo e qualquer meio de aferição!

Qual a lei eleitoral que, antes desse historico decreto, animou-se jamais á surgir da mente sagrada e da impolluta consciencia do legislador, trazendo em si a formula e o meio pratico da encampação de todos os vicios previstos, de uma futura eleição travada na unica estreitissima margem que á titulo de consolo,

a dictadura deixára, ás liberdades politicas e aos direitos civicos?

Diante da violação dos grandes principios em que assentão a Verdade, o Direito e a Justiça, só resta appellar para o futuro.

---

## OURO E MISERIA

---

O Governo Provisorio que foi o principal fautor das innumeras emissões de papel-moeda que invadirão o Brazil, e a tutelar divinidade que presidiu á sua diluviana diffusão, comparavel á perfida tormenta, vacillou afinal sobre o real valor desse papel impresso e gravado á que deu curso forçado, e exigiu em ouro o pagamento de uma das suas principaes rendas.

O povo é pago em papel.

O Governo quiz ser pago em ouro.

O Sr. Ruy Barbosa pareceu ter assim descoberto para o estado, uma nova California.

Os aduladores, os ignorantes e os famelicos applaudirão.

Dizião em côro, que fôra uma idea genial.

Affirmavão que por tal forma, o cambio ficava firmado, porque o governo assim provido de ouro,

não viria mais á praça comprar cambiaes, e portanto a falta de procura de saques e a abundancias destes, darião firmeza ao cambio.

Tal raciocinio era simples puerilidade ou inspiração da má fé.

A exigencia do governo para serem pagos em ouro os direitos da alfandega, devia fazer necessariamente desta moeda, uma mercadoria procurada, e logo escassa, em virtude mesmo desse excesso de procura.

Dessa escassez, resultaria fatalmente um cambio desastrozo, por isso que elle nada mais representa, senão o preço do ouro, e este tornando-se escasso, mais encarece.

Este raciocinio que é intuitivo ficou sepultado sob uma alluvião de elogios ao ex-ministro da fazenda.

O cambio começou a peiorar cada dia, e a crise accentua-se de instante a instante.

E' excesso de audacia governativa, ser um governo o iniciador da era sinistra do papel-moeda e quando o vê, profusa e profundamente, introduzido em todas as transações da economia do povo, ser o primeiro a desacreditar esse papel a que deu curso forçado e dictatorial, e provocar a crise do ouro!

Ou indesculpavel arrojo ou culpavel ignorancia.

Por isso Emilio de Girardin, referindo-se aos homens avidos de poderes dictatoriaes, disse que não é só de *poder* que carecem os governos, mas sobretudo de *saber*.

O finado Sr. Belisario Soares de Souza deixou o cambio acima do par.

Quer isto dizer que o papel tinha agio.

Nessa epoca, recusava-se o dinheiro metallico, preferindo-se o papel-moeda, por mais commodo.

O Sr. Affonso Celso conservou-o ao par.

O Governo Provisorio levou-o ao declive em que o vemos todos os dias descer.

E essa vertiginosa queda em que elle vai, tem tido como fatidica consequencia a alta de todos os preços e caristia de todos os generos.

Não podem deixar de ser os prenuncios da Miseria.

O seu sinistro espectro ja surge por entre o tumulto e o alarido das especulações, a que o auxilio das emissões autorizadas pelo Governo, deu lugar.

Si o estado está de gladio em punho nas suas alfandegas, á exigir ouro, o capitalista está no seu Banco á extorquir juros de 2 1/2 ou 3 °/. ao mez ; o proprietario conserva-se aga-

chado por traz do seu direito, e duplica o aluguel das suas propriedades; e á sua vez o negociante victima tambem de exigencias, levanta todos os seus preços.

E' este um facto conhecido.

A cidade do Rio de Janeiro tornou-se inhabitavel devido á carestia da vida.

Que deve, pois, o povo fazer em taes circumstancias, senão attribuir á quem de direito a responsabilidade dos seus males?

E no emtanto, quem se reportar á pouco tempo atraz, lembrar-se-ha ainda de todas as orgulhosas affirmações do Governo absoluto da Dictadura, promettendo até extinguir a divida publica, e á favor do arrojo dessas impossiveis e irrealisaveis pretenções, batendo no solo e fazendo delle surgir bancos de emissão em todas as regiões do Brazil!

A' profusão desses bancos e dessas emissões, unida á exigencia do imposto em ouro, devemos a crise em que nos achamos.

A verdadeira extorsão desse ouro, cada vez mais raro, que o estado implacavelmente faz nas suas alfandegas, vai avolumando-se com todas as cobiças ao través das camadas sociaes em que os interesses sobrepoem-se uns aos outros e augmentam a somma das exigencias, para finalmente precipitar-se sobre o lar e a vida do

pobre, que destroe e aniquila, como medonha avalanche, e assombrosa voracidade a devorar a propria substancia da vida do povo.

Ahi virá em breve a Miseria com seu cortejo de lagrimas e de crimes, e de seus labios lividos cahirá a implacavel condemnação desses medonhos erros, filhos do orgulho do absolutismo.

# O MILITARISMO

---

O amor idéal á liberdade, é a mais justa das aspirações das consciencias.

Renegão esse ideal os politicos ambiciozos, e a turba multa daquelles cujas opiniões mercadejão-se á troco de gozos, riquezas, honras, cargos ou distincções.

A consciencia estoica, é o aspero rochedo sobranceiro á essas aguas toldadas que alternadamente sóbem e descem, e sobre elle vem pousar, em tragica despedida, os ultimos raios e o pallido reflexo da estrella da liberdade.

Muitos desamão esse ideal, de que disse Victor Hugo, que existem dous nomes para designal-o : os philosophos o chamão assim ; e certos politicos substituem a palavra ideal pela de chimera.

Só o comprehendem bem, e para elle tem echo como marulhoso mar, os povos ja feitos, que em seu potentissimo peito levão tradições de luctas e sacrificios corajosamente supportados sob o labaro de uma alma engrandecida nos trabalhos de uma vida muitas vezes secular.

Não acudiu a Danton, a idea de entregar os destinos da França, á espada de um dos generaes da Republica.

Preferiu entregar a cabeça ao fio do cutello da guilhotina.

A' cem annos de distancia, não veic ao espirito dos exercitos victoriosos dos Estados Unidos, á troco da victoria que elles tinhão dado á unidade da sua Patria, arrebatarem o mando supremo no governo da republica.

Vindos dos campos ensombrados pela morte; das cheias dos rios; das praças sitiadas e famintas; das batalhas em que centenas de milhares de soldados se havião empenhado; arrastando comsigo as glorias e os horrores de medonhos combates e de gigantescas batalhas, assim como os bradantes lamentos e o echo immorredouro dessas luctas horrorosas, cheias de heroismos e de abnegações; em meio dessas finaes e tragicas apotheoses da guerra, ainda todas orvalhadas de sangue, e de cujo seio surgia um grito immenso de victoria, destinado a ser repercuti-

do no porvir, estacárão esses exercitos triumphantes, dos quaes pode-se com verdade dizer, que levavão em si o espirito e a alma de Washington.

Detivêrão-se todos esses innumeros combatentes que ainda trazião sobre os corpos as dores de todos os sacrificios á que se havião sujeitado, e com elles estacàrão peças que havião bramido nas pugnas, parques de artilheria que tinhão destruido exercitos e cidades, cavallaria que tinha ido procurar a victoria no delirio e na vertigem das cargas, e essas mesmas bandeiras dos batalhões e dos regimentos que a lucta, a morte e a gloria tinhão sagrado.

Desse conjuncto formárão, em homenagem á patria, á liberdade e á lei, um tropheu de guerra esplendoroso e de gigantescas proporções, a cuja sombra despedîrão-se uns dos outros e separárão-se para sempre, esses heróes da guerra da secessão, que forão em seguida trabalhar e morrer nos campos luminosos do seu paiz.

Nunca poderá a historia registrar exemplo de maior abnegação e mais puro e entranhado amor patrio.

Quando o Brazil foi aggredido por Lopez, que na sua qualidade de tyranete do Paraguay; o havia incitado contra nós, o nosso exercito re-

forçou-se com os numerosos contingentes desses Voluntarios da Patria, dos quaes muitos nunca mais volvêrão a seus saudosos lares, e outros cobrirão-se de gloria, expondo-se aos maiores perigos em meio dos quaes a morte poupou-os, como que commovida por tanto heroismo aninhado na singeleza das suas almas de filhos do povo.

Não é, pois, no Brazil que se deve receiar o predominio da força armada.

Elle será para sempre a patria da liberdade, dessa liberdade que terá para refugiar-se, a profundeza das florestas, o asylo das solidões, e as margens dos nossos grandes rios, cujas vagas alterosas, tomando-a nas suas cristas, de novo leval-a-hão ás capitaes, si jamais ella tiver tido de abandonal-as, para ir abrigar-se no seio inviolado da nossa natureza, e retemperar-se nas suas assombrosas torrentes.

---

## REFORMA JUDICIARIA

---

Ao pizar a pedra sagrada do limiar do templo das leis brasileiras, o legislador-dictatorial, ahi defrontando com o juiz popular, singela e gloriosamente chamado Juiz de Paz, desfechou-lhe logo o mais terrivel golpe da sua tremenda clava, supprimindo essa nobilissima classe dos magistrados eleitos pelo povo, e substituindo-a pela dos pretores, que foi pedir de emprestimo a monarchica Italia.

Nefasta e execranda acção exercêrão sobre as liberdades publicas o extincto ministerio de 15 de Novembro e seus mesmos temerosos auxiliares, que agora sahem á luz da imprensa simulando alentarem patrioticos e magnanimos receios pela sua inviolabilidade, quando elles lhes forão mais do que crudellissimos oppressores, e até implacaveis e intolerantes destruidores.

Na base das instituições judiciarias, o legislador da dictadura extinguiu, pois, os Juizados de Paz, e eliminou o magistrado popular escolhido pelos seus pares, sagrado pela estima e pela affeição do eleitorado.

Trazendo nos labios a palavra liberdade, mas de cĕrto, na mente tendencias autoritarias e reaccionarias, logo calcou triumphantemente á luz do nosso sol americano, o immortal principio da participação do Povo na distribuição da Justiça, principio adiantado e liberrimo.

Expulsou do templo immortal dessa Justiça, a nobilissima corporação dos juizes populares contra a qual nunca havião sido levantadas arguições serias.

Creou o Pretor Italiano, mas esqueceu o Juiz de Paz suisso e americano, e destruiu o nosso.

Ascendendo á orbita da mais bella das manifestações do principio da participação do povo nos negocios judiciarios, invadiu o Pretorio do jury, cuja instituição deixou mutilada, diminuida a sua competencia, limitada a sua esphera de acção, cerceada a sua alçada á que arrancou numerosos e importantes julgamentos.

Destruir a interferencia e coparticipação do Povo nas decisões judiciarias, que tanto interessão á communhão social, certamente nunca será digno do espirito de uma verdadeira democracia.

E tambem não poderá esta existir em um paiz em que tiverem sido sopitados e destruidos todos os principios da liberdade, e depositados nos alicerces sociaes os germens mais activos do autoritarismo e de todas as reacções violentas e as mais energicas do estado contra o individuo, assim jugulado nos baseamentos das instituições, como o antigo servo nos subterraneos do feudalismo.

Destruido o sabio e bem ordenado julgamento perante o Jury, para muitos dos delictos que até agora erão da sua alçada, forão estes submettidos á chamada Junta Correccional perante a qual o réu defende-se por meio de allegações escriptas! (Reforma de 14 de Novembro de 1890 dec. n. 1030 art. 69, no final.)

Para demonstrar quão imperfeito é o decreto-lei da novissima reforma judiciaria, em que descobrem-se retalhos de todas as legislações, vocabulos francezes designando a imitação tambem franceza da creação de *camaras* e de *côrtes*, ao passo que a creação dos pretores denuncia copia de origem italiana; para demonstrar as imperfeições numerosas desse decreto — lei, basta attender ao antagonismo em que se achão relativamente umas ás outras, as suas proprias disposições.

Nos tribunaes que creou, estabeleceu jurisdicções: a civil, a commercial, a criminal.

Na pessoa do Pretor, reunio-as todas.

Há uma camara civil, uma camara commercial, uma camara criminal. (Reforma capitulo IV).

Mas é o Pretor ; 1°, juiz civil; 2°, commercial; 3°, orphanologico ; 4°, de ausentes ; 5°, da provedoria ; 6°, juiz de Paz ; 7°, juiz de casamentos ; 8°, juiz do Registro Civil ; 9° criminal ; 10°. Presidente da junta correccional.

Absorve dictatorialmente a alçada do modesto e glorioso antigo Juiz de Paz, nefastamente supprimido !

Decide todas as questões até a alçada de um conto de Reis.

Tem jurisdicção soberana e privativa no seu respectivo districto, do qual está destinado a ser verdadeiro dictador.

Si fôr licito, a um modesto escriptor brasileiro, expressar livremente a sua opinião theorica, diremos que assim concebida, a creação do cargo de pretor, é impossivel e impraticavel.

Ella cria o feudo judiciario nos districtos.

Exige do magistrado novel, multiplices conhecimentos a respeito de todas as especialidades juridicas ; poem a seu cargo um sem numero de serviços para os quaes faltar-lhe-ha necessariamente o tempo, e aos quaes só depois de larguissima experiencia poderá fazer face, na extrema variedade das especies, su[illegible] sua decisão.

Com effeito na nomenclatura dos servicos a cargo do Pretor, vai todo o mundo social, e judiciario : divididos esses serviços pelas differentes Camaras na segunda instancia, concentrão-se tumultuosamente na pessoa do juiz singular, sem que o legislador da dictadura possa razoavelmente explicar a razão porque ali dividiu as jurisdicções, accumulando-as aqui.

A differença das alçadas importa pouco, porque em relação á Justiça, tudo é absoluto, e nada, relativo.

Resignando o poder, tragicamente exercido em meio do terror indignado de todas as almas nobres, o impiedoso legislador do ministerio de 15 de Novembro, deixou no Direito Criminal Brasileiro, a pena execranda de prisão cellular que prodigalisou á quasi todos os delictos, e que no nosso clima luminoso e quente, mais do que em nenhum outro, equivale á pena de morte, pois arranca ao condemnado o calor que é a vida, a luz que é a esperança nos nossos paizes tropicaes, e crudellissimamente precipita-o no silencio e nas trevas dos ergastulos.

Possão a Posteridade e a futura Democracia brasileira, perdoar a esse legislador, as suas vaidades, os seus erros, e essas implacaveis mutilações contra as obras do espirito moderno e as creações da verdadeira liberdade civil e politica.

---

## A REPUBLICA E' REPUBLICANA?

---

E' necessario ter a coragem de dizel-o: o destino trahiu a causa do partido historico republicano, e semeou com a flor das suas nobilissimas aspirações de outr'ora, o triumphal estadio por onde os néo-republicanos de hoje chegárão as alturas da Republica e galgárão as suas posições no poder.

O portentoso espirito politico de opposição republicana que denodadamente combateu o imperio nos dias do seu maior esplendor, não conseguiu illuminar com a sua luz gloriosa a almejada terra da promissão, e, sacrificado, viu em breve tempo sumirem-se todas as suas fulgurações como as de um astro extincto sobre o proprio tumulo dessa monarchia que tanto elle perseguira com seus formidaveis clarões.

Tamanho foi o seu desastre, que muitos daquelles sobre cujas frontes elle havia posto alguns dos seus mais fulgentes irradiamentos, parecêrão esquecidos dos tempos idos, e de todas as agonias da via dolorosa que seguira a propaganda republicana.

Destruido o imperio, ficou o seu systema de governo, ficárão os seus velh[illegible] e os seus

mesmos methodos, as suas normas, e as suas praxes.

O seu cadaver foi levado para o cemiterio da historia politica.

O seu espirito, porém, tirou acerbo desforço da violencia physica que soffrêra na destruição do seu poder temporal, e permaneceu invicto e dominador.

Ao ex-imperador do Brazil, foi dado assistir a um curioso e profundo espectaculo, qual o da continuação do seu proprio reinado na sua auzencia.

Mesmos homens, mesma politica, mesmas praticas.

A alma da monarchia invadiu victoriosamente o governo da republica, e o imperialismo desterrado, poude librar o mel de satanica alegria, ao ver cahido no chão do Brazil, o grande cadaver do seu velho inimigo e temeroso adversario, o partido historico republicano.

Nobilissimo combatente de outros tempos, esse partido hoje destruido e apunhalado pelas injustiças da sorte, poude, ao cahir, repetir o grito do grande Spartano, e como elle dizer á historia: « Aqui morrêmos em obediencia ás leis da Patria e da Liberdade ».

Aos seus injustos detractores, deve esse cadaver, arrancar grito igual áquelle que o duque de Guise arrancou ao rei de França, Henrique III, exclamando no historico palacio de Blois, diante

do corpo do assassinado : « Morto, parece-me ainda mais alto do que quando vivo ! »

Nelle ainda palpita a alma da nação brazileira.

Forão os seus sacrificios que dèrão o poder aos homens hoje victoriosos.

Arauto da liberdade, esse velho partido republicano historico, disperso, isolado, perseguido, despresado e humilhado, foi o combatente perenne jámais desanimado, que nunca poude vender sua consciencia nem atraiçoar sua bandeira immaculada, e que chegou aos tempos da republica, com o peito arquejante, o coração lanceado por muitas dôres, a fronte devastada nas pugnas, tendo, porém, sobre os labios, ainda um ultimo alento, para depôr no sólo da Patria, com o seu ultimo osculo, o germen sagrado do seu amor á liberdade.

Outros chegárão á Republica sobrecarregados com os favores do Imperio.

Quando os elementos actualmente triumphan tes, ficarem gastos pelo tempo, impopularizados pelas exigencias da opinião, enfraquecidos pelas difficuldades do governo, levantar-se há então a grande aureola da Liberdade, que foi a luz inextinguivel que os republicanos do tempo do imperio accendêrão, em dias trevosos, nos horisontes patrios, e que ha de guiar o porvir nas suas infalliveis e ineluctaveis vindicações politicas, sociaes e autonomicas.

---

## UM PROBLEMA POLITICO

A revolução politica de 15 de Novembro de 1889, deixou atraz de si um ponto de interrogação.

Quaes terião sido os destinos da nação, a sorte da monarchia, e a solução da crise, si o marechal Deodoro, arrastado pelo enthusiasmo, e cedendo aos impulsos dos Srs. Aristides Lobo e Quintino Bocayuva, não tivesse adoptado, como adoptou, o grito de: VIVA A REPUBLICA?

O movimento que originou a revolução, desde o seu principio foi militar; devido á assumpto dessa natureza, motivado pela ordem de embarque que recebeu um batalhão, e em que este viu o começo de execução de um plano de disseminação do exercito, cujo fim seria o seu licenciamento. Toda a sua organisação fôra militar — seus principaes chefes erão officiaes superiores, e a sua primeira manifestação fez-se logo desdobrando bandeiras, sahindo

de quarteis e formando em batalha, com artilheria.

O elemento civil e popular, o principio doutrinario, póde-se considerar que appareceu em meio do conflicto, como para sagrar, em nome da liberdade e das aspirações republicanas, a justa causa dos inimigos do governo de então.

Triumphante, o movimento convertido em revolução, conservou a primitiva e natural caracteristica da sua origem, fazendo-se governo provisorio, porém militar.

E' um bello thema que se offerece ás meditações de todos os brasileiros, inquirir o que ter-se-ia dado, si o elemento republicano, deixando o movimento de indignação do exercito dirimir sua contenda com o ministerio Ouro Preto, não houvesse interferido nesse conflicto, levando aos militares o prestigio das suas tradições, e o enthusiasmo das suas aspirações nacionaes e politicas.

Vencido esse ministerio Ouro Preto, expulso violentamente do poder por uma poderosissima demonstração militar, teria sido substituido por outro que promoveria a solução pacifica e amigavel das questões pendentes.

Terião persistido, porém, no proprio organismo do governo, o germen da revolta e o principio da revolução.

O poder que a monarchia continuaria a exercer seria um poder já mutilado, offendido e prejudicado na sua plenitude, contestado, humilhado e até vencido.

Ella traria no coração o largo e irremissivel ferimento produzido por essa primeira derrota, prenuncio de outras muitas.

Si, cedendo ao prestigio da occasião, formasse um ministerio em que predominasse o elemento militar, em mãos delle perderia a sua autonomia.

Qualquer ministerio parlamentar que organisasse, seria fraco e estaria sempre sob a tutella dos victoriosos.

Dahi resultaria de certo a maior das anarchias governamentaes: destruida a sua integridade de poder, o imperialismo vacillaria em todos os seus actos, e não poderia manter-se no governo com firmeza nem dignidade.

Representaria o papel de um governo apenas tolerado.

Sem força physica e sem auctoridade moral, qual a fatalidade que o esperaria, a não ser uma quéda proxima e certa?

Em meio das extremas difficuldades que o haviam de assoberbar, poderia elle encontrar no paiz, algum elemento de força que collaborasse para a restauração do seu prestigio perdido?

Não parece possivel essa solução.

A monarchia desligada dos seus ultimos adeptos, que haviam sido os abolicionistas, os quaes a tinhão abandonado quando ella separára-se do ministerio João Alfredo,—não podia esperar encontrar auxiliares em nenhum ponto do paiz e em nenhnma das classes do povo brasileiro.

Inimisada com os agricultores e proprietarios ruraes, que não a queriam mais supportar.

Vencida pelas classes militares, que lhe haviam infligido crudelissima e assignalada derrota,

Servida por dous partidos desorganisados e gastos em infecundas luctas intestinas ; sem ponto de apoio na opinião, e sem elementos moraes de resistencia, o poder que deteria em si, não seria mais a expressão de uma grandeza, nem a causa de felicidades, e constituiria antes um verdadeiro martyrio e uma profunda humilhação.

Em frente á esse martyrio de uma monarchia decadente, sentindo escapar-lhe um á um todos os seus elementos de força, e fugirem-lhe rapidos os seus dias de contestado e fraquissimo dominio, o partido republicano progrediria com desassombro, ganhando maior numero de adeptos, colhendo todas as consciencias, adquirindo para si todas as convicções, augmentando dia a dia a sua força de irradiação, levantando novos enthusiasmos, robustecendo mais ainda as suas tradicões, disseminando

profusamente suas doutrinas, e engrandecendo nessa propaganda o seu nobilissimo ideal.

Quando fatigada pela sua longa agonia, a monarchia representada pelos cabellos brancos do velho imperador, desistisse da lucta, e proferisse o seu adeus ao poder, abdicando a corôa, o partido republicano, sem esforço e sem contestação, tomaria em suas mãos os destinos da Patria.

E si antes disso, a opinião cançada de esperar, recorresse á um movimento de força, contra o imperio agonisante, facil seria á Revolução escalar o poder.

Eis porque a Republica havia de ser, fatal e necessariamente, o governo do Brasil, quer proclamada pelo exercito e pela armada, como foi, quer pelo povo, como poderia tel-o sido.

Qual dessas soluções seria mais proveitosa e mais fecunda?

Sobre o tumulo da geração a que pertencemos, respondam a Historia e a Posteridade.

## CONCLUSÃO

O Dante cançado de percorrer os medonhos circulos do seu pavoroso Inferno, echoante todo de profusos lamentos humanos, aparta-se finalmente do poeta que lhe fôra guia na tormentosa peregrinação do seu immortal poema, e de volta á vida terrestre, exclama no seu ultimo verso:

« E, sahindo, revimos as estrellas. »

Feliz o dia em que, nós tambem, virmos rebrilhar nos céos da nossa Patria, a estrella da Liberdade.

# INDICE